



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL
E PATRIMÔNIO CULTURAL

REDE DE PONTOS DE CULTURA DO MUNICÍPIO DE PELOTAS:
processos de digitalização de acervos na era das tecnologias da
informação e da comunicação

PABLO FABIÃO LISBOA

PELOTAS, 2010.

PABLO FABIÃO LISBOA

REDE DE PONTOS DE CULTURA DO MUNICÍPIO DE PELOTAS:
processos de digitalização de acervos na era das tecnologias da
informação e da comunicação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Pelotas, 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Carlos Blaya Perez

Prof^a. Dr^a. Francisca Ferreira Michelon

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus colegas de curso, que são oriundos de graduações diversas, e, por isso, trazem uma variedade complexa e rica de conhecimentos ao nosso mestrado, fazendo dele uma pós-graduação conectada com a atualidade. Ao Luís Carlos Vaz, ao Guilherme Bruno, à Janaína Schwambach, ao Maiquel Rezende, ao Michel Figueira, à Carolina Bonilha, ao Moysés Neto, ao Rodrigo Torres, ao Alcir Bach, à Francine Tavares, à Nádia Leschko, ao Youssef de Campos, à Jezuina Schwanz, à Deborah Nunéz e à Lizandra Pereira, bem como às minhas amigas de Bagé Ana Lúcia Quadros e Elaíne Bastianello, muito obrigado.

Aos professores Paulo Pezat, Francisca Michelon, Fábio Cerqueira, Letícia Mazzuchi Ferreira, Lúcio Menezes, Sidney Vieira e Úrsula Rosa da Silva, que me propiciaram aulas ricas em debates e me aproximaram dos conceitos de Memória Social e Patrimônio Cultural, meus agradecimentos.

Às pessoas que fizeram e ainda fazem parte da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas, que me receberam com atenção e entusiasmo, servindo de fontes nessa dissertação.

À minha família, que me impulsionou a estudar como forma de alcançar os meus sonhos. A vó Nilzabete, pelo carinho, a mãe Solange pela referência, a namorada Bárbara, pela caminhada em conjunto e pelo amor, ao tio Guto, pela espiritualidade, ao Lucas, pelo ensinamento, e ao Alexandre, pelo companheirismo. Ao meu irmãozinho Vinicius, por me ensinar a dividir tudo sempre, e a todos aqueles que sabem o quanto foram meus apoiadores. Aos meus pais, o biológico, Beto, e o de criação, Walter. Ambos foram muito importantes nesta caminhada. Ao Fournier, por me acompanhar nas reflexões cotidianas, como um dos maiores impulsionadores dos meus estudos. À Bia Cruz, ao Bernardo e à Jaque, à Melina e ao Luciano, à Tônia e ao Cláudio, ao Eloir e à Kátia, ao Vô Fabião, aos meus tios Rubão, Geraldo, Daniel, Beth, Toninho, Paulinho, Dinho, Rubens e Iela, pois todos foram muito importantes no estímulo para que este trabalho fosse realizado.

*À grande rede www/ Esse menino ainda vira um sábio/
Contratado do Google, sim/ Diabliu de menino internetinho/
Sozinho vai descobrindo o caminho/ O rádio fez assim com o seu avô/
Rodovia, Hidrovia, Ferrovia/ e agora chegando a infovia/
Pra alegria de todo o interior./ Meu Brasil, meu Brasil, bem brasileiro/
O You Tube chegando aos seus grotões/Veredas dos Sertões,/br/>Guimarães Rosa Ilíadas,/ Luzíadas, Camões/
Rei Salomão no Alto Solimões...*

Gilberto Gil. Trecho da música “Cordel de Banda Larga”

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Gráfico representacional dos usuários de internet no mundo.....	30
Figura 02: Gráfico representacional dos usuários de internet nas Américas.....	30
Figura 03: Gráfico representacional dos usuários de internet na América do Sul....	31
Figura 04: Representação dos passos do Bibliotecário (ou Arquivista) e do Usuário na disponibilização do acervo para pesquisa.....	38
Figura 05: Página de visualização de vídeo no site Exploratorium.....	46
Figura 06: Foto do Museu Imperial do Rio de Janeiro.....	49
Figura 07: Zoom do Almanaque de Petrópolis Volume I.....	50
Figura 08: “Página inicial” do site do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, Portugal.....	52
Figura 09: Subpágina “Oferta e Sugestões” do site do Centro de Documentação 25 de Abril.....	53
Figura 10: Relatório 1, de 25 de abril de 1974, encontrado na subpágina “Relatórios da CIA sobre Portugal” do site do Centro de Documentação 25 de Abril.....	54
Figura 11: Site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).....	56
Figura 12: Acervo disponibilizado no site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV	57
Figura 13: Página inicial do Site da Biblioteca Nacional.....	59
Figura 14: Site da Biblioteca Nacional Digital.....	59
Figura 15: Site da Rede da Memória Virtual Brasileira, marcada no tópico <i>Galerias Digitais</i>	61
Figura 16: Site do Arquivo Nacional dos Estados Unidos.....	62
Figura 17: Fotografia do ato que Hitler promoveu em Berlim, em março de 1938, depois de tomar a Áustria, encontrada no site do Arquivo Nacional dos EUA.	63
Figura 18: Site do Museu da Pessoa.	64
Figura 19: Imagem do tópico <i>Código de Conduta</i> , do Site do Museu da Pessoa. ...	65
Figura 20: Site do Centro de Documentação e Memória da UNESP.	67
Figura 21: Imagem ilustrativa de exemplar dos “Cadernos CEDEM”, de janeiro de 2008, ANO 1 – Nº 1. Encontrado no site do Centro de Documentação e Memória da UNESP.	68
Figura 22: Fotografia do laboratório do Ponto Administrativo da RCMP, localizado	

no quarto andar do campus I da UCPEL.....	82
Figura 23: Fotografia do Banco Pelotense realizada no século XX na cidade de Pelotas (Acervo Nelson Nobre).....	82
Figura 24: Fotografia do laboratório do Ponto Administrativo da RCMP, localizado no quarto andar do campus I da UCPEL.....	84
Figura 25: Fotografia da sede da Banda Sociedade Musical União Democrata. Localizada à Rua Major Cícero, nº 401, na cidade de Pelotas	93
Figura 26: Fotografia da digitalizadora e tesoureira do Ponto de Cultura da União Democrata, senhora Marilí Farias.....	95
Figura 27: Fotografia da diretoria da Banda União Democrata no ano de 1933. Fotografia captada do acervo do Ponto de Cultura da Banda União Democrata.....	96
Figura 28: Detalhe da primeira folha do Estatuto da Sociedade Musical União Democrata, redigida em 7 de Setembro de 1896 na cidade de Pelotas...	97
Figura 29: Fotografia do prédio do Clube Fica Ahí Pra Ir Dizendo	100
Figura 30: Parte interna do Ponto de Cultura do Clube Fica Ahí Pra Ir Dizendo....	102
Figura 31: Fotografia onde aparece o coordenador de projetos do Clube Cultural Fica Ahí, Rubinei Machado, no Ponto de Cultura do Fica Ahí.....	104
Figura 32: Ficha de sócio, pertencente ao arquivo de acervos digitalizados do Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.....	106
Figura 33: Detalhe da ata nº 197, de sete de maio de 1941. Pertencente ao arquivo de acervos digitalizados do Ponto de Cultura do Clube Fica Ahí Pra Ir Dizendo....	107
Figura 34: Detalhe da ata nº 04, de 6 de junho de 1969. Pertencente ao arquivo de acervos digitalizados do Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí.....	107
Figura 35: Detalhe do cabeçalho do jornal Alvorada, ANO XLI, nº 2, datado de 22 de janeiro de 1949, em Pelotas	108
Figura 36: Fotografia externa da Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque onde está instalado o Ponto de Cultura da Colônia Z3.....	111
Figura 37: Fotografia da Procissão Nossa Senhora dos Navegantes de 1962.....	113
Figura 38: Imagem da página inicial do site do projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas RCMP.....	116

RESUMO

LISBOA, Pablo Fabião. **Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas: processos de digitalização de imagens na era das tecnologias da informação e da comunicação.** Dissertação. Memória Social e Patrimônio Cultural. Orientador: Paulo Ricardo Pezat. Pelotas, PPGMSPC UFPel/ICH; 2010.

Partindo do impacto das novas tecnologias sobre a cultura contemporânea e sobre as políticas públicas de democratização da informação, a presente dissertação procura analisar a experiência dos “Pontos de Cultura” desenvolvida pelo governo federal através do Ministério da Cultura, particularmente o projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RCMP – desenvolvido pela Universidade Católica de Pelotas. Tal projeto se propôs a digitalizar e disponibilizar os acervos documentais de três entidades de Pelotas, a Colônia de Pescadores Z3, o Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo e a Sociedade União Democrata. A investigação tem três focos. Primeiramente são observados os temas da Tecnologia da Informação e Comunicação - TICs, da digitalização e gestão de acervos, da cibercultura e, como forma de ter parâmetros para análise do projeto estudado, buscou-se na internet alguns exemplos de ambientes virtuais de acessibilidade a acervos digitais. Em seguida é apresentado o histórico, a conceituação e uma análise da estrutura dos “Pontos de Cultura” em âmbito nacional. Por fim, são apresentados os Pontos de Cultura da RCMP e seus processos de digitalização de acervos. Compreendemos a gestão de acervos como uma prática dinâmica, transversal e criteriosa que tem por objetivo preservar o patrimônio cultural e a memória das sociedades; e a digitalização de imagens como um instrumento que contribui para a preservação do acervo físico, mas também como uma prática que possibilita a divulgação do arquivo por meio do acesso a ambientes virtuais de disponibilização de acervos digitais. Neste sentido, o trabalho procura analisar os propósitos da RCMP e os resultados efetivamente obtidos. Por fim, são feitas algumas considerações no sentido de apontar caminhos para o futuro do objeto de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão de Acervos, Patrimônio Cultural, Cibercultura, Ponto de Cultura, Digitalização de Imagens.

ABSTRACT

LISBOA, Pablo Fabião. **Network of Culture Points in the Municipality of Pelotas: Image Scanning Processes in the time of information and communication technologies.** Dissertation. Social Memory and Cultural Heritage. Adviser: Paulo Ricardo Pezat. Pelotas, PPGMSPC UFPel/ICH; 2010.

Starting from the impact of new technologies on contemporary culture and on the public policies of democratization of information, this dissertation seeks to examine the experience of the "Culture Points" developed by the federal government through the Ministry of Culture, particularly the project of Network of Culture Points of the Municipality of Pelotas - RCMP - developed by the Catholic University of Pelotas. This project aimed to scan and make available the document collections of three entities of Pelotas: Colônia Z3 (a fishermen community), the cultural club Fica Ahí Pra Ir Dizendo and the União Democrata association. The research had three points of focus. Firstly, it observed the themes of the Information and Communication Technology - ICT, of the scanning and management of collections, of cyberspace, and as a way to have parameters for analysis of the project that was studied, some examples of virtual environments of accessibility to digital collections were sought. After that, the history, concept and an analysis of the structure of the "Culture Points" nationwide are presented. Finally, the "Points of Culture" of RCMP and their processes of collection scanning are presented. We consider the management of collections as a dynamic, transversal and careful practice, which aims to preserve the cultural heritage and the memory of societies; and the scanning of images as a tool that helps to preserve the physical collection, but also as a practice that allows the dissemination of the file by accessing the virtual environments of availability of digital collections. In this sense, this dissertation aims to analyze the purposes of the RCMP and the results actually obtained. Finally, some considerations to point out ways for the future of the object of study are made.

KEYWORDS: Collection management, Cultural heritage, Cyberspace, Culture Points, Image scanning.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	07
RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
INTRODUÇÃO.....	12
1. TECNOLOGIA E CIBERCULTURA.....	18
1.1. <i>Tekhnè</i>, técnica e tecnologia.....	19
1.2. Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC.....	21
1.3. Apocalípticos e Integrados.....	24
1.4. Primeiros passos sobre a cibercultura.....	26
1.5. Os modos de navegação.....	34
2. CONCEITUAÇÃO, GESTÃO E DIVULGAÇÃO DE ACERVOS DIGITAIS.....	37
2.1. Gestão de Acervos	39
2.2. Critérios Gerais para um bom site.....	42
2.3. Arquivo digital e Memória digital.....	44
2.4. Categorias de centros de documentação no ciberespaço.....	46
2.5. Sites de divulgação de acervos digitais.....	49
2.5.1. Site do Museu Imperial do Rio de Janeiro.....	51
2.5.2. Site do Centro de Documentação 25 de abril de Coimbra.....	53
2.5.3. Site da Fundação Getúlio Vargas.....	57
2.5.4. Site da Biblioteca Nacional.....	61
2.5.5. Site do Arquivo Nacional dos Estados Unidos	64
2.5.6. Site do Museu da Pessoa.....	66
2.5.7. Site do Centro de Documentação e Memória da UNESP.....	68

3. A REDE DE PONTOS DE CULTURA DO MUNICÍPIO DE PELOTAS.....	72
3.1. O Projeto Nacional Pontos de Cultura	73
3.2. A Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas	82
3.2.1. Ponto de Cultura da Sociedade União Democrata	94
3.2.2. Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo ...	101
3.2.3. Ponto de Cultura da Colônia de Pescadores Z3	112
3.3. O site da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas	119
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS.....	129
ANEXOS.....	135
Anexo I Endereços dos discursos do ministeriais.....	136
Anexo II Sites pesquisados	138
Anexo III Entrevistas com os participantes da RCMP.....	174
Anexo IV Música “Cordel de Banda Larga” de Gilberto Gil.....	218

INTRODUÇÃO

Antes de discorrer sobre o tema desta dissertação, cabe ressaltar que mesmo com a conclusão do presente estudo, o assunto abordado está longe de ser esgotado, podendo e devendo receber outras contribuições no decorrer do tempo. A pesquisa científica ligada às questões envolvendo a era da tecnologia da informação e comunicação são relativamente recentes, carecendo ainda de um distanciamento histórico que possibilite conclusões mais concisas e substanciais. Por isso, sabemos que serão realizadas outras análises e que a presente dissertação poderá contribuir neste processo de ascensão da análise do tema.

O presente trabalho tem como objetivo de observar os processos de digitalização de acervos documentais na Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP), identificando as suas peculiaridades e as consequências das ações efetuadas pelo projeto. A motivação da escolha do tema deve-se primeiro, ao fato de os Pontos de Cultura, no seu aspecto geral, ou seja, no âmbito nacional, demarcarem uma mudança importante no que diz respeito ao investimento estatal em cultura no país por parte da união, haja vista que num passado não muito distante, os recursos eram centralizados em demasia. Com os Pontos de Cultura, a pluralidade étnica e a diversidade cultural tornaram-se requisitos centrais para a obtenção de financiamento. Outro aspecto que motivou o presente trabalho refere-se ao fato de a RPCMP trabalhar com os temas da digitalização de imagens e cibercultura, tendo estes, ganhado uma surpreendente projeção nos últimos anos, lembrando que os mesmos trazem consigo aspectos negativos e positivos, o que torna esta pesquisa ainda mais motivadora.

A metodologia do presente trabalho abarcou pesquisa bibliográfica, análise presencial do funcionamento dos diversos pontos de cultura, entrevistas pré-estruturadas com pessoas partícipes do projeto e pesquisa na internet. Na pesquisa

bibliográfica, procedemos no sentido de aproximar alguns conceitos ligados aos temas do patrimônio cultural e da memória social com os temas da tecnologia e da cibercultura.

No primeiro capítulo desta dissertação, abordamos os temas da tecnologia e da cibercultura. Começamos mencionando que um dos traços mais marcantes da sociedade contemporânea é, sem dúvida nenhuma, a tecnologia, particularmente a tecnologia da informação e da comunicação. Sob este aspecto, a indústria cultural tem uma boa parcela de participação. No seu desenvolvimento, este primeiro capítulo se divide em cinco sub-capítulos. No primeiro destes sub-capítulos apresentamos alguns conceitos básicos para o desenvolvimento do trabalho, tais como as diferenças existentes entre as denominações “*tekhnè*”, “técnica” e “tecnologia”, com base na pesquisa feita pelo Professor André Lemos. Neste tema, Platão constatava que o imitador, produtor de cópias e de simulacros, é aquele que tem o dom da *tekhné*. Já para Aristóteles, os produtos oriundos da “*tekhné*” possuem características inferiores àquelas dos produtos oriundos da natureza. Contrapondo os pensadores gregos antigos, apresentamos a perspectiva etnozoológica contemporânea de André Leroi-Gourhan, a qual conceitua a técnica como fruto da evolução da vida, complementada pela filosofia de Stiegler. Logo depois, abordamos o conceito de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), a diferenciação entre os *Apocalípticos* e os *Integrados*. Remontamos, de forma sintética, os primeiros passos no desenvolvimento da cibercultura, mencionando alguns fatos marcantes, com destaque para a primeira menção ao termo “cibercultura”, pelo escritor Willian Gibson, em seu livro “*Neuromancer*”, de 1984, e depois, de forma científica, pelo filósofo francês Pierre Lévy, em 1999, através do livro “*Cibercultura*”. Também mencionamos dados sobre a evolução da internet através de gráficos, registrando que os primeiros computadores para uso militar surgiram nos Estados Unidos e na Inglaterra, em 1945. Mencionamos também as análises feitas pelo professor Francisco Rudiger. Encerramos o primeiro capítulo fazendo uma abordagem sobre os modos de navegação na internet, com base nos estudos pioneiros de Pierre Lévy e nos estudos mais recentes de Vera Dodebei.

No segundo capítulo do presente trabalho, realizamos pesquisa no tema da conceituação e da gestão e divulgação de acervos digitais. Primeiramente

abordamos a conceituação envolvendo o desenvolvimento de acervos digitais, novamente utilizando as análises de Pierre Lévy e de Vera Dodebei, com o acréscimo dos estudos sobre o tema feitos por Inês Gouveia e por Rubens Silva. No que diz respeito à questão da reproducibilidade técnica de obras originais pertencentes a acervos, também foi utilizada a análise pioneira e fundamental de Walter Benjamin. É nesta parte que abordamos aspectos mais técnicos, inclusive descrevendo dados e explicando denominações específicas utilizadas na digitalização de acervos. Depois, tratamos da questão da gestão de acervos digitais, apresentando o manual da Biblioteca Nacional para o tema e os bem humorados “dez mandamentos da preservação digital”, extraídos do livro “Arquivística: temas contemporâneos - classificação, preservação digital, gestão do conhecimento”, e descrevemos quatro critérios fundamentais para a construção de um bom site, que são: “conteúdo”, “apresentação formal”, “navegação” e “cibermuseografia”. Apresentamos ainda aspectos relativos aos temas do arquivo digital e da memória digital, a partir da discussão sobre tais assuntos desenvolvida por autores como Schellenberg, Dodebei, Gouveia, Candau, Halbwachs, Deleuze e Lévy. Usamos como base a pesquisa de Monfort e Cabrillana, que resultou no livro “Patrimônio Digital”, de 2005, para citar quatro diferentes categorias de centros de documentação no ciberespaço, sendo elas “panfletos eletrônicos”, “reconstrução física ou centro”, “real interativo” e a “grande base de dados on-line”. Encerramos o segundo capítulo apresentando descrição e análise de sete diferentes sites da internet que trabalham com acervos digitais na internet. Investigamos os seguintes sites: 1 – Site do Museu Imperial do Rio de Janeiro (<http://www.museuimperial.gov.br>); 2 - Site do Centro de Documentação 25 de Abril de Coimbra, Portugal (<http://www1.ci.uc.pt/cd25a/>); 3 - Site da Fundação Getúlio Vargas (<http://cpdoc.fgv.br/>); 4 - Site da Biblioteca Nacional do Brasil (<http://bndigital.bn.br>); 5 - Site do Arquivo Nacional dos Estados Unidos da América (<http://www.archives.gov>); 6 - Site do Museu da Pessoa, em São Paulo (<http://www.museudapessoa.net>); e 7 - Site do Centro de Documentação e Memória da UNESP (<http://www.cedem.unesp.br>).

No terceiro capítulo, realizamos descrição seguida de análise do projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP). Começamos por analisar a construção do projeto Pontos de Cultura do Ministério da Cultura (MinC)

do Governo Federal, utilizando como referência, dentre outras fontes, os discursos ministeriais do Minc e os livros “Cultura Digital.br”, organizado por Rodrigo Savazoni e Sergio Cohn, e “Pontos de Cultura: o Brasil de baixo para cima”, de autoria do implementador dos Pontos de Cultura, Célio Turino. Como foco principal deste terceiro capítulo e da dissertação como um todo, apresentamos o projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP) em sua generalidade e em suas especificidades. A RPCMP é formada por três distintos Pontos de Cultura: o Ponto de Cultura da Sociedade Banda União Democrata (SMUD), o Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, e o Ponto de Cultura da Colônia de Pescadores da Z3. Encerrando o terceiro capítulo, abordamos o site da RPCMP, cotejando-o com os aspectos mais relevantes dos sete sites abordados no segundo capítulo, para aportar sugestões ao projeto.

A Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas foi escolhida como objeto de estudo deste trabalho por ser o projeto de gestão de acervos mais vinculado às questões tecnológicas e que obteve maior visibilidade junto às entidades culturais do nosso município, a partir do entendimento de que a preservação e a divulgação de acervos constituem instrumentos fundamentais para o patrimônio cultural. O *contraste*, conforme a expressão de Pugin para se referir à preservação do patrimônio das cidades, se constitui em um elemento importante para relacionar e aproximar os conceitos de preservação e de digitalização. Conforme dados do Ministério da Cultura, hoje existem mais de 650 Pontos de Cultura espalhados pelo país. Apesar de todos os Pontos de Cultura terem maquinário digital, o projeto da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas é um dos únicos que trabalha com digitalização de acervos. Isso se justifica por conta do projeto ter sido concebido e desenvolvido por professores da Escola de Informática da Universidade Católica de Pelotas. Aproveitando as ações do projeto em análise, existe a necessidade de explorar o tema da digitalização em relação à preservação, sabendo que esse campo ainda é objeto de pouca investigação e que mesmo que tenhamos uma contribuição significativa aos temas abordados, ainda assim, muito teremos a aprender com as pesquisas futuras de outros pesquisadores.

Em princípio, o objetivo geral da dissertação era compreender as possibilidades e potencialidades de democratização cibernética dos acervos da

cultura popular local através do site da RCMPP. Entretanto, ao longo da pesquisa, identificamos que além de analisar o site do projeto, precisaríamos realizar investigação presencial nos Pontos de Cultura participantes da rede para analisar com mais propriedade o projeto. Para tanto, realizamos uma série de entrevistas com os responsáveis pelos Pontos de Cultura, totalizando sete entrevistas. Tivemos acesso aos princípios gerais do projeto, mas não ao próprio, tal como foi encaminhado ao MinC. Dentre os seus objetivos, a digitalização dos acervos físicos das entidades que constituem a RCMPP seria parte importante da preservação dos acervos, e, a partir da dela, os acervos originais deixariam de ser manuseados diretamente para que fossem melhor protegidos, enquanto que as cópias digitais seriam divulgados através de site específico na internet, para assegurar visibilidade a estes acervos e instituições representativos da cultura popular pelotense. A partir do entendimento deste objetivo, elaboramos duas principais hipóteses para uma primeira abordagem teórica. Uma das nossas hipóteses era de que a disponibilização dos acervos digitalizados na internet poderia fortalecer a identidade cultural do nosso município perante aos internautas de todo o mundo. Outra hipótese foi a de que o arquivamento ou acomodação criteriosa dos acervos físicos, ao mesmo tempo em que estimularia a conservação e preservação dos mesmos, também facilitaria a sua digitalização e a sua posterior divulgação na internet.

A abordagem do problema de pesquisa respeitou alguns procedimentos metodológicos, tais como revisão bibliográfica sobre os temas estudados durante as disciplinas do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultura da Universidade Federal de Pelotas; levantamento de informações sobre o objeto de estudo, ou seja, a Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP); aplicação de entrevistas pré-estruturadas aos participantes do projeto; visita aos pontos de cultura envolvidos na RCMPP; estudo comparativo da metodologia dos processos de digitalização de acervos, bem como seus resultados; pesquisa na internet, em ambientes cibernéticos de acesso a acervos digitais para basear os modelos a seguir, dentro desta temática. No processo de montagem do problema de pesquisa, foi considerada a facilidade de acesso às fontes (ECO, 2000), em decorrência do grande número de acervos que as entidades envolvidas no projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas possuem. Nos primeiros contatos com os participantes do projeto que constitui o objeto de estudo desta dissertação, foi

observada a previsão de ação de divulgação dos acervos digitalizados no site da Rede de Pontos de Cultura de Pelotas. Esta ação facilitaria a metodologia de análise, todavia não ocorreu. Porém, este aspecto não acarretou em empecilho para a realização do presente trabalho. Em última análise sobre a metodologia, as principais informações foram obtidas durante a visita aos pontos de cultura onde foram feitas imagens dos ambientes bem como foram feitas entrevistas ricas em informação sobre o projeto.

CAPÍTULO 1

TECNOLOGIA E CIBERCULTURA

A sociedade contemporânea apresenta sinais evidentes de que a sua transformação está combinada intimamente com a crescente presença da tecnologia no seu dia-a-dia. Na atualidade, o ser humano se caracteriza cada vez mais por agregar diversas ferramentas tecnológicas à sua vida. Com isso, a tecnologia parece ser o traço mais marcante da atual sociedade, fazendo valer a denominação de estarmos vivendo a era histórica das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Embora o presente trabalho enfoque as questões ligadas ao patrimônio cultural e à gestão e divulgação de acervos, é importante salientar que a presença da tecnologia não acontece de forma pontual no setor cultural. São transformações complexas e generalizadas que afetam os mais variados aspectos da realidade, tais como as relações de trabalho, a produção industrial, as relações sociais e as políticas da comunidade mundial. Desde as primeiras sociedades até os dias de hoje, o homem dominou o fogo, cultivou a terra, domesticou animais, construiu cidades, aprendeu a gerar energia, implementou indústrias, conquistou o espaço cósmico, viajou aos confins da matéria e do espaço-tempo (LEMOS, 2002 :25), ou seja, o percurso do homem foi e é marcado pelo desenvolvimento tecnológico.

Para desenhar o panorama social atual, o professor André Lemos cita Bertrand Gille, apontando a necessidade de um olhar crítico sobre a tecnologia e a sociedade inserido em um novo paradigma sociocultural, contextualizado pela queda das grandes ideologias e dos meta-discursos iluministas, pelo fracasso dos sistemas políticos, pela desconfiança em relação aos benefícios do progresso tecnológico e científico, pela indiferença social e irônica da geração 1970 e 1990. Assim, o novo

tribalismo revelaria o fracasso do projeto individualista moderno, a descrença no futuro, as novas formas de comunicação gregárias no ciberespaço, os desafios da manipulação genética, da Aids e da droga em nível planetário. Lemos acredita que este pode ser o novo quadro da sociedade contemporânea.

Com base na afirmativa que “o setor tecnológico é o que mais avança na atualidade, sendo a indústria cultural o que parece representar um dos pilares deste avanço” (MONFORT e CABRILLANA, 2005:13), podemos observar que a prerrogativa de pujança de qualquer forma de cultura é a sua reconstituição enquanto bem cultural, ou a recuperação da sua visibilidade, ambas utilizando os meios de comunicação ou de produção digitais. É no bojo destas transformações, que crescem os instrumentos tecnológicos e as técnicas de manuseamento de bens culturais e acabamento da produção cultural. Assim, computadores, scanners, sites, blogs, perfis no Orkut, no Facebook e no Twitter, telefones celulares que fotografam, enviam e-mails e acessam a internet por transmissão 3G, além de outros instrumentos que surgem a cada momento, têm amplificado a acelerado o poder de comunicação na sociedade contemporânea.

Mundo de aparelhos de comunicação e produção digital, de máquinas industriais de operação digital, o ser humano reduz o tempo da operação das tarefas que antes demoravam o tempo humano, tudo isso por causa do avanço tecnológico. Agora é o tempo da tecnologia, pois nosso pensamento é demasiado demorado para a memória do computador, com sua instantaneidade. O caminho foi encurtado, e o que antes demorava o tempo da viagem do deslocamento da matéria, agora demora o tempo da velocidade da comunicação via fio ou sem fio, deslocando códigos binários de máquina a máquina, de continente a continente, daqui à lua.

1.1. *Tekhnè*, técnica e tecnologia

Mas, afinal, o que quer dizer a palavra “tecnologia”, este termo que utilizamos de maneira constante na atualidade? No primeiro capítulo do livro “Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea”, o professor André Lemos apresenta alguns conceitos. Técnica vem do grego *tekhnè*, que compreende as atividades práticas que visam distinguir o fazer humano do fazer da natureza. Para Platão, aquele que tem o dom da *tekhnè* é um imitador, produtor de cópias e de

simulacros. Já para Aristóteles, a atividade prática é inferior às coisas da natureza. “As coisas artificiais, frutos da *tekhnè*, são inferiores às coisas naturais, pois estas possuem o princípio do vir a ser” (LEMOS, 2002: 27). Lemos destaca que a inferioridade dos seres artificiais em relação aos seres naturais está ligada, segundo Aristóteles, à incapacidade dos primeiros da autorreprodução. Assim, o pensamento filosófico grego estava imbuído do sentimento de que a técnica imitava e violava a natureza e os limites impostos pelos deuses aos homens, o que viria a influenciar o pensamento que temos hoje a respeito da tecnologia.

Ao contrário da visão de desconfiança sobre a técnica formulada pelos gregos e presente nos dias de hoje, a perspectiva etnozoológica de André Leroi-Gourhan põe a técnica como “resultado do desenvolvimento e evolução da vida orgânica do homem, como uma interface entre a matéria orgânica viva e a matéria inerte deixada ao acaso pela natureza (...), a ferramenta para a mão e a linguagem para a face são dois pólos de um mesmo dispositivo” (LEROI-GOURHAN, 1964, Apud LEMOS, 2002: 29). A perspectiva etnozoológica é igualmente aceita por Stiegler, que vai mais além na sua teorização sobre a técnica e seus instrumentos. Diz ele que “a prótese não é um simples prolongamento do corpo humano, ela é a constituição deste corpo enquanto humano” (STIEGLER, 1994, Apud LEMOS, 2002: 29).

Gilbert Simondon menciona que “a oposição entre técnica, homem e cultura não tem fundamento” (SIMONDON, 1958, Apud LEMOS, 2004: 31). Pierre Lévy pensa da mesma forma quando se refere à falsa sensação de impacto tecnológico que temos. Segundo Lévy, a falsa sensação de impacto que as tecnologias nos causam tem relação direta com a dinâmica da vida atual, que faz com que não consigamos apreender o todo. É inviável, mesmo para os mais iniciados, absorver a quantidade interminável de informações gerada pela sociedade da informação e da comunicação. Logo, tendemos a concluir que sofremos um impacto que vem das tecnologias, ou que o humano é contrário à tecnologia. Gilbert Simondon, que na opinião de André Lemos é, junto com Martin Heidegger, um dos mais importantes filósofos da técnica do século XX, denuncia que a cultura moderna estaria “desequilibrada” ao considerar a máquina como estrangeira à cultura (SIMONDON, 1958, Apud LEMOS, 2004: 31). Esta visão sobre a técnica concorda com a perspectiva etnozoológica de André Leroi-Gourhan. Simondon acredita que a técnica emerge do conflito entre o ser humano e a natureza. Ele propõe uma “genealogia da

técnica”, utilizando-se da teoria da gestalt como suporte para aplicá-la à perspectiva de evolução das formas e da evolução bergsoniana da vida. De acordo com Lemos,

“Simondon, influenciado pela teoria do *élan* vital de Bergson, propõe que a gênese da técnica seja compreendida como uma forma particular de individuação no conflito homem-mundo. Para Bergson, a técnica é consequência de uma bifurcação do *élan* vital. Na sua “*Evolution Créatrice*”, ele vai vincular a técnica à evolução da vida. Esta se realiza por operações sucessivas de dissociações e de desdobramentos. A técnica aparece, então, no fim de múltiplas bifurcações. Para Bergson: ‘*Se nossos órgãos são instrumentos naturais, nossos instrumentos são órgãos artificiais. O instrumento do operário continua seu braço; o ferramental da humanidade é, assim, um prolongamento de seu corpo*’ (LEMOS, 2002: 32).

Como forma de ponderar sobre as opiniões citadas anteriormente, André Lemos nos leva à luz do pensamento de Martin Heidegger, que vai nos mostrar que o homem é um ser técnico que não se caracteriza apenas pela característica etnozoológica, como teorizou Leroi-Gourhan, ou como um ser genealógico-gestáltico, como quisera Simondon, baseado em Bergson. Heidegger menciona que a concepção instrumental não pode revelar toda a essência da técnica (LEMOS, 2002: 34). Ele busca incessantemente a essência da técnica. Para Heidegger, a técnica é um modo de desvelamento, de existência do homem no mundo, e esse desvelamento é exercido como uma provocação da natureza, através da qual ela é forçada a liberar matéria e energia para que o homem as utilize para satisfazer suas necessidades e desejos. Segundo Heidegger, “a essência da técnica moderna, que ele tanto procurava, tem por base este modo de desvelamento: um modo de produção provocante da natureza” (LEMOS, 2002: 34-35).

1.2. Tecnologia da Informação e da Comunicação - TIC

O conceito de Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) distingue-se do de Tecnologia da Informação (TI) por ser um conceito que já na sua nomenclatura referencia as novas tecnologias como instrumentos não só de informação, mas também de comunicação. A “informação em geral” é aquilo que pode ser colocado em forma, em ordem ou ter algum tipo de classificação (Zeman, 1970, Apud Silva, 2004: 40). E, de fato, a tecnologia atual propicia a comunicação

entre pontos devido ao registro idêntico que formam suas plataformas ou chassis. O DNA das TICs são os bits, a menor unidade de informação a ser armazenada ou comunicada. Com isso, entendemos as TICs como ferramentas que fazem as pessoas interagirem com os conteúdos digitais, podendo ser direto com um computador ou com algum outro aparelho eletrônico, como o telefone celular, mas também com outras pessoas, utilizando a rede mundial de computadores, ou redes manualmente formatadas, como em empresas, instituições públicas e outros espaços localizados.

A tecnologia existe desde que o ser humano começou a se libertar de sua sujeição absoluta à natureza e passou a construir inventivamente sua história. Uma língua, um remédio, uma peça de vestuário, a agricultura, um computador, tudo isso é considerado tecnologia. É notório que sem a tecnologia, muitas das inovações humanas não seriam possíveis e a nossa vida seria bem mais difícil. De outra parte, ela vai ser tornando cada vez mais complexa. Vamos nos basear no exemplo do aparelho de celular. Até o começo do século XXI, o telefone celular não era assim tão indispensável, e nos dias de hoje, nas sociedades industrializadas, ele é quase um prolongamento do nosso corpo. O que muda com a invenção do telefone celular é a capacidade de comunicação móvel. Essa mobilidade traz ao ser humano uma capacidade de encurtar o espaço. O “te ligo mais tarde”, passa a ser imediato e pode ser feito no ato, sem perda de tempo, através do telefone celular. Igualmente, o “te envio o email mais tarde”, passa a ser instantâneo também, pois a tecnologia 3G possibilita que estejamos conectados em qualquer lugar.

André Lemos extraiu do artigo intitulado *Through the Looking Glass*, datado de 1988, de autoria de John Walker, criador da empresa Autodesk, a proposição de cinco formas de interação entre os usuários de computadores: a primeira surge no final dos anos 1940, com os primeiros computadores eletrônicos, ocorrendo a interação com a máquina através da programação da conexão de cabos e plugs; a segunda surge nos anos 1950, a partir da interface com cartões perfurados; a terceira surge nos anos 1960, com a técnica do tempo compartilhado (time sharing), permitindo programar a máquina com comandos imputados pelo teclado e visualizados em monitores; a quarta decorre da utilização de janelas; e, finalmente, a quinta decorre do paradigma de apontar e clicar, a interface gráfica conhecida como ARC-PARC-MAC.(LEMOS, 2002: 157). Depois, no tema da cibercultura, Lemos

elencou duas fases subseqüentes de interação entre máquina e homem, que podemos visualizar na citação a seguir:

A passagem do PC ao CC (computador conectado) será prenhe de consequências para as novas formas de relação social, bem como para as novas modalidades de comércio, entretenimento, trabalho, educação, etc. Essa alteração na figura emblemática maior da Cibercultura, o computador, nos coloca em meio à era da conexão generalizada, do tudo em rede, primeiro fixa e agora, cada vez mais, móvel. O tudo em rede implica na rede em todos os lugares e em todos os equipamentos que a cada dia tornam-se máquinas de comunicar. A nova estrutura técnica contemporânea nos leva em direção a uma interface zero, onde a ubiquidade se generaliza para entrar no coração dos objetos e proporcionar nomadismos radicais. Não é à toa que as tecnologias digitais aumentam a mobilidade, sendo a curva de deslocamento de pessoas pelo mundo correlata a essa revolução tecnológica. Assim, a rede é tudo e tudo está em rede. A conexão generalizada traz uma nova configuração comunicacional onde o fator principal é a inédita liberação do polo emissor – chats, fóruns, e-mail, listas, blogs, páginas pessoais – o excesso, depois de séculos dominado pelo exercício controle sobre a emissão pelos mass media. De instrumento apolíneo, os CC tornam-se máquinas de comunicação, dionisíaca (Nietzsche, Origem da Tragédia). Como diz a publicidade da Sun Systems, “o verdadeiro computador é a rede” (LEMOS & CUNHA, 2003, 14 e15).

É fato que a tecnologia qualificou o ser humano com instrumentos e que esta qualificação parece avançar de forma avassaladora nesta primeira década do século XXI, mas este avanço tecnológico foi acompanhado ao longo dos anos por opiniões contrastantes com relação aos seus frutos. O processo de transformação de informações em bits a partir de matrizes originais físicas origina resultados dúbios. Podemos citar como exemplo desta dubiedade do desenvolvimento tecnológico, o processo de informatização dos procedimentos bancários, que acelerou as transações financeiras, mas, por outro lado, desempregou milhares de trabalhadores. Desta forma, este aspecto da informatização não teve uma recepção totalmente positiva por parte das pessoas. Assim retornamos ao pensamento contrário às máquinas, como vimos anteriormente.¹ Outro exemplo que podemos

¹ Como antecedente desta tendência de rejeição à tecnologia pode-se citar o caso do movimento liderado por Ned Ludd, que no início do século XIX, no processo de industrialização da Inglaterra, organizou manifestações de repúdio ao desemprego gerado pela introdução de máquinas nas fábricas. Os luddistas promoveram a destruição de tais máquinas. Conforme. HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções – 1789-1848*. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

utilizar no que se refere à diversidade de opiniões com respeito à tecnologia, pode ser o descobrimento da célula-tronco, ou células-mãe, que tem a propriedade de se dividir, dando origem a células semelhantes. Sua utilização na medicina atual é controversa perante a opinião pública e os especialistas da área médica e científica, mas é uma das grandes apostas da atualidade no avanço da medicina mundial. Se através das células-tronco temos a possibilidade de reconstituir órgãos, não é utópico pensar que poderemos vencer a morte. Em consequência, pode ser que a tecnologia nos leve à vida eterna. Esta afirmação talvez seja a principal questão ética que permeia o debate da tecnologia e da inventividade moderna da técnica. Mesmo assim, os teóricos acreditam ser difícil que a máquina se torne autorreprodutora, conceito que distingue as máquinas dos homens, como vimos no começo deste capítulo, pela sua característica lógica. A tecnologia não pensa, ela é meio e não começo, nem fim. Ela é acima de tudo o resultado da construção do conhecimento através dos tempos pelo trabalho da humanidade.

1.3. Apocalípticos e Integrados

A tecnologia é fruto da sociedade e é por trás dela que agem e reagem ideias (LÉVY, 1999). A internet e seus instrumentos potencializam distintos projetos políticos, sociais, culturais, econômicos e científicos. Assim, é a linguagem, no caso, a linguagem de computador, que está a serviço da vida, e não o contrário (LEMINSKI, 1977, Apud SAVASONI, 2009: 17). A tecnologia pode desempregar trabalhadores do setor bancário na substituição das pessoas por caixas eletrônicos. Pode facilitar o ensino à distância de pessoas que moram em regiões onde não existem universidades, mas aonde a internet chega. Facilita transações financeiras entre grandes empresas no mundo inteiro através do mecanismo da internet. Esta característica instrumental da tecnologia nos leva a perceber que ela condiciona, mas não determina a sociedade, desconstituindo aos discípulos sectários descendentes dos Prometéicos e dos Fáusticos (LÉVY, 1999), que será abordado a seguir. Os dogmas, tanto contra a tecnologia quanto a favor dela, parecem ser impróprios para a situação em que vivemos hoje. Atribuir à tecnologia resultados hegemonicamente bons ou hegemonicamente ruins na ação das pessoas no uso

que dela fazem é tratar de forma simplificada a questão. Mas é exatamente o que acontece com Prometéicos e Fáusticos. A vida humana é permeada por disputas que são baseadas em ideologias e opiniões diversas. No campo da técnica, essa disputa ganha conceitos e programas defendidos com os mais bem articulados discursos. Neste contexto, serão apresentadas a seguir as opiniões de pessimistas, de otimistas e a utopia de Pierre Levi com relação à técnica.

No final dos anos 1960, Umberto Eco, na introdução do livro “Apocalípticos y Integrados”, diz ser injusto enquadrar as variedades e matizes de atitudes humanas em dois conceitos genéricos e polêmicos como são os conceitos de apocalípticos e integrados. Segundo essa teoria, os “apocalípticos” acreditavam que a cultura de massas é a anticultura: “Para mi, uno vale por cien mil, y nada la multitud” (Heráldito, Apud ECO, 1968: 12). Já os “integrados” achavam que a cultura de massa ampliava o campo cultural para a disponibilização dos bens culturais a todos. É evidente a distância em que estamos, no momento atual, do momento em que Eco formulou o dilema acima referido, quando ainda não havia acontecido a passagem dos *média clássicos* para os *média digitais*, quando os primeiros tinham, e tem até hoje, uma comunicação vertical no movimento, de um transmissor para muitos receptores, enquanto que no segundo, o emissor é disseminado, todos sendo receptores e transmissores ao mesmo tempo (LEMOS, 2004). Tal dualidade permanece com os Prometéicos e Fáusticos.

Na maioria das vezes, a polarização entre otimistas e pessimistas é a que prevalece no debate acerca dos pensadores da técnica. Esses pensadores podem ser divididos, como dissemos nas linhas anteriores, entre Prometéicos e Fáusticos,² sendo que os Prometéicos, ou Tecnófilos, acreditam na faculdade emancipatória e benéfica da técnica moderna, vendo na tecnologia um fator de progresso da humanidade (RIBEIRO, 1999: 79; LEMOS, 2002:17). A corrente dos Fáusticos, ou Tecnófobos, acredita que as transformações generalizadas promovidas pelo fenômeno da técnica são como agressões à vida humana, ameaçando o direito à individualidade, num entendimento de que esta dinâmica é negativa, escapando ao controle da coletividade (RÜDIGER, 2004: 16-17). A dicotomia entre pessimistas e

² Prometeu roubou o fogo escondido no Olimpo para entregá-lo aos homens. Segundo a mitologia grega, Prometeu cedeu aos homens as palavras, números e fogo, incitando-os a um saber desafiador, acabando por ser dominado e preso, em resultado da fúria divina. Já Fausto, aceita a danação ao trocar, num pacto com o demônio, a alma por uma nova vida.

otimistas se dissolve em várias teorias quando o assunto é tratado de forma mais aprofundada, salientando assim as indefinições quanto às previsões da técnica. Mas como nosso objetivo não é o compilar todas as opiniões sobre o tema, destaca-se o trabalho do pesquisador Francisco Rüdiger, que no seu livro “Introdução às Teorias da Cibercultura” descreve em linhas gerais as principais opiniões a respeito do assunto, mencionando a Tecnotopia Liberal Humanista, que tem como principal expoente Pierre Lévy, que entende ‘que a tecnologia está a exigir uma filosofia prática, em vez de crítica; o que vale é corrigir os erros, em vez de denunciá-los’ (LÉVY, 1999: 11).

1.4. Primeiros passos sobre a cibercultura

“...a inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um veneno para aqueles que dela não participam e um remédio para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes” (Pierre Lévy, 1999: 30).

A economia, a cultura, o saber e a política do século XXI vão passar (e já estão passando) por um processo de negociação, distorção e apropriação a partir da nova dimensão espaço-temporal de comunicação e informação planetárias que é o ciberespaço (LEMOS, 2002: 127). Esta transformação, a cada ano que passa, fica ainda mais profunda do que qualquer pessoa poderia anteriormente imaginar. O ciberespaço é o novo ambiente antropológico onde as pessoas podem interagir, acessando ou disponibilizando conteúdos dos mais diversos. A internet é ao mesmo tempo real e virtual (representacional), informação e contexto de interação, espaço (site) e tempo, mas que modifica as próprias coordenadas espaço-temporais a que estamos habituados. Este novo espaço antropológico é tipificado pelos laços e valores sociopolíticos, estéticos e éticos que emergem das construções sociais partilhadas por grupos (OLIVEIRA SILVA, Apud LEMOS, 2000: 152).

A palavra cibercultura é permeada por diversos significados, mas genericamente é entendida como “a forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base

microeletrônicas³ surgidas na década de 70⁴ (LEMOS, 2002: 101). Portanto, a cibercultura se origina da relação entre os atores sociais e a tecnologia na construção de um canal de sociabilidade e interação que marca a cultura contemporânea. A cibercultura nasce influenciada pela contracultura americana, que tinha por objetivo se contrapor ao poder tecnocrático⁵. O lema da microinformática era “computadores para o povo” (LEMOS, 2002: 101).

O processo histórico do desenvolvimento tecnológico colocou a comunicação, a cultura e o trabalho no centro de suas aspirações. Seja para comunicar, seja para produzir, a humanidade estabeleceu relações, ora para trocar informações, ora para produzir trabalho através do espaço cibernetico, onde a interação do humano com a máquina possibilitou alcançar espaços remotos em tempo real. Antes de a palavra cibercultura ser constituída e utilizada para fins de investigação científica, surgiu o termo ciberespaço, que foi mencionado pela primeira vez pelo escritor Willian Gibson⁶ em seu livro “Neuromancer”, de 1984 (LEMOS, 2002: 127), portanto, o termo cibercultura, nasce de uma obra de ficção científica, sendo estabelecido aos poucos como conceito científico, de acordo com a crescente utilização da palavra por teóricos da área das ciências sociais e da filosofia.

Segundo André Lemos, é preciso conhecer a trajetória da técnica para compreender a cibercultura. De fato, a técnica é a matéria prima da cibercultura. E através dela é que a humanidade desenvolveu artifícios para estabelecer diálogos por meio das tecnologias. Apesar de a palavra ciberespaço ter surgido do livro “Neuromancer”, ela ganha maior amplitude e começa a se solidificar no livro intitulado “Cibercultura”, de 1999, do filósofo francês Pierre Lévy, onde o autor define uma série de elementos sociológicos para entender o fenômeno que surge da interação do ser humano com a tecnologia cibernetica⁷.

³ Microeletrônica é o ramo da engenharia voltado à integração de componentes em estado sólido, ou seja, da miniaturização de semicondutores.

⁴ André Lemos relaciona o nascimento da cibercultura com o surgimento da microinformática, na metade dos anos 70. No verbete disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cibercultura>> podemos entender, através de uma síntese, a história do surgimento da cibercultura.

⁵ Tecnocracia significa, literalmente, governo dos técnicos, que, pelo controle dos meios de produção, tendem a superar o poder político, ao invés de apoiar suas atividades.

⁶ Willian Gibson. Escritor Cyberpunk que escreveu o livro de ficção científica onde conceitos como Matrix e Cowboys do ciberespaço surgiram.

⁷ Cibernetica é uma palavra que tem origem na palavra grega kibernetiké. Explica o estudo das funções humanas de controle e dos sistemas mecânicos e eletrônicos.

O que vemos a partir da constituição da relação social mediada pela cibernética é o estabelecimento de um novo “espaço” antropológico que pode ser entendido através dos conceitos clássicos de cultura. O percurso da leitura antropológica ao longo dos tempos é acompanhado de alguns paradigmas importantes até chegar aos tempos atuais e ao estudo da cibercultura. Primeiramente, a condição genética era reconhecida como determinante da cultura e influenciadora da personalidade humana. Depois, o “determinismo geográfico”⁸ foi a referência para o estudo antropológico, retificado pela ideia de que num mesmo espaço pode haver culturas distintas. Com base em Roque Laraia, que teorizou sobre os estudos modernos da antropologia, “as diferenças existentes entre os homens não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente”,⁹ fugindo assim do etnocentrismo.

A partir desse novo espaço cultural, que é o ciberespaço, as relações sociais foram intensificadas e reformuladas, possibilitando que estas obtivessem uma nova forma de comunicar, com códigos próprios, constituídos a partir da dinâmica cultural que se deu através dos meios microeletrônicos, reorganizando a sociedade de forma irreversível. André Lemos aplica uma espécie de vacina ao pensamento da substituição. Vejamos a seguir:

“Em todas as esferas da vida contemporânea, a atual dinâmica das novas tecnologias está trazendo à baila uma visão errônea que consiste em ver estas como substitutivas de instâncias clássicas da vida social. Freqüentemente vemos pesquisadores e intelectuais de renome tratar de forma excludente o espaço das novas tecnologias e o espaço físico onde se desenrola a vida social. Os erros são recorrentes em associar as novas tecnologias a mudanças definitivas do espaço-tempo contemporâneo” (LEMOS, 2000: 23)

Imaginava-se que a unificação cultural iria ser potencializada a partir da internet, mas o que vemos agora é que as culturas isoladas podem alcançar o

⁸ Determinismo geográfico foi uma das leituras que a antropologia absorveu. A Geografia é uma ciência tem por objeto de estudo o espaço. Logo, o determinismo geográfico pressupõe que o que determina a cultura é a sua condição espacial e geográfica. Informações disponíveis em <<http://entraporosmose.blogspot.com/2005/08/cultura-um-conceito-antropolgico.htm>>.

⁹ Citação do autor Roque Laraia no blog “Entra por Osmose”, abastecido pela jornalista Juliana D. disponível em <<http://entraporosmose.blogspot.com/2005/08/cultura-um-conceito-antropolgico.html>>.

mundo através da internet, divulgando o seu conjunto de informações não de forma a substituí-las, mas no sentido de democratizá-las. A internet é onde estas culturas, que antes estavam totalmente isoladas, podem se difundir a partir da ampliação da realidade, ou da realidade aumentada¹⁰, que está conectada com a vida real. Ou seja, por onde sai informação, agora também entra.

Se olharmos pelo prisma da comunicação, o grande fenômeno que o ciberespaço proporciona à humanidade e ao projeto em questão é a disseminação do polo emissor da informação. A passagem dos media clássicos¹¹ para os media digitais (LEMOS, 2004) foi o marco para que se abrissem as possibilidades de difusão do núcleo emissor da informação. Logo, se uma emissora de TV ou de Rádio envia uma mensagem na dinâmica de fluxo de um para todos, agora as comunidades, através de grupos, instituições ou até mesmo individualmente, desenvolvem as suas próprias notícias e os seus próprios arquivos digitais, trocam informação na dinâmica de todos para todos, o que libera o pólo emissor, pulverizando-o. Como podemos observar no nosso dia-a-dia, os media clássicos não foram substituídos, mas agora convivem com a cibercultura, que cumpre uma parte do papel que era somente deles. O receptor se transforma aos poucos num disseminador de informação, que envia e-mails, publica notícias em blogs e sites, constrói arquivos digitais e divulga a sua memória e a sua história para o mundo através do espaço cibernético.

Esta característica caótica e radicalmente democrática do ciberespaço abre os caminhos para que se faça valer o sentido elementar da inteligência coletiva, que é o de compartilhar conhecimentos e apontá-los uns aos outros (LÉVY, 1999), dando vitalidade à internet no sentido da construção coletiva que tem no seu embrião a solidariedade e a troca. É com base na ideia de compartilhamento de experiências e de compartilhamento de informações que pessoas no mundo inteiro trocam arquivos contendo músicas, imagens, ideias políticas e os mais variados conteúdos. Existe uma dinâmica interessante nesta relação através da internet que

¹⁰ O conceito de Realidade Aumentada é descrito por André Lemos na página 128 do Livro “Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea”. Dialoga com a ideia de que a internet é um complemento, e não um substituto da vida real.

¹¹ Os *media clássicos* são os meios de comunicação que se utilizam de um pólo emissor para comunicar às massas, na dinâmica de um para todos, sem interatividade.

Pierre Lévy denomina de inteligência coletiva. Esta inteligência coletiva é constituída por todos aqueles que ajudam a produzir conteúdos veiculados através da internet.

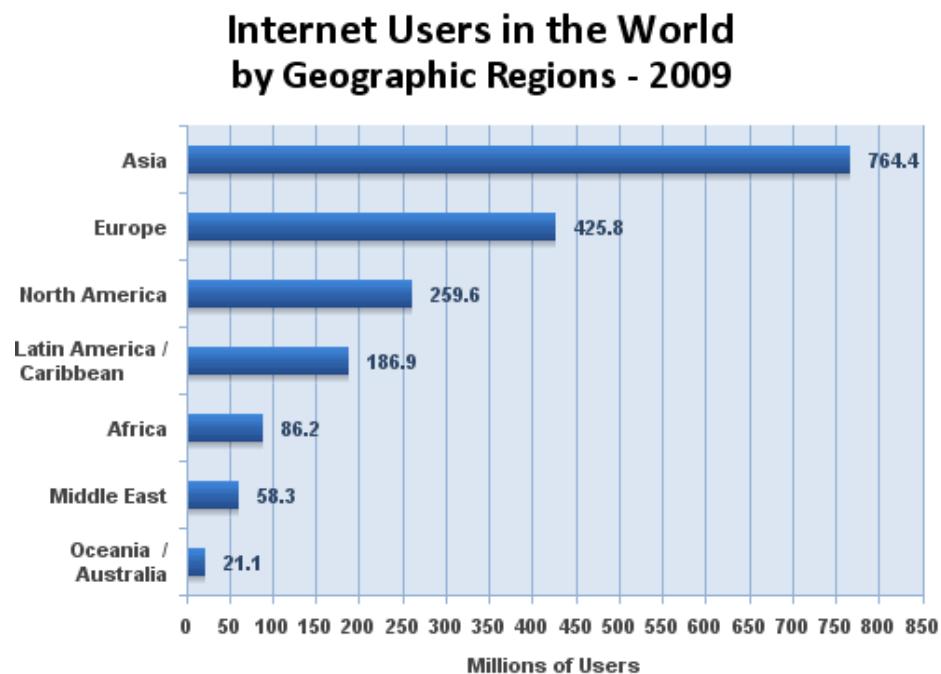
A troca de informações digitais através de sites fortalece as redes cibernéticas, propiciando experiências que vitalizam¹² o ciberespaço, agindo como uma proposta não só de tecnologia para computadores, mas como uma nova forma radicalmente democrática de organização da sociedade de acordo com o que vem sendo dito em entrevistas, palestras e artigos por Pierre Lévy. À medida que crescerem o número de sites que contenham informações qualificadas e de cunho social na sua diversidade de temas, e que estejam disponíveis para todos, estaremos potencializando o ciberespaço, conforme previu Pierre Lévy.

Apesar de serem recentes no Brasil e no mundo, podemos perceber a contribuição que sites, principalmente aqueles com conteúdo específico, dão ao ciberespaço no sentido de qualificar o ambiente cibemético, trazendo à tona, informações de todas as características, como imagens, sons e produtos culturais dos mais diversos, divulgando informações através da internet. É o conjunto das comunidades mundiais dialogando via internet que constitui a qualidade do ciberespaço.

Para entendermos de forma mais qualificada o avanço da internet e a troca de informações via web, vamos remontar, sinteticamente, o seu percurso ao longo da história. Os primeiros computadores para uso militar surgiram nos Estados Unidos e na Inglaterra, em 1945, com o objetivo de realizar cálculos científicos, tendo ocorrido o seu uso civil somente no ano de 1960 (LÉVY, 1999: 31). Foi em 1988 que o Brasil realizou as primeiras conexões na rede global, através de uma comunicação entre o Laboratório Nacional de Computação Científica do Rio de Janeiro (LNCC) e a Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, bem como a conexão entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e o Fermi National Laboratory, em Chicago, nos Estados Unidos (MALAGUTI; NUNES. Apud SAVOSANI; COHN. 2009:14).

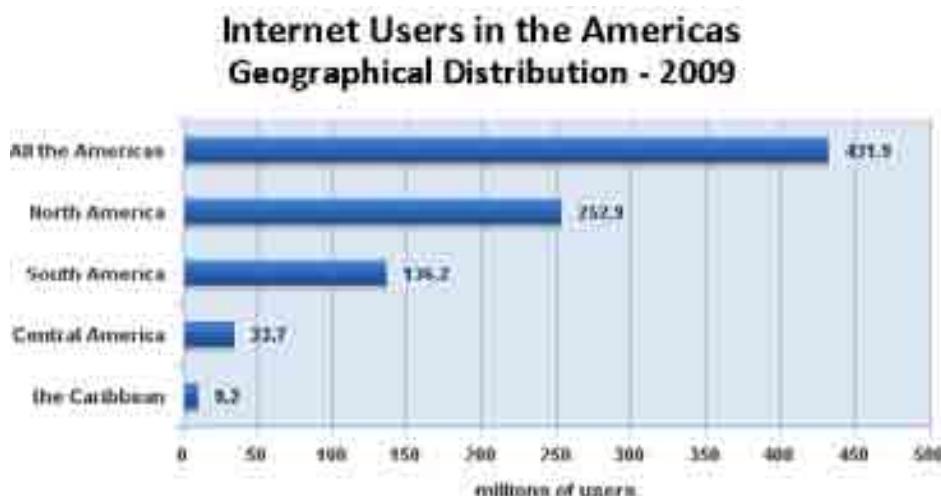
¹² A vitalidade da internet que Pierre Lévy propõe consiste na capacidade que a internet tem em promover o avanço do saber por meio das relações sociais estabelecidas na rede mundial de computadores.

Entre 1980 e 1990 surgiu um novo movimento sociocultural originado pelos jovens das grandes cidades e das universidades americanas, se expandindo rapidamente em âmbito mundial. Anteriormente, sem que ninguém comandasse este processo, as redes começaram a se formar desde 1970 (LÉVY, 1999: 32). Podemos observar essa pujança da internet através dos dados apresentados nas figuras 1, 2 e 3 (nas próximas páginas), que ratificam a evolução do número de internautas, provando que a internet é utilizada por um número cada vez maior de pessoas no mundo. Atualmente, 26,6% da população mundial, de um total de 6,7 bilhões de pessoas, utilizam a internet, apontando um crescimento de quase 400% do ano de 2000 até dezembro de 2009. No Brasil, que tem 50% da população da América do Sul, com um total de mais de 198 milhões de habitantes, 36,2% utilizam a internet, apontando um crescimento de aproximadamente 1.340% no período referido. Portanto, somos hoje, no país, 72 milhões de internautas. Os dados destes gráficos são oriundos do site <http://www.internetworldstats.com>, que publica estatísticas de usabilidade de internet no mundo, fazendo cortes de pesquisa por continentes e por países. Vejamos, nas próximas páginas, os gráficos que atestam os percentuais apresentados acima.



Source: Internet World Stats - www.internetworldstats.com/stats.htm
 Estimated Internet users are 1,802,330,457 for December 31, 2009
 Copyright © 2010, Miniwatts Marketing Group

Figura 01: Gráfico representacional dos usuários de internet no mundo.



Source: Internet World Stats - www.internetworldstats.com
 446,403,050 estimated Internet users in the Americas for year-end 2009
 Copyright © 2010, Miniwatts Marketing Group

Figura 02: Gráfico representacional dos usuários de internet nas Américas.

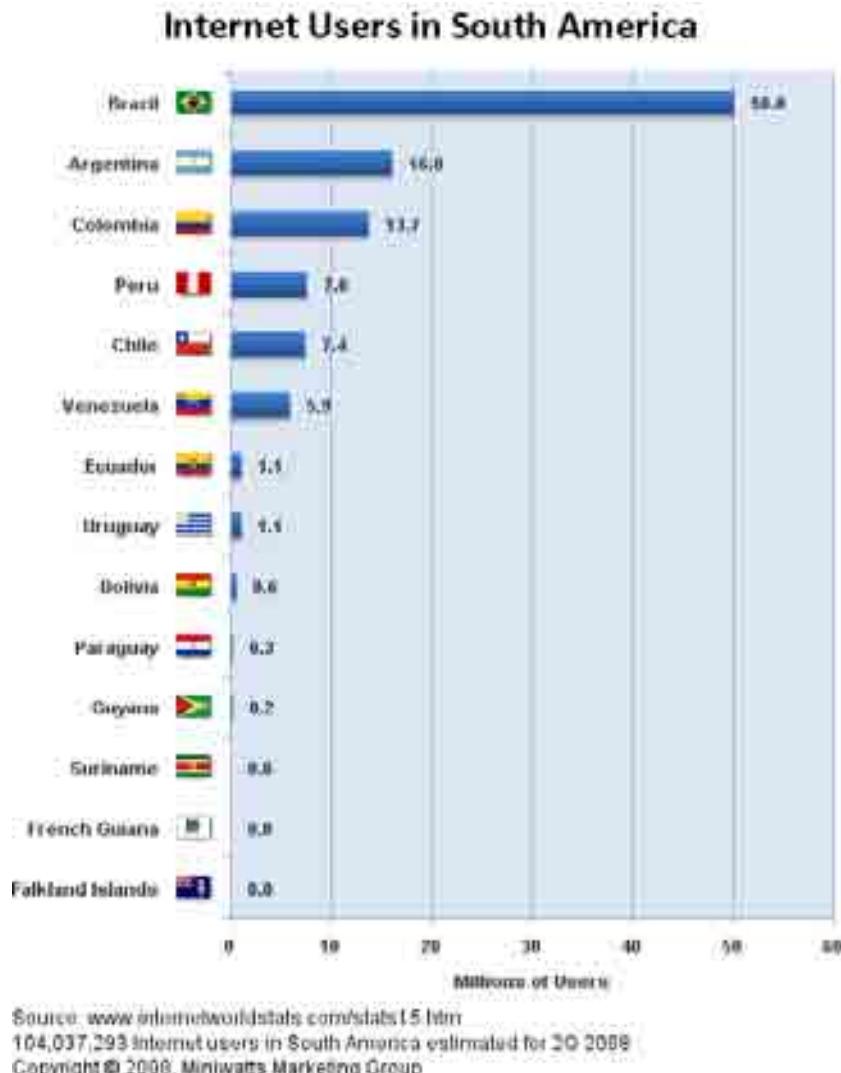


Figura 03: Gráfico representacional dos usuários de internet na América do Sul.

Essa potencialidade da internet faz com que, naturalmente, as pessoas que produzam algo em formato digital realizem a ação de integrar este arquivo à internet, divulgando-o. A ação de enviar algo para outras pessoas através do ambiente cibernético se tornou uma prerrogativa de quem interage ativamente no ciberespaço.

1.5. Os modos de navegação

“...os fragmentos estão sempre em movimento, conectando-se e desconectando-se em novas configurações. O contexto estará sempre em movimento, o foco é o que circunstancialmente criará uma moldura para o tema, sempre determinada pelo etnógrafo ou navegador”. (DODEBEI, 2005: 7)

São duas as definições das atitudes de quem navega no ciberespaço. A “caçada” é quando procuramos uma informação precisa, que queremos ter o mais rápido possível. E a “pilhagem” é quando navegamos sem propósito específico, mas atentos a dar ênfase em algum assunto. De acordo com o “clima” do momento, podendo achar algo de interessante, mas sem saber exatamente o que procuramos. De site em site, de link em link, recolhemos aqui e ali informações do nosso interesse (LÉVY, 1999: 85). Já no campo da pesquisa científica, Vera Dodebeí nomeia de “etnografia informacional”, ou “navegação etnográfica”, o processo de busca a fontes com o propósito de sanar alguma necessidade informacional da web. Em suas palavras, “o percurso da busca pode estar incentivado por tantas razões quantas forem aquelas de natureza humana ou tecnológica, como o *webdesign*, a destreza pessoal ou a velocidade de transmissão, entre outras” (DODEBEI, 2005: 7).

A internet parece ser a grande inventividade dos últimos anos, ao menos no que diz respeito à questão da comunicação. A capacidade de encurtar o espaço e o tempo no acesso a bens artísticos e culturais, no caso, os acervos, potencializa o acesso à informação em escala geométrica. Se a digitalização era num primeiro momento o pecado da cópia do original “inventado pelo criador”, a virtualização cibernética do acervo desdobra a cópia digital ao seu infinito. Uma fotografia em suporte de papel comunica aos seus observadores de forma reduzida, ao alcance do olhar, podendo variar o número de observadores, dependendo do tamanho da foto. A digitalização de uma fotografia comunica de igual forma, possibilitando ainda que, através da ampliação da imagem no monitor, sejam observados detalhes não perceptíveis a olho nu, além de poder ser reproduzida uma porção infinita de vezes. Já a imagem virtualizada em servidor e disponibilizada em sitio na internet está disponível para todas as pessoas que possam acessar a internet.

A característica caótica e radicalmente democrática do ciberespaço abre os caminhos para que faça valer o sentido elementar da inteligência coletiva, que é o de compartilhar conhecimentos e apontá-los uns aos outros (LÉVY, 1999), dando vitalidade à internet no sentido da construção coletiva que tem no seu embrião a solidariedade e a troca. São com as ideias de compartilhamento de experiências e do compartilhamento da informação que pessoas no mundo inteiro trocam informações, ideias políticas de liberdade e de solidariedade. Existe uma dinâmica interessante nesta relação através da internet que Pierre Lévy denomina de inteligência coletiva.

Mas os homens não são só bons e solidários. Desta forma, a internet também serve de veículo para a aplicação de golpes financeiros e para a disseminação de pornografia infantil e de idéias racistas. Deste modo, percebemos que a internet reflete os mais variados aspectos da humanidade, para o bem e para o mal.

A troca via rede nem sempre é para fins de construção coletiva de idéias progressistas. São oriundos da Teoria da Dádiva¹³, os três principais motivos pelos quais as pessoas trocam algo pela internet. Trocamos porque queremos reconhecimento social, porque queremos receber algo de volta melhorado e porque queremos ascender na sociedade. Todas estas condições podem ser viáveis se as quatro liberdades básicas do software livre e do GNU Linux forem seguidas.¹⁴

Baixar uma música da internet ou copiar um conteúdo de um site ou blog tem sido atividades corriqueiras de quem usa a internet, somente propiciadas pela interação da cibercultura que caracteriza uma nova forma de comunicar na contemporaneidade. Julgar como criminosas as pessoas que estabelecem relações de comunicação nas quais a troca de informações em código binário (filmes, músicas, imagens) configura comunicação de informações particulares é ir de encontro ao que é concebido como o DNA da Internet, que é a interação entre pontos na internet, que foi popularizada pela alcunha de WEB 2.0. Aqui, dois fatores são importantes. Primeiro, a diferenciação entre troca de informações em código de

¹³ A Teoria da Dádiva foi elaborada por Marcel Mauss em 1924. Em todas as sociedades existe um sistema de reciprocidades conhecido como dom ou dádiva.

¹⁴ Estas quatro liberdades básicas são: 1) liberdade de uso para qualquer finalidade; 2) liberdade de estudar o software completamente; 3) liberdade de alterar e melhorar o software; e 4) liberdade de redistribuir as alterações feitas. Conforme AMADEU, 2006. Este tema será retomado no capítulo 3.

computador e apropriação indevida de bens culturais, como músicas e filmes. Segundo, o entendimento de Interação como sendo uma etapa recente da internet difundido pelo conceito de WEB 2.0, que utiliza o termo TI (Tecnologia da Informação), confrontado com a idéia de que a internet é pura interação e utiliza o termo TIC (Tecnologia da Informação e da Comunicação), abordada no início deste capítulo.

Deste modo, após esta explanação inicial acerca dos conceitos norteadores da cibercultura e da história da internet, bem como de suas possibilidades no que diz respeito ao armazenamento e fluxo de informações na era da Tecnologia da Informação e da Comunicação, trataremos no próximo capítulo de algumas experiências concretas de digitalização e de disponibilização na internet de acervos culturais das mais variadas características.

CAPÍTULO 2

CONCEITUAÇÃO, GESTÃO E DIVULGAÇÃO DE ACERVOS DIGITAIS

Digitalizar uma informação consiste em traduzi-la em números. Quase todas as informações podem ser codificadas desta forma. Uma imagem, quando digitalizada, é transformada em pontos ou em pixels (*picture elements*). “A digitalização consiste no processo de conversão dos documentos arquivísticos em formato digital, que consiste em unidades de dados binários denominados de *bits* - que são 0 (zero) e 1 (um), agrupadas em conjuntos de 8 bits (*binary digit*) formando um *byte*, e com os quais os computadores criam, recebem, processam, transmitem e armazenam os dados. (CONAR, 2010: 5-6)”. Três valores constituem a sua cor (vermelho; verde; azul) que caracterizamos pela sigla RGB¹⁵. Desta forma, qualquer imagem é traduzida em números (LÉVY, 1999: 50). Em tempos de tecnologia digital, os meios para a duplicação de imagens tornam-se muito mais fáceis de operar do que anteriormente.

Em seu célebre artigo intitulado “A obra de arte na era de sua reproducibilidade técnica”, de 1936, Walter Benjamin já havia enfatizado a contribuição que a reprodução técnica oferece em termos de preservação do original, em se tratando de arte, embora apresentasse uma perspectiva crítica em relação à banalização representada pela reprodução. Também chamou a atenção para a necessidade de algum outro tipo de transmissão da memória, de forma que se assegurasse que esta fosse disseminada no futuro não apenas como forma de

¹⁵ RGB é a sigla das iniciais R (red), G (green) e B (blue), pois vermelho, verde e azul são as três cores primárias quando a cor é obtida aditivamente (cor luz), como em monitores e televisores, constituindo-se assim na base do sistema de cores digitais. No caso das cores obtidas subtrativamente (cor pigmento), o verde é substituído pelo amarelo como uma das três cores primárias. Sobre o assunto, ver <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cor>.

representação ou como meras imagens de exibição, mas também como experiência. Em suas palavras, “cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tê-lo tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução” (BENJAMIN, 1986: 169-170, Apud SILVA, 2002: 78-79). Todavia, a eficácia institucional passa a estar associada à disponibilização digital remota de acervos para um segmento mais amplo da sociedade, satisfazendo as necessidades e demandas da sociedade numa era de conteúdos informacionais “binários” (BENJAMIN, 1986: 169-170, Apud. SILVA, 2002: 78-79-80).

A evolução das técnicas digitais nas últimas décadas do século XX e início do século XXI parece ter efetivado o contato das instituições culturais públicas e privadas de todo o mundo com seu público. A digitalização de acervos com características patrimoniais é uma tendência irreversível devido à importância que os meios virtuais digitais têm na era das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), com o acesso à informação e ao conhecimento sendo viabilizado pela rede mundial de computadores. Para que as instituições culturais não recebam o rótulo de anacrônicas aos procedimentos correntes, se faz necessária a adoção de sistemas tecnológicos que proporcionem a implementação de processos eficazes de preservação e proteção do acervo histórico, prioritariamente daqueles acervos mais deteriorados pela ação do tempo.

O documento digital consiste em três distintos elementos na composição da sua estrutura: o *hardware*, o *software* e a informação armazenada em um suporte (SANTOS; INNARELLI; SOUZA, 2007: 26) e a informática reúne técnicas que permitem digitalizar a informação (entrada), armazená-la (memória) e colocá-la à disposição (saída) (LEVY, 1999: 33). Mas a transformação dos suportes de base eletrônica pode ser encarada como uma delicada questão se não atentarmos para a constante migração de suportes que acontece de tempos em tempos. Em 1969 surgiu o disquete de 8 polegadas. Em 1976 surge o disquete flexível de 5,25 polegadas que tinha a capacidade de armazenar 360 Kb, depois, em 1983 surgiu o disquete de 3,5 polegadas, que armazenava 1,44 Mb (NOBRE). Este disquete foi substituído pelo CD, que armazenava 700 Mb e o DVD que armazenava 4.8 Gb (PEZAT, Apud. MICHELON e TAVARES, 2008: 219). Hoje, a forma mais freqüente para transportar informações é HD externo que pode ter capacidade igual aos HDs

internos dos computadores. O menor derivado do HD externo é o pendrive, que nos dias de hoje é comercializado com capacidades de 1gb, 2gb e até 4gb.

As transformações tecnológicas no universo digital acontecem numa velocidade vertiginosa e até a palavra memória sofre metamorfoses. Vera Dodebei (2008) sugere que se fosse possível unir os conceitos de memória virtual em Bergson e de memória coletiva em Halbwachs, seria possível constatar que a memória social no ciberespaço é apresentada como uma massa processual atual, em permanente construção (DODEBEI e GOUVEIA, 2008: hipertexto). Entretanto, é impossível prever quais serão estas mudanças e de que maneira a sociedade irá apropriar-se delas, alterando-as (LEVY, 1999: 33). Portanto, essa memória social em transformação no ciberespaço não apresenta determinações conclusivas a respeito do seu futuro.

Ainda na questão da memória, Dodebei (2005) lembra que não existe memória sem um suporte técnico. O que nos parece evidente é que apenas as lembranças não são consistentes o bastante ao ponto de, sem chassis de memória, poderem existir. É assim que funciona com o acervo digital, “a memória eletrônica radicaliza um traço intrínseco a todo o suporte de memória: a capacidade de promover a desterritorialização dos eventos no próprio ato de sua recuperação (FERREIRA, Apud DODEBEI, 2005: 6).

2.1. Gestão de Acervos

Hoje podemos dizer que a digitalização de acervos originais e sua disponibilização fazem parte de uma conduta que se torna cada vez mais presente nos centros que trabalham com acervos documentais físicos. Esta conduta ficou evidente no desenvolvimento da pesquisa de acervos em sites do ramo da museologia e dos centros de documentação, bem como em outras instituições ligadas ao tema da gestão de acervos e de preservação da memória. A preservação é apenas mais um aspecto do gerenciamento de coleções, sendo que o planejamento deve contemplar tanto a prevenção à deterioração quanto a sua eventual reparação (SILVA, 2002: 103).

O processo de gestão de acervos digitais deve, necessariamente, ser precedido pela gestão dos acervos físicos. Deste modo, a seguir apresentamos alguns procedimentos importantes extraídos do manual da Biblioteca Nacional, situada no Rio de Janeiro, cujo site encontra-se disponível no endereço eletrônico www.bn.br. Este manual é importante para serviços profissionais de preservação de acervos públicos. Estes cuidados devem servir de exemplo para qualquer tipo de gestão de acervos pela forma técnica e criteriosa com que trata de acervos físicos.

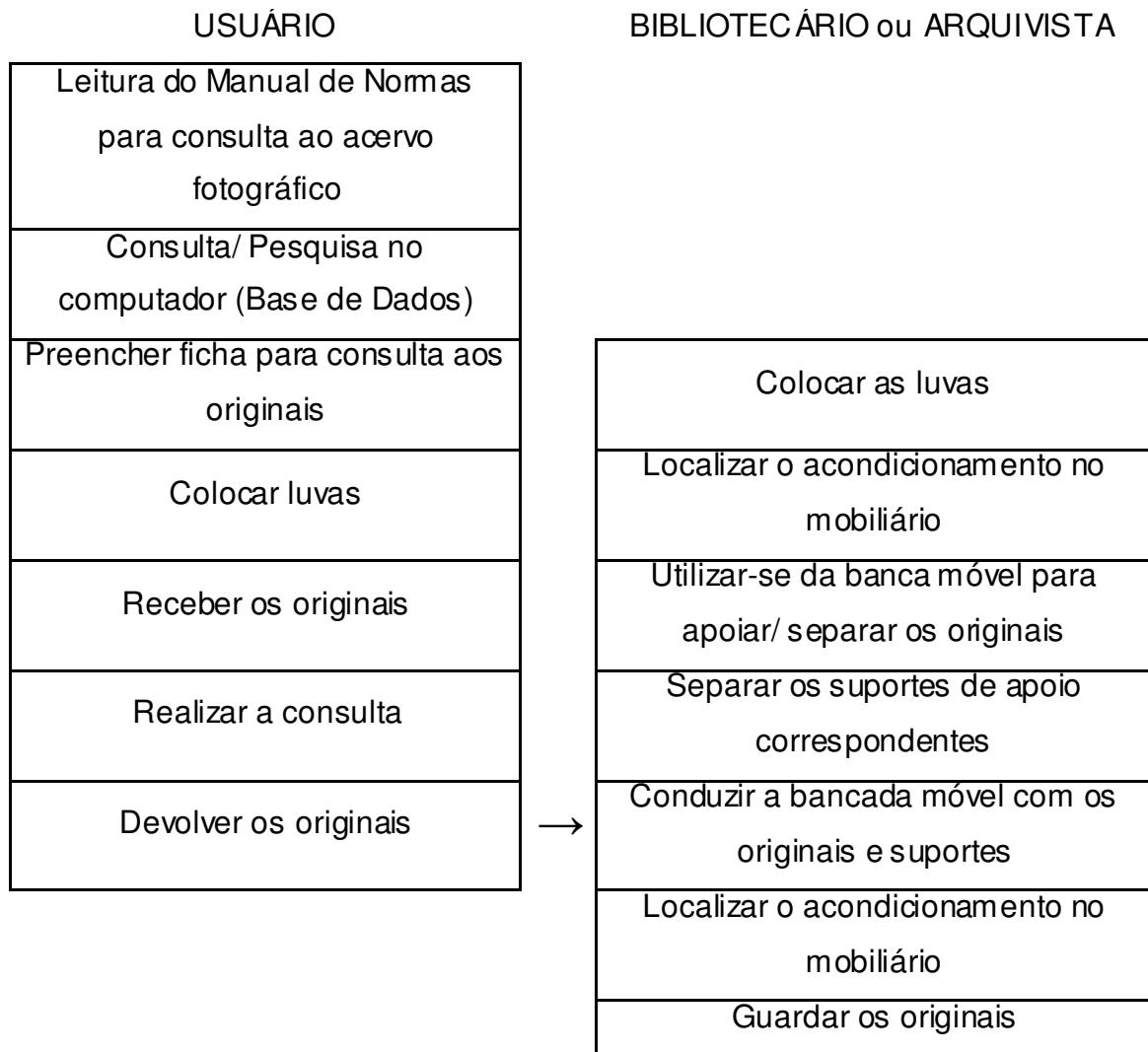


Figura 04: Representação dos passos do Bibliotecário (ou Arquivista) e do Usuário na disponibilização do acervo para pesquisa.

Manual 2 – Disponível no site Biblioteca Nacional (www.bn.br - localizar em principal> serviços a profissionais> preservação de acesso> publicações)

Quanto aos acervos físicos, são inúmeros os casos, desde os primeiros registros feitos pela mão humana, em que a ação do tempo fez com que se tornassem necessárias medidas de preservação. Deste modo, os homens pré-históricos realizaram seus registros em cavernas, resguardadas de boa parte das intempéries naturais. Talvez também tenha realizado registros parecidos ao ar livre, o que não podemos saber, mas se o fizeram com toda a certeza o tempo os apagou. Com a vivência, o ser humano foi estabelecendo medidas de salvaguarda dos acervos. Nos dias de hoje, basta digitarmos em qualquer site de busca as palavras “guarda e preservação de acervos”, que obteremos resultados que irão instruir ações de preservação de acervos físicos.

Quanto aos acervos digitais, interessante referência é a dos dez mandamentos da preservação digital, extraída do livro “Arquivística - Temas Contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento”, publicado em 2007. Nele, seus autores assim caracterizam tais mandamentos: 1 – Manterás uma política de preservação; 2 – Não dependerás de hardware específico; 3 – Não dependerás de software específico; 4 – Não confiarás em sistemas gerenciadores como única forma de acesso ao documento digital; 5 – Migrarás seus documentos de suporte e formato periodicamente; 6 – Replicarás os documentos em locais fisicamente separados; 7 – Não confiarás cegamente no suporte de armazenamento; 8 – Não deixarás de fazer backup de cópias de segurança; 9 – Não preservarás lixo digital; 10 – Garantirás a autenticidade dos documentos digitais (DOS SANTOS; INNARELLI; DE SOUZA, 2007: 39). Os mandamentos não têm nada a ver com crença ou religião, enfatizam os organizadores do livro. Foram elaborados a partir da experiência do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp, que gerou uma fundamentação teórica acerca da metodologia de gestão de acervos, porém, são fundamentos passíveis de discussão e de possível evolução.

No meio digital, o suporte e o conteúdo são perfeitamente separáveis (RONDINELLI, 2002, Apud. SANTOS; INNARELLI; SOUZA, 2007: 67), fazendo com que, por um lado, tenhamos a capacidade de preservar o acervo digital ao realizarmos a migração da mídia progressivamente, mas que, por outro lado, encontraremos algumas fragilidades oriundas deste processo, como as possibilidades

de perda de dados ou informações, de perda da estrutura do documento, de adulteração, de perda do próprio documento, de perda de propriedades fundamentais à diplomática do documento, de perda do contexto histórico e de perda do histórico de produção e dos demais metadados (RONDINELLI, 2002. Apud. SANTOS; INNARELLI; SOUZA, 2007: 67-68).

Todas estas reflexões apontam para que os gestores de conjuntos de acervos possam se instruir ao máximo com vistas ao eficiente manuseio, tanto de acervos físicos como de acervos digitais. As recomendações trazidas neste trabalho têm a finalidade de sintetizar basicamente os principais cuidados na guarda de arquivos, para que sejam estabelecidos critérios razoáveis no que diz respeito à gestão de acervos, linha de pesquisa na qual se insere o presente trabalho.

2.2. Critérios Gerais para um bom site

São apontados quatro critérios gerais para a produção de um bom site para arquivos, museus e outras instituições de guarda da memória: 1. Conteúdo; 2. Apresentação formal e técnica; 3. Navegação; 4. Cibermuseografia¹⁶ (MONFORT e CABRILLANA, 2005: 121-122). Esses quatro aspectos servirão de base para aplicarmos uma concepção básica de produção de site na internet que contemple os objetivos específicos de um projeto para dar maior visibilidade a uma instituição cultural.

Conteúdo

É necessário que o conteúdo esteja atualizado e que os textos sejam acessíveis para todos os tipos de público, pois os internautas podem carecer de domínio de um vocabulário especializado (SOLANILLA, 2001: 12-13). O hipertexto deve estar em pequenos blocos de informação conectados entre si através de associações.

¹⁶ Ainda segundo Monfort e Cabrillana, cibermuseografía “..haría referencia a todos aquellos aspectos misceláneos que no se pueden incorporar a ninguno de los otros apartados, que están ligados a la problemática directa del museo y aplicables a la parte de difusión, educación y documentación” (MONFORT & CABRILLANA, 2005: 123).

Apresentação formal e técnica

O design de qualquer site deve ser suficientemente atrativo para motivar o internauta para um passeio por ele. A internet é um meio predominantemente audiovisual, portanto, os detalhes de cor e de utilização de imagens fixas e animadas são fundamentais, assim como a tipografia, no que diz respeito ao seu estilo e tamanho e à composição em geral.

Navegação

Um dos aspectos mais importantes em um bom design de website é a facilidade de acesso por parte do usuário às diversas seções. A disposição dos menus, os espaços referenciais e a iconografia são aspectos que raramente são bem resolvidos. Em casos de websites mais complexos, são necessários campos de busca e mapas da internet para que o internauta chegue ao seu objetivo, seja de que língua original for este internauta. É importante que existam espaços interativos para que o pesquisador participe de alguma forma do website.

Cibermuseografia

Cibermuseografia é a terminologia aplicada diretamente à problemática do museu e aplicável ao segmento de difusão, educação e documentação museal. A interação do visitante com o espaço, tanto em sua dimensão real quanto em sua dimensão cibernética, adquire uma grande importância, porque para fazer o percurso é necessário que se reconheça a estrutura da mensagem e que se produza a interpretação prevista por parte do receptor (GARCÍA BLANCO, 1994, Apud MONFORT e CABRILLANA, 2005: 123). Para Monfort e Cabrillana, antes de chegar ao conteúdo se faz necessário que o usuário compreenda a lógica da sua interação com o espaço que acondiciona tal conteúdo. Em suas palavras,

En el espacio real, se tiene en cuenta el espacio, la iluminación, el ritmo, los letreros, la asociación entre objetos y algunos aspectos relativos al montaje escenográfico de la exposición. Todos estos aspectos, que ya trata la museografía tradicional, ahora tienen su proyección en el espacio virtual, que obliga a romper algunos de sus principios para adecuarse a los principios de formato y aspectos técnicos, así como la navegación dentro del nuevo entorno (MONFORT e CABRILLANA, 2005: 123).

As instituições que guardam acervos têm dois caminhos a seguir no contexto das mudanças tecnológicas. O primeiro seria adquirir instrumentos tecnológicos para solucionar o problema específico de acesso a conteúdos informacionais, ou adotá-los como opção de preservação. Para o segundo, é necessário um profundo e prolongado compromisso institucional. As duas opções exigem um entendimento dos propósitos da digitalização (SILVA, 2002: 188).

2.3. Arquivo digital e Memória digital

Os termos arquivo e memória, com o advento da tecnologia, ampliam os seus conceitos a partir dos estudos da era das TICs. Geralmente quem trabalha com arquivos são arquivistas (profissional de arquivo de nível superior) e técnicos de arquivo (profissional de arquivo de nível médio), profissões regulamentadas no Brasil pela Lei nº 6.546, de 4 de Julho de 1978. Arquivo é conceituado como sendo prédio, ou uma de suas partes, onde são guardados os conjuntos arquivísticos, na sua designação genérica, entendidos como sendo um conjunto de documentos produzidos ou recebidos por uma pessoa física ou jurídica, pública ou privada, caracterizado pela natureza orgânica de sua acumulação e conservados por essas pessoas/instituições, ou por seus sucessores (SCHELLENBERG, 2004). Podemos observar que o conceito de arquivo é bastante amplo. Trata-se de uma excelente definição se considerarmos a época em que foi formulada, final dos anos 1950, começo dos anos 60, ou seja, época anterior ao surgimento dos arquivos digitais. Foi com a dinâmica da internet e o estabelecimento da cibercultura, que o conceito de arquivo ampliou-se. A partir daí, passamos a chamar também de arquivo à unidade que agrupa um conjunto de informações e que pode ser reproduzida em computador, conectada ou não à internet.

Com relação ao termo memória, também observamos mudanças. As tecnologias digitais têm transformado a maneira de lembrar. Essa nova maneira não substitui a forma convencional e natural de relembrar o passado, apenas acrescenta a essa “memória natural” as ferramentas tecnológicas, tais como e-mails pessoais, palmtops, celulares e outros instrumentos digitais, contribuindo para a ampliação da

capacidade de lembrança. Não é gratuita a denominação “memória de computador”. A utilização dessas ferramentas de comunicação pode ser utilizada tanto no âmbito individual como no âmbito coletivo. Estas memórias auxiliares (DODEBEI e GOUVEIA, 2008) funcionariam como compensação a essa dinâmica da memória individual que não pode abrir mão do esquecimento. De uma memória apenas individual, passamos a nos valer de uma memória coletiva enriquecida com pontos de vista diversos sobre um mesmo fato social, como estimulou Pierre Lévy. Ainda de acordo com Vera Dodebeí e Inês Gouveia,

“Compartilhamos com a tese de Huyssen de que quanto mais forte é o apelo para a memória, mais temos a necessidade de esquecer. E que o medo do esquecimento é o que nos faz produzir, conforme Nora (1993), meios de memória. Esses meios de memória de apresentam como nossas memórias auxiliares, pois sabemos que biologicamente é necessário esquecer para armazenar novas lembranças.” (DODEBEI e GOUVEIA, 2008)

Mas como é prudente em qualquer pesquisa, nos é imposto o confronto de conceitos. Para falarmos sobre memória digital, inevitavelmente teremos que falar sobre memória natural, isso à luz da teoria de Joel Candaú, que divide em quatro as aptidões da memória humana: 1) a ressonância cognitiva do espírito-cérebro com estímulos específicos; 2) potências da protomemória; 3) plasticidades da memória como tal; 4) capacidades do ser humano de aproveitar os recursos mentais de outro. Para demonstrar o conceito da palavra memória no seu sentido mais lato, apresenta-se a seguir trecho do artigo “A memória coletiva e o ciberespaço na era do conhecimento”, no qual o autor, Marcos Berwanger Profes, reconstitui as etapas que a humanidade percorreu até chegar à memória digital. Vejamos:

“(...) a memória separa-se do sujeito ou da comunidade tomada como um todo, tornando-se objetiva, morta, impessoal e separando o conhecimento da identidade pessoal ou coletiva. Com o advento da escrita, o saber tornasse disponível, estocado, consultável, comparável, deixando de ser apenas aquilo que é útil no dia-a-dia para ser um objeto suscetível de análise e exame” (PROFES, s/d).

Vera Dodebei e Inês Gouveia mencionam, em artigo intitulado “Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer”, publicado na Revista de Ciência da Informação *DataGramZero*, que a preservação da memória social é um assunto importante na passagem do século XX para o século XXI, justificando o tema através da necessidade de se ter atenção em criar registros de memória como forma de não esquecer fatos marcantes (DODEBEI e GOUVEIA, 2008). Vejamos a seguir, trecho do referido artigo:

“Temos que considerar outras variáveis que vão interferir nessa dinâmica da lembrança/esquecimento e uma delas é o meio de produção ou de armazenamento das memórias. A digitalização de nossas memórias e a produção de novas informações já em meio digital aliadas à fragilidade e à complexidade de manutenção dos arquivos em ambiente virtual nos leva a criar um novo conceito ameaçador para o mundo contemporâneo, denominado de amnésia digital. Essa forma de amnésia ou febre mnemônica, metaforicamente no dizer de Huyssen, seria causada pelo cibervírus da amnésia que, de tempos em tempos, atacaria a memória. (DODEBEI e GOUVEIA, 2008)

Com relação à citação acima, as autoras colocam duas opiniões distintas. A primeira tenta convencer que os arquivos digitais podem compensar a memória individual e social. A segunda propõe o investimento na metarrepresentação constante das lembranças armazenadas no ciberespaço. Para Dodebei e Gouveia, uma produção que tenha como objetivo estudar a memória deve contemplar a teoria bergsoniana, ao menos situando as teorias que emergiram da sua produção, como é o caso daquelas formuladas por Maurice Halbwachs, Gilles Deleuze e Pierre Lévy.

2.4. Categorias de centros de documentação no ciberespaço

Os autores do livro *Patrimônio Digital*, publicado no ano de 2005, fruto do trabalho de quatro anos desenvolvido pelo Grupo Òliba¹⁷, grupo de investigação criado no ano de 1999, um marco para os estudos da humanidade da Universitat Oberta de Catalunya (MONFORT e CABRILLANA, 2005: 11), registram que as primeiras experiências de aplicações informáticas nas instituições culturais, tais

¹⁷ <http://oliba.uoc.edu>

como museus e arquivos, aconteceram nas décadas de 1970 e 1980, período em que as pesquisas mais importantes são de Chencal, entre 1975 e 1978, de Porter, em 1977, de Willians, em 1978, e de Saranson, em 1983.

Através da pesquisa do Grupo Oliba, temos acesso a uma classificação citada por Teather e Willhem, em 1999, originária do trabalho inédito de Pincete de 1996, intitulado *Surf's up: Museum and the world wide web*, desenvolvido na Universidade de Toronto. Mesmo que o nosso objeto de estudo não seja um museu, as categorias apresentadas aqui servem como parâmetro para o que queremos analisar, que são os processos de interação entre o internauta e os centros de documentação.

Panfletos Eletrônicos

Apresentam detalhes para a visita no acervo físico, como horários, localização, telefones, etc, uma descrição geral do seu conteúdo, serviços de venda de produtos e atividades. Esta categoria de webmuseu costuma desiludir os usuários da internet que esperam olhar exposições e coleções on-line.

Reconstrução Física do Centro

Consiste em uma tentativa de reprodução virtual idêntica ao prédio do museu físico, bem como a disposição dos conteúdos expostos. Esta categoria possibilita ao usuário fazer uma visita virtual idêntica ao percorrido no real, porque existe o risco de que as pessoas nunca realizem uma visita presencial. Tecnicamente, alguns espaços virtuais podem incorporar imagens de webcams situadas no próprio centro de documentação. Estes modelos são cada vez mais questionados, pois a tradução virtual do físico vem, ao longo do tempo, ganhando aspectos próprios, e, assim, diferenciando-se das experiências que se destinam a reproduzir a estrutura do museu físico tal como ele é. Com base nisso, o virtual se constitui em uma forma ímpar, nova, com suas próprias características, mesmo que seu conteúdo seja o mesmo do museu físico. A tentativa de reproduzir o museu físico em uma estrutura cibernética de forma idêntica pode gerar problemas, pelo simples fato de que cada forma tem sua linguagem própria.

Real Interativo

Recursos Hipertextuais são complementos, ou prolongamentos, na internet, dos conteúdos presenciais que se oferecem no centro ou museu. Sua função é a de facilitar o acesso do visitante ao centro real, a partir da amostra de uma parte do seu conteúdo. Desta forma, o conteúdo exposto através da internet pode ser encontrado de igual forma na instituição real. Exemplos clássicos deste tipo de categoria são os centros Exploratorium de São Francisco - www.exploratorium.edu -, como podemos observar na figura 05, e o Museu de Ciências e Tecnologia de Londres – www.nmsci.ac.uk.¹⁸



Figura 05: Página de visualização de vídeo no site Exploratorium

Neste caso, os museus permitem formas não lineares de consulta e investigação das coleções. O usuário, através da rede internacional dos computadores, pode começar com a consulta no acervo do centro e terminar em um recurso virtual de outro centro na outra ponta no mundo, como acontece, por exemplo, no website da Biblioteca Nacional Digital do Brasil (<http://bndigital.bn.br/>), onde o internauta pode acessar as bibliotecas digitais nacionais de países, como o Canadá (<http://collections.ic.gc.ca/>), os EUA (<http://lcweb.loc.gov/>), a China (<http://www.nlc.gov.cn/old/ndl/index.htm>), a França (<http://gallica.bnf.fr/>), a Suécia (<http://www.kb.se/ENG/kbstart.htm>) e o Japão

¹⁸ O caminho que percorremos até chegar no vídeo foi: explore> earth> ice> vídeo.

(<http://www.nlc.gov.cn/old/ndlcn/index.htm>), para citar alguns dos vários websites linkados¹⁹ à Biblioteca Nacional. Desta forma o internauta pode realizar o seu próprio itinerário através do recurso hipertextual, seguindo seus interesses pessoais, e a partir desta interatividade é que constrói seu próprio conhecimento, por intermédio da experiência (MONFORT e CABRILLANA, 2005:31).

Grandes Bases de Dados On-line

É um dos usos mais intensos da internet. Consiste na difusão dos catálogos das coleções que já existiam para a gestão interna. Sua versão virtual se converte em um espaço de documentação on-line, um catálogo digital acessível a diversos perfis de públicos. Normalmente se trata de uma imagem do objeto em diferentes resoluções, junto com uma ficha explicativa e aplicações multimídia.

2.5. Sites de divulgação de acervos digitais

Aqui trataremos de alguns exemplos de ambientes virtuais, ou seja, *sites* que se destinam a divulgar acervos através da internet. O nosso objetivo é observar e descrever os passos e procedimentos que os *sites* utilizam na divulgação de seus acervos aos internautas. Este exercício é feito com o objetivo de construir um paralelo entre os ambientes virtuais pesquisados e o projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP), objeto de estudo da presente dissertação. Foram pesquisados *sites* de sete instituições, sendo eles o Museu Imperial do Rio de Janeiro, o Centro de Documentação 25 de Abril da cidade de Coimbra, em Portugal, o Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas, a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional dos Estados Unidos, o Museu da Pessoa e o Centro de Documentação e Memória da UNESP. A escolha dos *sites* obedeceu ao critério de popularidade da internet, ou seja, aqueles que apareceram primeiro no ranking da ferramenta de buscas Google, a mais utilizada nos dias de hoje. As buscas no Google foram feitas com as palavras arquivologia, museologia, pesquisa histórica, acervos digitais, acervos fotográficos, bibliotecas digitais e cibermuseus.

¹⁹ Linkar é o ato de fazer o link; Link é ligação, em inglês. 1. Termo utilizado para expressar a ligação entre sistemas de comunicação eletrônica e telecomunicações. 2. Termo utilizado para expressar uma ligação temática ou formal entre as peças de uma campanha publicitária.

Também foram considerados aqueles *sites* que tinham características positivas em termos de sistemas de disponibilização de acervos digitais na internet.

Buscamos algumas experiências de construção de ambientes virtuais, para comparar a “modelos de sucesso” ao nosso objeto de estudo, com a intenção de estabelecer instrumentos de análise pautados nos processos que o internauta precisa obedecer para chegar até o acervo digital virtualizado e entender quais são as questões técnicas integrantes do processo de transmissão informativa destes acervos. É evidente que a pesquisa nos sites foi feita em instituições de grande porte, o que precisa ser levado em consideração quando analisarmos os procedimentos de cada instituição elencada aqui em analogia com a RCMP. Não cabe aqui uma comparação, mas sim estabelecermos os “modelos de sucesso” ou os “procedimentos adequados” para que os responsáveis pelo objeto de estudo sejam estimulados a refletir sobre tais procedimentos e, se possível, implementá-los em um curto período.

URL dos Ambientes Virtuais de Acesso a Acervos:

1 - Site do Museu Imperial do Rio de Janeiro

<http://www.museuimperial.gov.br>

2 - Site do Centro de Documentação 25 de Abril de Coimbra - Portugal.

<http://www1.ci.uc.pt/cd25a/>

3 - Site da Fundação Getúlio Vargas

<http://cpdoc.fgv.br/>

4 - Site da Biblioteca Nacional

<http://bndigital.bn.br>

5 - Site do Arquivo Nacional dos Estados Unidos

<http://www.archives.gov>

6 - Site do Museu da Pessoa

<http://www.museudapessoa.net>

7 - Site do Centro de Documentação e Memória da UNESP

<http://www.cedem.unesp.br>

2.5.1. Site do Museu Imperial do Rio de Janeiro

O primeiro *site* a ser pesquisado foi o do Museu Imperial do Rio de Janeiro, que foi o Palácio Imperial de Petrópolis, onde residiu o imperador Dom Pedro II. A construção do Museu foi iniciada em 1845, sendo o projeto original do major e engenheiro mecânico Júlio Frederico Koeler, e após sua morte, pelos arquitetos Joaquim Cândido Guilhobel e José Maria Jacinto Rebelo. No alto dos seus 70 anos, completados em 29 de março de 2010, o Museu Imperial, através dos seus espetáculos, eventos, exposições e atividades, atinge 300 mil visitantes ao ano. Podemos ver, a seguir na figura 06, o prédio do Museu Imperial, que apresenta sinais de ótima conservação.



Figura 06: Museu Imperial do Rio de Janeiro. Fonte: <http://www.varejao.blog.br/blog/?p=231>

O caminho percorrido até o acesso ao acervo está anexado a esta dissertação com seis imagens. A navegação através de links²⁰ foi a seguinte: *Serviços Online*, depois *Publicações Online*, depois *Almanaques*, até chegar em *Almanaque de Petrópolis Vol. I*. Portanto, foram quatro cliques até chegarmos ao

²⁰ Links são elementos de ligação de páginas. O link é a base de qualquer hipertexto e é anterior a internet, mas foi na rede que encontrou sua maior possibilidade de expressão. Através do link podemos saltar, ou seja, navegar, do mesmo documento; de outro documento do mesmo site; de outro documento, em qualquer computador da rede; para qualquer recurso disponível, como uma imagem, um arquivo de som, um filme, etc.

acervo propriamente dito. Nele, um sistema induso propiciou a visualização do documento de forma muito clara, pois, foi possível ampliar a imagem do documento (zoom), conforme podemos ver adiante, na figura 07.

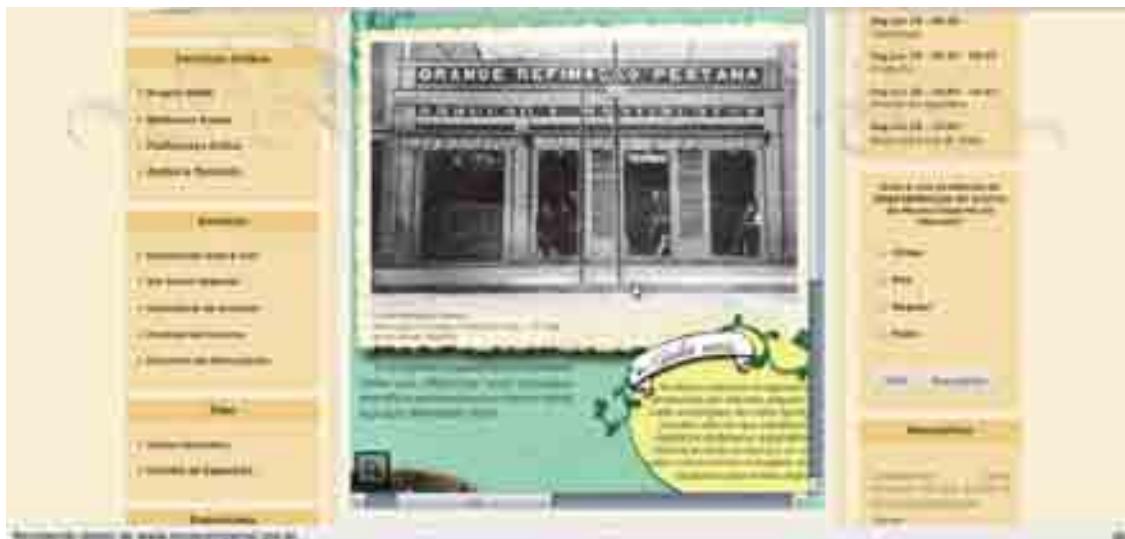


Figura 07: Zoom do Almanaque de Petrópolis Volume I

A principal constatação extraída da pesquisa no site do Museu Imperial não é o acesso dinâmico ao acervo fotográfico digitalizado ou ao acervo documental digitalizado, como atas e ofícios, mas sim a ferramenta de zoom disponibilizada ao internauta ou pesquisador. Essa ferramenta possibilita uma visualização total da imagem, tendo bom desempenho quando utilizamos Computador Acer Aspire 4720Z, Intel Pentium dual-core processador T2390 (1.86 Ghz, 533 Mhz FSB, 1MB L2 Cache), Bluetooth 2.0+EDR. O acesso à internet utilizado tinha velocidade de 1Gb e foi transmitido por wireless. A tela 14.1 W Acer CrystalBrite LCD possibilitou uma boa visualização do acervo. Lembramos que esta configuração de computador e os elementos tecnológicos mencionados acima são os mesmos utilizados na pesquisa nos outros sites.

Outra constatação importante na pesquisa ao site do Museu Imperial foi a tecnologia de segurança do acervo. Na tentativa de baixar a imagem visualizada, um sistema de segurança apontava que era impossível realizar esta operação. Assim, a única maneira que encontramos para baixar a imagem, como pode ser visualizado

na figura 06, na página anterior, foi utilizando a tecla *PrintScreen*, que serve para reproduzir na sua integralidade a imagem aparente na tela inteira de qualquer computador.²¹ Ao digitar *PrintScreen*, a imagem fica gravada na área de transferência, podendo desta forma, ser colada através do atalho do mouse, clicando no botão direito e, logo após, clicando em colar. Outra forma de colar a imagem gravada pela *PrintScreen* é teclar CTRL + V.

2.5.2. Site do Centro de Documentação 25 de abril de Coimbra - Portugal

Em <http://www1.ci.uc.pt/cd25a>, encontramos o site do Centro de Documentação 25 de Abril, da Universidade de Coimbra, em Portugal, que tem como diretor o professor e sociólogo Boaventura de Souza Santos. Criado pela Universidade de Coimbra no ano de 1984, o Centro de Documentação tem como objetivo recuperar, organizar e divulgar o material documental sobre a transição democrática portuguesa, marcada pela data de 25 de abril de 1974. Funciona como uma das unidades de extensão cultural e de apoio à formação. Dentre os principais serviços do Centro de Documentação estão a Biblioteca Especializada, os Arquivos Privados, a clipagem²² da imprensa e o Arquivo audiovisual e iconográfico. Seria interessante e ilustrativo se tivéssemos aqui, nesta dissertação, uma foto que mostrasse a exterioridade do prédio do Centro de Documentação, mas isto não foi possível. Durante o período de uma hora de busca por “pilhagem” (LÉVY, 1999: 85), não logramos êxito em encontrar uma só imagem que não fosse a disponível no site do Centro de Documentação, mas que, no entanto apresenta baixa qualidade, com o tamanho de 10,8 KB, formato GIF, largura 156 pixels, altura 98 pixels. Desta forma, a imagem mais ilustrativa sobre o Centro de Documentação é a página inicial do site, apresentada a seguir, na figura 08.

²¹ Para os menos iniciados, a tecla *PrintScreen* fica ao lado da tecla *F12* no teclado.

²² Clipagem vem da palavra inglesa Clipping, expressão idiomática da língua inglesa, uma “gíria”, que define o processo de selecionar notícias em jornais, revistas, sites e outros meios de comunicação, geralmente impressos, para resultar em um apanhado de recortes sobre assuntos de interesse de quem os seleciona.



Figura 08: “Página inicial” do site do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, Portugal.

Uma das ferramentas encontradas no site do Centro de Documentação 25 de Abril foi o link *Oferta e Sugestões*, onde o internauta pode enviar documentos referentes ao tema do Centro de Documentação. O internauta encontra, no campo de envio, um formulário online no qual precisa preencher o seu nome e e-mail. Pode comentar o arquivo que está enviando para o Centro de Documentação e, por último, anexar o arquivo para enviar. Esta ferramenta de envio de arquivo se torna um facilitador da aquisição de acervos perdidos, tendo em vista que o Centro de Documentação 25 de Abril sabe que muitos arquivos estão dispersos por toda Portugal e em países estrangeiros.

Durante a pesquisa, foi enviada uma mensagem através da subpágina “Oferta e Sugestões”, com o pedido de que enviassem uma foto do prédio onde está alocado o Centro de Documentação, com a justificativa de que nenhuma foto do prédio foi encontrada na internet. Entretanto, não houve resposta a esta mensagem. Este fato pode ser qualificado como uma deficiência do Centro de Documentação, pois seria interessante que o máximo de informações fosse disponibilizado no site, como forma de seduzir os internautas a visitarem o Centro de Documentação

pessoalmente. Além do mais, de nada adianta indicar um e-mail para a troca de mensagens se estas não são respondidas, truncando a comunicação da instituição com os usuários.



Figura 09: Subpágina “Oferta e Sugestões” do site do Centro de Documentação 25 de Abril

Com relação à busca de acervos digitais dentro do site do Centro de Documentação 25 de Abril, foi seguido o seguinte caminho: *Página inicial*, visualizada na figura 08; depois *Arquivo Eletrônico da Democracia Portuguesa*, depois *Biblioteca digital*; depois *Relatórios da CIA sobre Portugal*; depois *Relatório 1*; depois, clicando em *Relatório 1*, é que temos acesso ao documento, que apresentamos a seguir, na figura 10.



Figura 10: Relatório 1, datado de 25 de abril de 1974, encontrado na subpágina “Relatórios da CIA sobre Portugal” do site do Centro de Documentação 25 de Abril.

No link *Biblioteca digital* do site do Centro de Documentação 25 de Abril, que trata dos textos sobre o dia 25 de abril de 1974, seus antecedentes e suas consequências, nós tivemos acesso a acervos como os relatórios da CIA²³ sobre Portugal, que entre os anos de 1974 e 1976 investigou o novo governo português. Este foi o resultado da pesquisa a documentos. Outra pesquisa, com o intuito de encontrar acervos imagéticos tais como fotos, cartazes, etc., dentro do mesmo site, seguiu o seguinte caminho: Primeiro dicamos em *arquivos de vídeo*, tendo acesso a vídeos. Outro caminho que percorremos foi dicando no link *iconografias*, onde tivemos acesso a imagens, cartazes, autocolantes e logotipos partidários, que podem ser visualizados no anexo sobre o Centro de Documentação 25 de Abril. Talvez este tenha sido o site de maior qualidade, no entendimento de navegabilidade e diversidade de acervos. Testamos baixar uma imagem e constatamos que todas as imagens do link *iconografias* apresentam as mesmas

²³ CIA é a Agência Central de Inteligência civil do governo dos Estados Unidos, responsável por fornecer informações de segurança nacional para os políticos mais importantes dos Estados Unidos. A CIA se envolve em atividades secretas a pedido do presidente dos Estados Unidos. Sua principal função é a de coletar informações sobre os governos estrangeiros, corporações e indivíduos, como foi o caso do seu engajamento em pesquisar Portugal entre os anos de 1974 e 1976, conforme os relatórios da CIA sobre Portugal que foram abertos ao público através do seu site.

características, com 52,2 KB, largura de 408 pixels e altura de 143 pixels, no formato JPEG²⁴.

2.5.3. Site da Fundação Getúlio Vargas

No endereço <http://cpdoc.fgv.br/>, encontramos o site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), criado no ano de 1973. O CPDOC tem por objetivo abrigar conjuntos documentais sobre a história contemporânea do país, além de desenvolver e realizar cursos de graduação e pós-graduação. Os conjuntos documentais doados ao CPDOC podem ser visualizados no link *Guia dos Arquivos*, no site correspondente da CPDOC. Tais documentos constituem um grande acervo de arquivos pessoais de figuras públicas do Brasil e contém aproximadamente 200 fundos, totalizando cerca de 1,8 milhão de documentos. Todo o gerenciamento dos arquivos digitais e sua subsequente disponibilização à consulta pública são os principais objetivos do CPDOC. O *Accessus* é o sistema informacional utilizado para que os internautas possam realizar consulta pública aos acervos da instituição. Na figura 11, a seguir, podemos visualizar a página inicial do CPDOC.

²⁴ JPEG é a sigla para Joint Pictures Expert Group. É um método utilizado para comprimir imagens fotográficas, retirando aquelas informações que o olho humano não consegue visualizar, deixando a imagem mais leve, ou seja, com menos KBites. O grau de redução pode ser ajustado, o que permite a quem manipula a imagem escolher o tamanho de armazenamento e seu compromisso som a qualidade da imagem. Outros formatos são o GIF (Graphics Interchange Format) e o PNG (Portable Network Graphics).



Figura 11: Site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A arquitetura da informação disposta na página inicial do CPDOC apresenta seis principais tópicos dentro do menu central, sendo eles o tópico *Principal*, onde estão as primeiras informações sobre o centro de documentação; em seguida tem o tópico *CPDOC*, onde encontramos a apresentação da instituição, a sua estrutura organizacional, a equipe de trabalho constituída de 67 membros, e o CPDOC na cidade de São Paulo; depois encontramos o tópico *Ensino*, onde constam informações da Escola Superior de Ciências Sociais; logo depois tem o tópico *Pesquisa*, compreendido pelas oito linhas de pesquisa do CPDOC; depois encontramos o tópico *Produção*, onde temos acesso a 22 artigos que analisam fatos e conjunturas do Brasil, artigos sobre o primeiro governo Vargas (de 1930 até 1945), sobre o segundo governo Vargas (de 1951 até 1954), a trajetória política de João Goulart (Jango) e o governo de Juscelino Kubitschek (JK); por último, no tópico *Acervo*, podemos ter acesso ao sistema informacional *Accessus*, antes referido, onde o internauta ou pesquisador pode navegar nos acervos do CPDOC.

No *Accessus* são encontradas todas as informações sobre os acervos pertencentes ao centro de documentação e, como forma de divulgar tais acervos,

são disponibilizadas imagens digitalizadas, como fotos e capas de livros e documentos. Utilizamos como exemplo o acervo de Anísio Teixeira, no qual encontramos os dados biográficos, a formação acadêmica, suas principais atividades, documentos textuais, impressos e audiovisuais e uma análise da documentação que pode ser encontrada na instituição. Para pesquisar, se faz necessário preencher um breve cadastro. Em seguida, podemos realizar a consulta ao acervo desejado. Já que exemplificamos acima o acervo de Anísio Teixeira, iremos continuar em busca de outras informações sobre o mesmo. Na página de buscas dicamos no nome de Anísio Teixeira, que igualmente aos outros nomes, aparece em ordem alfabética. Ao clicarmos no nome desejado, são apresentados os formatos de acervos disponíveis, sendo eles: *Textual, Audiovisual, Livro/Folheto, Capítulo de Livro, Exemplar Periódico, Artigo Periódico ou Todos*. Escolhemos a característica *Audiovisual* para efetuar nossa pesquisa, estipulando, dentre três tipos de audiovisual - a) Iconografia; b) Som e c) Imagens em movimento -, a opção "a". Como resultado da busca, foram registrados 106 ocorrências, sendo a primeira delas escolhida para ser visualizada. A seguir, na figura 12, podemos visualizar o sistema informacional *Accessus* disponibilizando o acervo registrado sob a nomedatura "CG108", que consiste em *Cartaz, contendo montagem de fotografias, da temporada internacional de ciclismo promovida pela Sociedade do Ciclista Riograndense*.



Figura 12: Acervo disponibilizado no site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O site do CPDOC apresenta, em diversos aspectos, as mais avançadas ferramentas da atualidade em termos de visualização de acervos na internet. Neste sentido, salientamos duas características positivas deste site: as ferramentas de busca de acervo e o montante extraordinário de informações relativas aos acervos pesquisados. Neste sentido, deve-se destacar a quantidade e a qualidade dos profissionais que trabalham no CPDOC.

Constatamos que a quantidade razoável de profissionais, assim como a qualidade dos mesmos e a disponibilização dos recursos técnicos necessários, são requisitos indispensáveis para a obtenção de bons resultados em qualquer ação, pois não adianta nada que tenhamos um número elástico de pessoas envolvidas em um projeto sem a devida qualidade técnica e profissional e sem as condições materiais para o desenvolvimento do trabalho. No mesmo sentido, não basta termos profissionais qualificados se estes forem poucos ou em número incompatível com o tamanho do trabalho a ser executado.

2.5.4. Site da Biblioteca Nacional

Em <http://bndigital.bn.br>, temos acesso ao site da Biblioteca Nacional brasileira, onde os internautas podem ter acesso a acervos de variados gêneros. No site, é no tópico *Biblioteca Digital*, localizado como terceiro item do menu, onde temos acesso a acervos públicos digitalizados. Segundo dados do site, a Biblioteca Nacional do Brasil é considerada pela UNESCO como uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo e é também a maior biblioteca da América Latina. Seu acervo é estimado hoje em cerca de nove milhões de itens. A seguir podemos visualizar, na figura 13, a página inicial da Fundação Biblioteca Nacional.



Figura 13: Página inicial do Site da Biblioteca Nacional

O site citado anteriormente faz parte do Portal do governo federal, levando em seu cabeçalho a menção ao Ministério da Cultura, que lhe dá o status de que necessita para a sua atuação. Na figura 14, a seguir, podemos visualizar o site da Biblioteca Nacional Digital.



Figura 14: Site da Biblioteca Nacional Digital

A Rede da Memória Virtual Brasileira é um bom exemplo de como articular conjuntos de acervos. Conforme consta no site, esta Rede é depositária do patrimônio bibliográfico e documental brasileiro e sua missão é garantir a todos os cidadãos o acesso à memória cultural brasileira. Para tal propósito, a Biblioteca Nacional desenvolve diversas atividades e projetos, que têm como objetivo a democratização e ampliação do acesso por parte da população à informação, a partir de fontes primárias de pesquisa. Para acessarmos a Rede da Memória Virtual Brasileira, o internauta ou pesquisador precisa clicar no sexto tópico do menu principal do site da Biblioteca Nacional Digital, ou digitar diretamente o endereço www.bndigital.bn.br/redememoria. O destaque que encontramos neste site é o campo *Galerias Digitais*, onde podemos encontrar diversos conjuntos de acervos. O menu da Rede da Memória Virtual Brasileira é constituído dos seguintes tópicos:

Povos Indígenas, Imigração Chinesa, Arte Pictórica Rupestre, Barroco, Modernismo, Fotografia, Arquitetura, Gravura, Música Popular, Música Erudita, Teatro Brasileiro, Cinema Novo, Viagens Científicas, Guia de Fontes, Observatório Nacional, Missão Francesa, Augusto Malta, Avenida Central, Folclore, Culinária, Escravidão Africana, Periódicos do Séc. XIX, Literatura Colonial, Poesia Romântica, Ficção Romântica, Realismo, Guerra do Paraguai, Revolta da Vacina, Conselho de Estado, Pernambuco Holandês, Independência do Brasil, Revoltas Sertanejas – 1736, Companhia de Jesus. A seguir, na figura 15, podemos visualizar o site Rede da Memória Virtual Brasileira.



Figura 15: Site da Rede da Memória Virtual Brasileira, marcada no tópico *Galerias Digitais*

O que chama a atenção no site da Rede da Memória Virtual Brasileira, além da excelente galeria de imagens, é a facilidade em visualizar os diversos tópicos do menu, localizado à esquerda de quem visualiza a figura. O bom senso da navegação diz que, quanto menos cliques o internauta ou pesquisador tiver que efetuar em sua navegação, mais rápida e eficiente será a obtenção dos seus resultados práticos. Menus, imagens e informações escondidas afastam os pesquisadores, fazendo com que a eficiência do site seja colocada em risco.

2.5.5. Site do Arquivo Nacional dos Estados Unidos

Para ter acesso ao site do Arquivo Nacional dos Estados Unidos, digitamos o endereço <http://www.archives.gov>. A instituição que gerencia e mantem os arquivos nacionais dos Estados Unidos é a *National Archives and Records Administration (NARA)*, que funciona como uma agência do governo para preservar os acervos e torná-los disponíveis para a pesquisa. O Arquivo Nacional foi criado no ano de 1934 pelo Congresso Federal, com o objetivo de centralizar e manter o registro dos seus arquivos. Na figura 16, podemos visualizar o site do Arquivo Nacional dos Estados Unidos.



Figura 16: Site do Arquivo Nacional dos Estados Unidos

O Arquivo Nacional dos Estados Unidos está localizado em 37 instalações espalhadas por todo o país, devido ao grande número de documentos e de arquivos físicos existentes. Isso prova que é possível manter estruturas geograficamente fragmentadas se a organização for razoavelmente conectada e criteriosamente coesa. As localidades onde o Arquivo Nacional está presente são: Alaska, Arkansas, Califomia, Colorado, District of Columbia (DC), Georgia, Illinois, Iowa, Kansas, Maryland, Massachusetts, Michigan, Missouri, New York, Ohio, Pennsylvania, Texas

e Washington (State). Outra boa surpresa encontrada no site do Arquivo Nacional dos Estados Unidos foram os links apresentados no site, que conectam os internautas através de canais de sociabilidade na internet. Uma lista de 7 endereços de blogs, 21 perfis do Facebook, 1 perfil do Flickr, 7 perfis do twitter, 5 contas no youtube e outras ferramentas, menos usadas no Brasil por instituições arquivísticas, funcionam como canais de sociabilidade entre o Arquivo Nacional dos Estados Unidos e a sociedade.

No que diz respeito à busca de imagens históricas, realizamos no site, investigação em um menu localizado no centro da página denominado *Most Requested*. Clicamos no quarto tópico, de nome *World War II Photos*, e posteriormente na primeira fotografia da galeria. A fotografia que podemos visualizar na figura 17, a seguir, é referente ao ato acontecido em Berlim, em março do ano de 1938, no qual Adolf Hitler anunciou a 'pacífica' aquisição da Áustria. A fotografia digitalizada é apresentada em formato excelente, podendo ser efetuado o *download* com facilidade. Este é um bom exemplo de imagens que ultrapassam o tamanho da tela quando são salvas, do site visitado, no computador.



Figura 17: Fotografia do ato que Hitler promoveu em Berlim, em março de 1938, depois de tomar a Áustria, encontrada no site do Arquivo Nacional dos EUA.

2.5.6. Site do Museu da Pessoa

Em <http://www.museudapessoa.net>, podemos navegar no site do Museu da Pessoa, que é um Ponto de Cultura brasileiro, financiado pelo governo federal, assim como a Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RCMP. O propósito do Museu da Pessoa, como informa o tópico inicial do site, é contribuir para tornar a história de cada pessoa valorizada pela sociedade, baseado na idéia de que toda história de vida tem valor e deve fazer parte da memória social; de que ouvir o outro é essencial para respeitá-lo e compreendê-lo como par, além de outros valores que compõem o arcabouço do pensamento do Museu. A grande finalidade é integrar indivíduos e distintos grupos sociais por meio da produção e conhecimento de suas experiências na tentativa de romper o isolamento de alguns grupos sociais. A seguir, na figura 18, podemos visualizar a página inicial do site do Museu da Pessoa.



Figura 18: Site do Museu da Pessoa

O site do Museu da Pessoa apresenta, no menu principal, três tópicos, que são, respectivamente, *O Museu*, logo após, *Histórias*, e, por último, *Conte sua História*. Cada um destes tópicos desencadeia outros sub-menus. O que nos

chamou mais a atenção neste site foi a possibilidade de qualquer pessoa poder relatar a sua própria história, além de o mesmo estabelecer regras de uso do site e de seus conteúdos através do tópico *Código de Conduta*, que tem a finalidade de mediar a relação entre a instituição e a sociedade.

Para chegarmos até o *Código de Conduta*, basta clicar no tópico *Conte sua História*. O termo de uso, em seu quinto artigo, explicita que “ao enviar qualquer conteúdo - depoimentos, textos, fotografias, documentos, ilustrações, vídeos e áudios - o usuário autoriza sua integração ao acervo do Museu da Pessoa, bem como sua reprodução, por tempo indeterminado, a título gratuito, neste Portal ou em outras iniciativas sem fins lucrativos do próprio Instituto”. Tal autorização parcial tem a finalidade de resguardar os fins não comerciais do uso das informações pessoais de seus usuários, bem como permitir, por prazo indeterminado, a utilização dos acervos.

Depois, no décimo artigo, o código de conduta ratifica que, para fins culturais, sociais, acadêmicos e educativos, a utilização dos acervos pode ser permitida, o que está de acordo com uma das premissas do projeto, que é o de promover o acesso universal e gratuito a seu acervo de depoimentos e informações, bem como às suas ferramentas de interação. Vejamos, a seguir, o que diz literalmente o décimo artigo do código de conduta:

“O uso por terceiros do conteúdo disponibilizado neste Portal somente está autorizado para finalidades culturais, sociais, acadêmicas e educativas, sem finalidade lucrativa. Em qualquer caso, para que seja válida esta permissão, deve ser citado o Museu da Pessoa como fonte. É expressamente proibida sua utilização na elaboração de produtos (livros, apostilas, sites, exposições, entre outros) sem prévia autorização” (artigo 10 do código de conduta do Museu da Pessoa).

A seguir, na figura 19, podemos visualizar imagem do tópico *Código de Conduta*, encontrado no site do Museu da Pessoa.



Figura 19: Imagem do tópico *Código de Conduta*, do Site do Museu da Pessoa.

Talvez o Museu da Pessoa tenha uma das dinâmicas de constituição de acervos mais arrojadas dos sites pesquisados. O fato de qualquer pessoa poder participar faz com que haja uma radicalidade no sentido de democratizar a constituição de fontes históricas, pois visões de mundo que normalmente não deixariam qualquer registro passam a ser coletadas, abrigadas e disponibilizadas.

O Museu da Pessoa foi criado no ano de 1991, com o objetivo de construir uma rede internacional de histórias de vida. Nestes quase 20 anos, a internet cresceu imensamente, contribuindo para que o projeto se proliferasse para o mundo. Deste modo se percebe que, sem dúvida nenhuma, projetos coletivos encontram na internet o instrumento necessário para a potencialização de resultados.

2.5.7. Site do Centro de Documentação e Memória da UNESP

No endereço eletrônico <http://www.cedem.unesp.br>, encontramos o site do Centro de Documentação e Memória da UNESP. O CEDEM foi criado no ano de 1987 e tem por objetivos a realização de pesquisas, a preservação de documentos e a divulgação dos mesmos. Como acontece com a maioria dos Centros de

Documentação, após a sua criação recebeu doações de acervos documentais sobre a história política contemporânea do Brasil.

Dois principais fatores fizeram com que escolhêssemos o CEDEM para integrar nossa pesquisa em sites. Primeiro, a característica pedagógica das suas pesquisas, e segundo, a produção de cadernos de divulgação dos acervos. Analisando os instrumentos de pesquisa elaborados para as consultas dos usuários ao seu próprio acervo, viemos a saber que são duas as linhas de pesquisa do CEDEM: Memória e Universidade, que tem a finalidade de promover a gestão da documentação produzida pela UNESP ao longo de sua trajetória e a pesquisa científica na mesma, e Memória Social, que tem a finalidade de promover estudos sobre a história política contemporânea, com destaque aos movimentos sociais. Desta forma, além de estimular a organização, produção, sistematização, preservação e difusão de acervos, o CEDEM destina-se ainda à elaboração de instrumentos de pesquisa, o que, sem sombra de dúvida, potencializa as pesquisas, atuando não só como espaço de conteúdo, mas também como instrutor pedagógico para a comunidade em geral. A seguir, na figura 20, podemos visualizar o site do CEDEM da UNESP.



Figura 20: Site do Centro de Documentação e Memória da UNESP

Como forma de divulgar seus acervos, os centros de documentação costumam elaborar cadernos temáticos para que a sociedade tenha pequenas amostras visuais do que consta nos seus arquivos. No site do CEDEM, o acesso ao caderno de divulgação foi facilitado, visto que na página principal o internauta ou pesquisador pode ter acesso diretamente ao caderno em apenas um clique do mouse. A seguir, na figura 21, podemos visualizar a capa do caderno CEDEM.

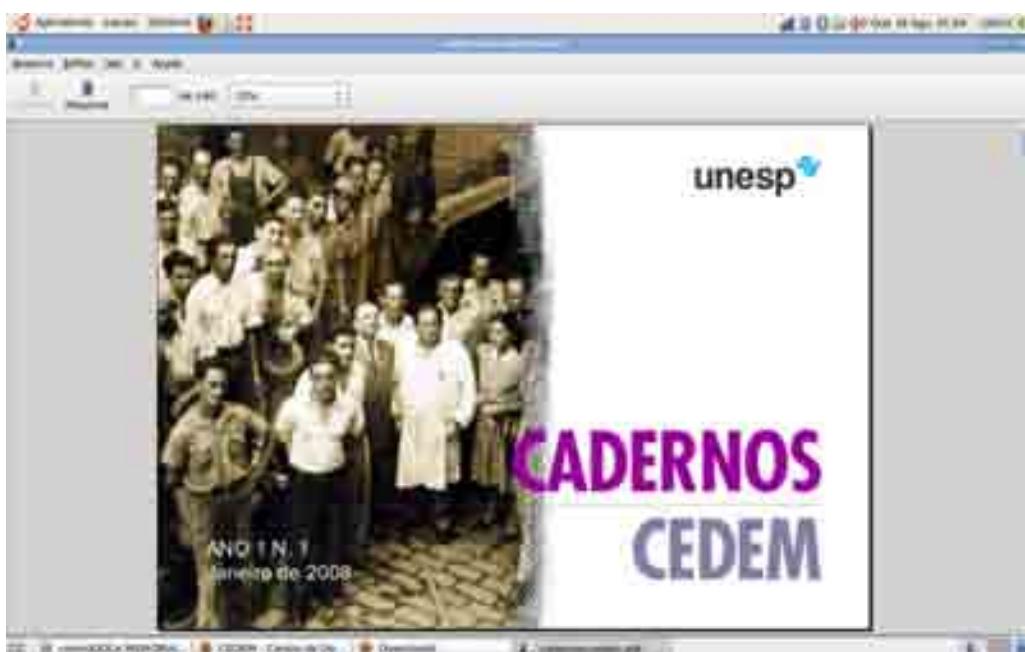


Figura 21: Imagem ilustrativa de exemplar dos “Cadernos CEDEM”, de janeiro de 2008, ANO 1 – Nº 1. Encontrado no site do Centro de Documentação e Memória da UNESP

Esta publicação, lançada em 2008, foi uma edição comemorativa aos 20 anos de atividade do centro e pode servir de exemplo para qualquer projeto que tenha como finalidade a divulgação de seus acervos à comunidade e a contribuição para a preservação da memória social dos interessados em seu conteúdo.

Tendo visto as sete experiências de sites que trabalham com acervos na internet, acima referidos, poderemos, com base na nossa investigação, realizar sugestões para os organizadores do projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas RPCMP (analisado no próximo capítulo), que mantém site de divulgação disponível no endereço eletrônico <http://pontodecultura.ucpel.tche.br/>. Acreditamos que seja possível, em um curto espaço de tempo, que a RPCMP conclua um dos seus objetivos principais, que é o de divulgar na internet os acervos

históricos digitalizados pelo projeto, ou ao menos, parte deles. No terceiro capítulo desta dissertação, que veremos a seguir, abordaremos o projeto RCMP dentro das suas peculiaridades, apresentando o projeto nacional dos Pontos de Cultura e o projeto da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RCMP, realizando descrição e análise.

CAPÍTULO 3.

A REDE DE PONTOS DE CULTURA DO MUNICÍPIO DE PELOTAS (RPCMP)

Este terceiro capítulo divide-se em dois. A primeira parte diz respeito ao projeto nacional dos Pontos de Cultura, a segunda, refere-se ao estudo de caso do projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP). Veremos inicialmente os principais conceitos que constituíram o projeto nacional dos Pontos de Cultura, formulado no primeiro ano do mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2003, e implementado no ano de 2004 por intermédio do Programa “Cultura Viva” do Ministério da Cultura (MinC). Descreveremos como o processo de construção do projeto aconteceu, mencionando os agentes governamentais envolvidos. Duas principais fontes da pesquisa foram utilizadas neste inventário da criação dos Pontos de Cultura. O livro “Pontos de Cultura: o Brasil de baixo para cima” do ex-secretário de cidadania cultural do MinC, Célio Turino, e os discursos do ex-ministro da cultura, Gilberto Gil, ambos disponíveis na internet.

Em breve menção, citaremos um pouco da política do governo federal no que diz respeito ao universo digital e cibernético, sendo os Pontos de Cultura e os Telecentros, os pilares desta política. Encerrando a primeira parte deste capítulo, onde tratamos dos Pontos de Cultura em âmbito nacional, falaremos sobre a questão do software livre, tema central da implementação dos Pontos de Cultura e dos Telecentros no Brasil e tido como uma das principais bandeiras do governo na área da cultura.

Na segunda parte deste terceiro capítulo da presente dissertação, abordaremos o projeto da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas

(RPCMP) de forma genérica apresentando sinteticamente a cidade de Pelotas e sua história. Depois, apresentaremos o projeto RCMP, os agentes participantes do projeto e seus objetivos gerais e específicos. Por último, trataremos sobre cada um dos três Pontos de Cultura pertencentes à RCMP, são eles, o Ponto de Cultura da Banda União Democrata; o Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo; e o Ponto de Cultura da Colônia Z3. Nesta última etapa da dissertação, são mencionados aspectos históricos de cada um dos Pontos de Cultura da RCMP, como forma de apresentar aos leitores. Depois, são elucidadas informações sobre o objetivo principal do projeto, a digitalização dos acervos históricos das entidades envolvidas onde são analisados aspectos metodológicos e factuais do processo de tratamento dos acervos, bem como a obtenção ou não dos resultados do projeto. Veremos imagens que ajudarão a ilustrar as características de cada acervo pesquisado. Com base na investigação feita em websites nacionais e internacionais, que vimos no segundo capítulo desta dissertação, vamos, paulatinamente analisando aspectos positivos e negativos da tentativa de criação de um sistema de virtualização de acervos por parte do Ponto Administrativo do projeto, ao mesmo tempo em que relatamos alguns aspectos particulares de cada Ponto de Cultura pertencente à RCMP.

3.1. O Projeto Nacional Pontos de Cultura

Do-in (STANGL, 2010) é uma técnica terapêutica que estimula ou seda pontos energéticos do corpo também entendidos como meridianos. De origem chinesa, Do-in é utilizada em primeiros socorros e tratamentos na área da acupuntura. Aparentemente, a explicação do que venha a ser Do-in, não nos é relevante ao tema que tratamos nesta dissertação, mas foi com base nela que o Ministério da Cultura (MinC) concebeu filosoficamente no ano de 2003 o projeto dos Pontos de Cultura no Brasil. Vejamos um pequeno trecho de um discurso de Gilberto Gil, ministro de estado da cultura à época, que elucida este fato e explica a relação entre uma técnica terapêutica chinesa e a cultura, vislumbrada por meio de uma criativa metáfora:

Para fazer uma espécie de do-in antropológico, massageando pontos vitais, momentaneamente desprezados ou adormecidos, do corpo cultural do País. Enfim, para a viver o velho e atiçar o novo. Porque a cultura brasileira não pode ser pensada fora desse jogo, dessa dialética permanente entre a tradição e a invenção, numa encruzilhada de matrizes milenares e informações e tecnologias de ponta. (GIL, 2003)

Com a concepção formulada por Gilberto Gil, que atuou entre 2003 e 2008 como ministro da cultura, o que no começo era algo experimental sem certezas de sucesso, hoje se tornou uma política permanente que cresce a cada ano em termos de investimento governamental. O trecho acima nos revela ainda outras premissas do projeto em questão, como é o caso da menção de que temos que “avivar o velho e atiçar o novo”, numa demonstração de que não existem prioridades entre estas duas categorias temporais. Na opinião de Gil, a cultura brasileira deve atentar para as “matrizes milenares e as informações e tecnologias de ponta”, numa constante dialética entre tradição e invenção.

Segundo Cláudio Prado, atual coordenador do Laboratório Brasileiro de Cultura Digital e que durante a gestão de Gil, coordenou as políticas digitais do MinC, foi após um ano e meio de trabalho, portanto, no ano de 2004, que o Ministério da Cultura começou a atuar com maior consistência no tema da cultura digital. “Dentro do MinC, se criaram duas grandes correntes de trabalho. Uma delas era trazer o digital para o campo da cultura e da política. Esse trabalho era conduzido através da agenda do Gil... O outro trabalho foi com a cultura digital nos Pontos de Cultura (PRADO. In. SAVAZONI e KOHN, 2007:49)”. Cláudio Prado relata que ele e o então Ministro Gil, propuseram a ideia do Kit Multimídia ao Célio Turino, coordenador dos Pontos de Cultura, que assimilou a mesma e aceitou rapidamente. Prado constata que a construção dos Pontos de Cultura surgiu de um coletivo. “Na prática foi isso, um bando de gente que começou a conversar (PRADO In. SAVAZONI e KOHN, 2007: 48)”, em uma referência aos agentes políticos envolvidos, fazendo menção ao ex-ministro Gilberto Gil, ao Roberto Pinho, ex-secretário de desenvolvimento de programas e projetos culturais do MinC até o ano de 2004, ao Célio Turino, ex-secretario de cidadania cultural do MinC, ao pessoal do software livre que era a questão essencial que rodava por trás do movimento de criação dos Pontos de Cultura. Depois vieram outros grupos como o Arca, o

Metáfora, e também a participação ativa do Sérgio Amadeu do Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). Prado acrescenta que

O insight do Gil estava absolutamente correto... A polaridade de uma discussão conceitual, filosófica, política, cultural, por um lado, e por outro verificar como que as periferias brasileiras, como a molecada reagia à internet nessa dimensão cultural. Foi isso que deu a visibilidade internacional para essa história toda, através da capa da revista Wired. Não era simplesmente um discurso, ainda que o discurso em si já seja fantástico. O pensamento do Gil teve repercussões até dentro da UNESCO. (PRADO In. SAVAZONI e KOHM, 2007: 49)

Quando Prado fala na revista Wired na citação acima, refere-se à importante e conceituada revista norte-americana que em novembro do ano de 2004, publicou matéria intitulada “We Pledge Allegiance to the Penguin”, traduzindo, “Nós temos lealdade ao Pinguim”²⁵, uma referência expressa ao engajamento do ministério da cultura ao tema do software livre, representado simbolicamente pela imagem de um pingüim²⁶, mas deixaremos o tema do software livre para aprofundarmos mais adiante. O que Prado queria relatando a aparição de uma ação do governo brasileiro na capa da Wired era ilustrar a proporção internacional que tomou o fato de instalar pontos geográficos conectados a internet, principalmente nas periferias.

Célio Turino, implementador dos Pontos de Cultura no país, tendo atuado até março do ano de 2010 à frente da Secretaria de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura, menciona em seu livro “Pontos de Cultura: o Brasil de baixo para cima”, lançado no ano de 2009, a abordagem que ele próprio deu na construção do projeto. Vejamos abaixo um trecho do livro que nos ajuda a entender como o governo quis realizar a gestão do projeto com a comunidade organizada.

²⁵ Matéria da revista Wired, sob o título: “We Pledge Allegiance to the Penguin”, ou “Nós temos lealdade ao Pinguim”. Disponível em <http://www.wired.com/wired/archive/12.11/linux_pr.html>

²⁶ O pingüim se tornou símbolo do Linux em 1996, depois que os usuários da lista de discussão Linux-Kernel resolveram escolher como mascote o pingüim para representar o Linux. Talvez por causa do hábito de andarem em bandos.

A aplicação do conceito de gestão compartilhada e transformadora para os Pontos de Cultura tem por objetivo estabelecer novos parâmetros de gestão e democracia entre Estado e sociedade. No lugar de impor uma programação cultural ou chamar os grupos culturais para dizerem o que querem (ou necessitam), perguntamos como querem. Ao invés de entender a cultura como produto, ela é reconhecida como processo. Este novo conceito se expressou com o edital de 2004, para seleção dos primeiros Pontos de Cultura. Invertemos a forma de abordagem dos grupos sociais e o Ministério da Cultura disse quanto podia oferecer e os proponentes definiam, a partir de seu ponto de vista e de suas necessidades, como aplicariam os recursos. Em algumas propostas o investimento maior vai para a adequação física do espaço, em outras, para a compra de equipamentos ou, como na maioria, para a realização de oficinas e atividades continuadas. (TURINO, 2009: 63, 64)

Percebemos que o principal argumento político incluso nas idéias de Turino sobre a gestão dos Pontos de Cultura, foi a de que o objetivo era entender a cultura como processo, e não mais como produto, ideal esse justificado pela construção coparticipante, tanto do governo quanto da sociedade civil organizada. Segundo Célio Turino, a primeira vez que se usou a expressão “Ponto de Cultura”, foi no final da década de 1980 em Campinas, onde Turino atuava como chefe da Divisão de Museus, na gestão do secretário de cultura Antonio Augusto Arantes. “O primeiro espaço a levar esse nome foi o Ponto de Cultura de Joaquim Egídio, um distrito rural com velhas fazendas de café, casarões abandonados e montanhas.” (TURINO, 2009: 77). Além deste Ponto, um segundo fora criado em outro distrito de Campinas, em Aparecidinha, mas faltava articulação entre eles para dar início à construção de uma rede, pois, de acordo com a concepção de Turino, um Ponto de Cultura só se realiza quando atua em rede. Estes dois Pontos mencionados tiveram uma pequena duração, um pouco mais de um ano, sendo encerrados pela gestão posterior da qual Turino participava.

De fato, a ideia dos Pontos de Cultura corresponde a uma política avançada e demasiada atualizada, pelo menos no campo das subjetividades. Vejamos que no primeiro capítulo desta dissertação, abordamos a questão da cibercultura, que tem como sua principal matéria prima a internet, de onde emerge a teoria das redes. Por sua vez, a teoria das redes pode ser transversalizada ao tema dos Pontos de Cultura, como forma de aproximar a teoria cultural de Gilberto Gil e Célio Turino com a teoria das redes, ceme filosófico da interação estrutural acontecida no ambiente cibernético. Rede é uma metáfora estrutural utilizada para compreender, dentre

outros temas, os fenômenos da internet. O estudo das redes é baseado na Teoria dos Grafos, apresentados por Leonhard Euler e nos estudos de Königsberg (RECUERO, 2005: 6). Grafos consistem em uma representação gráfica de rede, como os Pontos de Cultura aspiram figuradamente ser entendidos, e a internet efetivamente é. No caso da rede de internet, as interconexões entre os seus diversos nós, ou pontos, acontecem principalmente pela presença de conectores ou Hubs, de acordo com o modelo de Redes sem escalas, teoria desenvolvida por Barabási e Albert (RECUERO, 2005: 8). Esta breve citação da teoria das redes foi exposta aqui para que saibamos o quanto o conceito dos Pontos de Cultura está conectado com a dinâmica da internet, fazendo com que ambas as ações atuem em consonância, pois nada melhor que utilizar uma linguagem metafórica que se identifique com a ação prática de um projeto. Sendo assim, as redes de internet e a dos Pontos de Cultura utilizam linguagens próximas.

Seguindo na reconstituição do processo de construção conceitual do projeto Pontos de Cultura do governo federal, citamos abaixo, trecho do discurso proferido por Gilberto Gil no ano de 2005 durante a visita ao Ponto de Cultura do Barão de Mauá no Rio de Janeiro. Nele, Gil fala sobre os propósitos do projeto: “O Programa, através dos Pontos de Cultura, não ensina ninguém ou como ou o que fazer, mas cria os meios para que cada um cresça e faça seu próprio caminho. É uma prática de respeito. Um exercício de amor coletivo só possível pela natureza fraterna da troca”. Dito isso, o então ministro revela que os Pontos de Cultura têm o objetivo, de antes de tudo, dar eco à cultura já existente no país, sem interferências, mas possibilitando a troca. Gil menciona ainda como os Pontos de Cultura modificaram o cenário nacional da cultura deixando evidentes as expectativas do projeto. Vejamos a citação a seguir.

O Programa Cultura Viva se apresenta como um grande ponto de exclamação e generosidade para trabalhos que antes apenas resistiam isolados. Pontos das culturas autênticas, fragmentados em inúmeros pontos de interrogação, sem articulação ou contato, restritos nas comunidades periféricas. O Brasil, hoje, reconhece e apresenta um Brasil que se desconhece. O Cultura Viva pensa local e age global não só para dar visibilidade política e de participação a estas matrizes autênticas da cidadania. O Programa cria alianças, adota parcerias, resgata valores e dá ferramentas de autonomia nos campos tecnológicos e de acesso à novas informações para que, enfim, exista uma política pública orgânica, sistêmica, receptiva, capaz de promover circuitos internos e externos de atos e atividades artísticas. (GIL, 2005)

Em 2005, ano do discurso descrito acima, eram menos de 500 Pontos de Cultura no país e um investimento de 68 milhões de reais. Atualmente existem aproximadamente, mais de 2.500 pontos de cultura com um investimento de 130 milhões de reais registrados no ano de 2009. Segundo Célio Turino, “em torno dos pontos de cultura há oito milhões de pessoas. Desses, 750 mil já fizeram alguma capacitação. Nós geramos, com os pontos de cultura, 25 mil postos de trabalho” (TURINO, 2010).²⁷ Como prova de que Gil continuou a conceber os Pontos de Cultura como espaço autônomo, um ano depois, por ocasião do discurso realizado na entrega do Prêmio Cultura Viva, em 2006, no Rio de Janeiro, Gil disse que “O Estado não impõe: dispõe”, fazendo referência à política de financiamento dos Pontos de Cultura. Depois, em abril do ano de 2007, na segunda edição do prêmio Cultura Viva, ocorrido em Porto Alegre, Gil volta a reforçar um dos fundamentos mais estruturais do MinC, “o diálogo do Estado com a Sociedade e a participação comunitária sem o peso da intervenção e do dirigismo”.

Segundo o atual ministro da cultura, Juca Ferreira, “o digital interfere de muitas maneiras, ora como suporte ampliando a possibilidade de acesso, a possibilidade de conexão, de intercâmbio, ora não apenas como um suporte... mas como um território de produção cultural específica. (SAVAZONI e KONH, 2009: 19)” Parece ser esse o entendimento do Ministério da Cultura quando efetua políticas públicas como a da Rede de Pontos de Cultura, quando estimula a utilização de computadores e outras ferramentas tecnológicas no sentido de estabelecer conexões entre grupos culturais facilitando o diálogo entre pares, dando condições para que grupos possam produzir ou reinventar a sua cultura através da linguagem digital. Com isso podemos entender como sendo dois os focos do MinC no que diz respeito a política digital: a internet e a produção digital.

Gil mencionou em novembro de 2007, em seu pronunciamento na abertura oficial do II Fórum de Governança da Internet, que “a Internet é a arquitetura imaterial dessa nova sociedade mundial, sua infraestrutura simbólica que dá condições de um espaço mundial existir em sua plenitude. Ela é a realização desse tecido de cidades globais e de sítios locais que tramam o espaço da vida

²⁷ <http://andrestangl.wordpress.com/2010/07/12/pontos-de-cultura/>

contemporânea²⁸. Essa expectativa que Gil expressou com relação à internet expõe o entendimento governamental sobre o tema, que proporcionou com os Pontos de Cultura, uma estrutura digital ligada à rede mundial de computadores como forma de estimular a busca por essa transferência de informações entre pontos. De fato, a internet é entendida, não só pelo Ministério da Cultura, mas pelo conjunto do Governo Federal, como uma possibilidade em alcançar objetivos políticos amplos e genéricos como a solidificação da cidadania e o acesso aos serviços governamentais através dela. Podemos citar os Telecentros de Inclusão Digital como outra possibilidade estrutural que viabiliza o acesso da população à internet. Hoje existem no Brasil, 5.997 Telecentros cadastrados no site www.onid.org.br/lista/, conforme pesquisa realizada no dia 2 de agosto de 2010, onde se encontram a maioria dos Telecentros do país. Com certeza existem outros muitos Telecentros não cadastrados neste site. A internet para Gil, não é somente uma estrutura que nos dá respostas, mas também nos sugere perguntas como as mencionadas na citação abaixo.

No terreno líquido da internet em que navegamos, e nosso assunto de agora, essa bandeira está fincada no mastro principal de nossas naus. A questão para todos nós é como traduziremos essa bandeira no designe do casco de nossos navios? Como criaremos realidades que permitirão uma ocupação desse oceano com veículos adequados para os que precisam navegar? Como nossos dispositivos tecnológicos e nossos instrumentos de navegação sustentam nos seus modos de agregação de saberes e de produção colaborativa uma abertura para a diversidade? (GIL, 2007)

A citação acima é a reprodução de um trecho do painel sobre diversidade realizado por Gil no II Fórum da Governança da Internet. Nela podemos perceber o desafio que é a internet, evidenciada numa das sugestivas perguntas feitas por Gil, quando indaga a todos sobre como a “agregação de saberes e de produção colaborativa” pode resultar na “abertura para a diversidade”. A produção digital realizada nos Pontos de Cultura parece abranger o maior número de linguagens e estilos. Nas palavras do próprio Gil, as centenas de Pontos de Cultura evidenciam “um Brasil que sai das sombras e se revela à revelia das reverências de mercado para cumprir essa revolução cidadã pela arte na palavra manifesta, em som,

²⁸ Este discurso pode ser encontrado em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/11/11/pronunciamento-do-ministro-gilberto-gil-na-abertura-oficial-do-ii-forum-de-governanca-da-internet/>>

imagem, testemunhos, corpo em movimento, luz, cor, gesto e pela força das idéias” (GIL, 2006). A diversidade nos estilos dos grupos culturais participantes dos Pontos de Cultura contrasta com a ênfase exigente do uso do software livre nos computadores do projeto. Como vimos no começo deste capítulo ao citar a matéria jornalística da revista norte-americana Wired sobre o uso do software livre pelo MinC nos Pontos de Cultura, o tema software livre dentro do MinC se tornou uma bandeira quase que ideológica das ações governamentais deste ministério. Vamos entender basicamente o que é o software livre e como e por que ele é utilizado nos Pontos de Cultura.

O software livre foi criado por Richard Stallman, e tem como princípio o desenvolvimento colaborativo pelo livre acesso ao código fonte que assegura aos seus usuários quatro liberdades fundamentais: 1. Liberdade de uso para qualquer finalidade; 2. Liberdade de estudar o software completamente; 3. Liberdade de alterar e melhorar o software; 4. Liberdade de redistribuir as alterações feitas. (AMADEU, 2006). Partindo destes princípios expostos anteriormente, que a utilização de software livre no processo de digitalização de acervos da RCMP se insere no contexto da disputa tecnológica da cultura microeletrônica, que denominamos de cibercultura, em que de um lado, o mais forte, transforma todo o conhecimento tecnológico em mercadoria. Do outro lado, o ainda mais fraco, trabalha com a concepção de que a tecnologia que temos hoje é fruto do trabalho desenvolvido pela humanidade ao longo dos tempos e que não pode ser utilizada como mercadoria, ou seja, precisa ser livre.

O software livre também é conhecido pelo termo GNU Linux, que quer dizer: “GNU is Not Unix” ou “GNU não é Unix”. Esta denominação foi criada por Richard Stallman numa brincadeira, por que o programa de computador que ele tinha projetado (GNU) parecia com o sistema proprietário Unix, mas não era. Para não ter problemas futuros, Stallman criou um instrumento de lei para quem quisesse assegurar os princípios da liberdade da construção do software. A licença criada passou a se chamar GNU GPL (General Public License/Licença Pública Geral) e a garantir as quatro liberdades básicas já citadas anteriormente.

O uso de softwares e sistemas proprietários, como é o caso do Windows, cria um vínculo de apego muito enraizado entre os usuários e profissionais, porque a

maioria das pessoas faz a sua alfabetização digital neles. Ao contrário, as pessoas que sempre usaram software livre têm dificuldades em trocar o sistema livre (Linux) pelo proprietário (Windows). É evidente que nos dias atuais o software proprietário²⁹ é mais bem aceito que o software livre, porém, os benefícios econômicos, sociais e tecnológicos gerados pela utilização e pelo aprendizado do software livre na maioria das vezes é o que conduz os profissionais a utilizarem esta ferramenta.

Existem diferenças entre os Softwares Livres e os Softwares Proprietários que distinguem bem um projeto do outro. Tecnologicamente falando, o GNU Linux tem uma vantagem bem avançada e que atua na contraposição do mercado. Quem usa Software Livre, ou seja, o GNU Linux recebe atualizações diárias direto no seu computador via internet. Já os Softwares Proprietários, privam seus usuários de receberem tais atualizações porque precisam guardar os avanços dos Softwares para que tenham novidade tecnológica na comercialização das próximas versões. Esta diferença atua como um dos elementos principais na contraposição entre Software Livre e Software Proprietário. Outra vantagem importante que tem base na teoria da inteligência coletiva de Pierre Lévy, que estudamos no primeiro capítulo desta dissertação, é que estas atualizações que vão aperfeiçoando os Softwares Livres são produzidas pelas comunidades internacionais de desenvolvedores GNU Linux. O foco em Linux pelos desenvolvedores aumentou para 11,8% em 2007, salto perante os 8,8% de 2006 e as expectativas é que esse valor fique em 16% em 2008³⁰, ratificando a tendência de ascensão do Software Livre. Pela Lógica Tecnológica a tendência que se apresenta é a do Software Proprietário perder espaço para o Software Livre que se apresenta mais dinâmico e facilmente atualizável direto na internet, a não ser que os acordos comerciais continuem sendo estabelecidos privando os usuários da rede, de fazer downloads³¹ de Softwares por exemplo. É com base nessa tendência de mercado que a opção feita pelo projeto Pontos de Cultura pode ser considerada como ponto positivo.

²⁹ Software proprietário ou não livre é aquele cuja cópia, redistribuição ou modificação são em alguma medida restritos pelo seu criador ou distribuidor. A expressão foi cunhada em oposição ao conceito de software livre.

³⁰ Estatística apresentada em matéria disponível no site da br-linux <<http://br-linux.org/linux/pesquisa-afirma-que-o-windows-perde-terreno-com-desenvolvedores>>

³¹ Downloads são os processos de transferir arquivos digitais de algum lugar no ciberespaço para dentro do computador.

Vejamos um exemplo, como o caso da impressão de peças gráficas. Hoje em dia a maioria das gráficas que prestam serviços de impressão realiza tal operação tão somente utilizando arquivos oriundos de programas proprietários como o Corel Draw (vetorização) e Photoshop (manipulação de imagens). Os trabalhos gráficos confeccionados nos programas livres, Inkscape (vetorização) e GIMP (manipulação de imagens) não podem ser abertos e impressos, porque a maioria das gráficas não tem instalado nos seus computadores os softwares ou sistemas operacionais livres. Neste cenário, referente ao setor de impressão, o que não é o foco desta dissertação, a saída para quem usa software livre é salvar o arquivo em uma extensão que seja aceita pelos softwares proprietários, ou seja, exportar os arquivos de vetores do programa Inkscape, por exemplo, nas extensões (.pdf), (.png), ou (.jpeg). A impressão poderá variar no que diz respeito à *definição* dos pixels, mas a impressão será realizada com sucesso. Já no caso das imagens digitalizadas que são preparadas para serem divulgadas na internet, os problemas quase não existem, ficando mais facilitada a condição de produção, distribuição, consumo e circulação em software livre e em GNU Linux, por estes utilizarem o formato RGB, que é o formato utilizado pela internet.

3.2. A Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP)

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi no ano de 1780 que o cearense José Pinto Martins instalou às margens do arroio Pelotas a primeira charqueada no Rio Grande do Sul, estimulando famílias a povoarem as redondezas daquela charqueada. Trinta e dois anos depois, em 7 de julho de 1812, foi fundada a freguesia de São Francisco de Paula (BETEMPS & VIEIRA, 2008: 12). Por conseqüência do progresso verificado, a freguesia foi elevada à categoria de vila no ano de 1830 e instalada em 2 de maio de 1832. Mas foi somente em 1835 que finalmente foi criado o Município. A vila de São Francisco de Paula foi elevada à categoria de cidade, pela Lei provincial n.º 5, de 27 de junho de 1835, dando-lhe a nomenclatura de Pelotas.³²

³² Dados sobre o início da cidade de Pelotas, estão disponíveis no site do IBGE.
<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedorosul/pelotas.pdf> Acessado em 09 ago. 2010.

Durante a sua história quase bicentenária, a cidade de Pelotas passou por períodos de pujança econômica e outros que geraram uma situação preocupante no que diz respeito à prosperidade da cidade. Ao longo do tempo, a população e as instituições da cidade construíram a identidade de Pelotas como uma cidade eminentemente cultural. Inexiste uma pesquisa que abarque os períodos da história de Pelotas, por isso, um grupo de pesquisadores ligados à Universidade Federal de Pelotas (UFPel) estão elaborando uma investigação histórica que dê conta de evidenciar em um único inventário, as diversas etapas que o município de Pelotas atravessou. Vejamos na citação a seguir a importância de Pelotas para o Rio Grande do Sul.

Pelotas foi uma das mais importantes cidades da Província Rio-Grandense no tempo do Império e continuou mantendo certa importância durante a República. Sua história encontra-se ainda parcialmente visualizada através de seus prédios, praças e outros vestígios de um passado economicamente rico e politicamente influente. A pujança da economia saladeiril lhe valeu, juntamente com a vizinha cidade de Rio Grande, a colocação de primeiro pólo de desenvolvimento industrial do Rio Grande do Sul (Singer, 1997) e muitos de seus políticos tiveram renome nacional, alguns inclusive como ministros do Estado. . Do mesmo modo, a concentração de riqueza produziu, ao longo do século XIX e início do XX, uma sociedade culturalmente avançada, com artistas, cultores das letras e das ciências. (SILVA, Fernanda Oliveira da; BEM, Emmanuel; COELHO, Nadia; LIMA, Aline Mendes; MARCELLO, Juliana Cabistany; MEGGIATO, Caroline; POMATTI, Angela; SEGUNDO, Mario; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório; LONER, Beatriz Ana, 2006)

Com a necessidade de reunir as diversas contribuições históricas sobre Pelotas, que o grupo citado acima irá elaborar um “dicionário histórico específico sobre Pelotas (de sua formação, no séc. XVIII, até 1960). Com isto procura-se condensar, em uma obra única e de forma concisa, os dados principais sobre a cidade (SILVA, Fernanda Oliveira da; BEM, Emmanuel; COELHO, Nadia; LIMA, Aline Mendes; MARCELLO, Juliana Cabistany; MEGGIATO, Caroline; POMATTI, Angela; SEGUNDO, Mario; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório; LONER, Beatriz Ana, 2006)”

Como vimos, as Charqueadas se desenvolveram com base na economia escravista, o que mesmo depois de assinada a lei áurea em 1888, ocasionou uma tensão entre negros recém libertos e os brancos detentores do poder até então. Talvez tenha sido por conta de uma suposta, dívida histórica com a população negra da cidade, que a Universidade Católica de Pelotas (UCPel), tenha escolhido a Associação centenária, “Banda União Democrata” e o “Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo”, criado por negros pós abolição, para serem os Pontos de Cultura do projeto Rede de Pontos de Cultural do Município de Pelotas (RPCMP). Mas ainda faltava algum outro grupo social para adicionar ao projeto, o que rapidamente foi sanado pela Universidade no momento em que os elaboradores do projeto escolheram a Colônia de Pescadores da Z3, certamente pela já estreita relação por conta do projeto Jornal Comunitário O Pescador, pela inexistência de acervos históricos sobre a localidade e principalmente porque no edital mencionava que se estivessem envolvidas regiões em zona rural, a probabilidade de aprovação seria maior.

Quando chegamos ao quarto andar do Campus I da Universidade Católica de Pelotas, podemos observar uma sala com uma grande parede de vidro. Ali é a sede da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RPCMP, onde diariamente são utilizados computadores e scanners na digitalização de documentos e fotos. É nesta sala que trabalham a Prof^a Dr^a. Fabiane Villela Marroni, do Centro de Informática da Universidade Católica de Pelotas, coordenadora geral do Ponto Administrativo da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP) juntamente com o coordenador Técnico do Projeto, Prof. Mário Domenech Goulart e o coordenador executivo do Projeto, Prof. Daniel Botelho. Ainda participam do projeto outros seis bolsistas da universidade. A seguir, na figura 22, podemos visualizar uma fotografia de divulgação do Ponto Administrativo da RPCMP.



Figura 22: Fotografia do Ponto Administrativo da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas RPCMP.

A RPCMP é uma articulação entre o seu Ponto Administrativo, localizado no campus I da Universidade Católica de Pelotas, que é o responsável por organizar as atividades de toda a rede e os demais Pontos: o Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, clube criado por negros, que neste ano completou 86 anos de vida; o Ponto de Cultura Sociedade Musical União Democrata, popularmente conhecida como Banda Democrata, fundada em 1896; e o Ponto de Cultura da Escola Municipal Almirante Rafael Brusque da Colônia de Pescadores São Pedro, ou Z3, às margens da Laguna dos Patos. O Ponto Administrativo da RPCMP serve de referencial aos demais Pontos de Rede. Segundo Fabiane Marroni, o projeto prima pela autonomia e pela participação ativa dos Pontos de Cultura da Rede inclusive no que diz respeito à gestão de acervos. Quando perguntada a respeito do acervo das instituições envolvidas, ela responde que “é comum que pessoas disponibilizem imagens sobre a história das instituições participantes e logo após sua digitalização, estas imagens sejam devolvidas aos seus donos.”

No decorrer do projeto da RPCMP, outros acervos físicos foram agregados ao Ponto Administrativo, o que descreveremos antes de aprofundarmos as questões ligadas aos Pontos de Cultura. A RPCMP funciona dentro do Laboratório de Acervo

Digital – LAD, pertencente à Escola de Informática da UCPEL. E o LAD reúne 3 grandes acervos nos dias de hoje: 1. Acervo da Rede de Pontos de Cultura; 2. Acervos Particulares; 3. Acervos Públicos e atualmente a RCMP conta com o importante acervo fotográfico de Nelson Nobre, que mantinha até os últimos dias de sua vida um quiosque de exposição no calçadão da rua XV de Novembro, no centro de Pelotas, apoiado pela Universidade Católica de Pelotas, que hoje está agregado ao acervo do LAD permeando todos os outros acervos. Mesmo que a RCMP tenha recebido variados outros acervos, nos deteremos aqui à análise, apenas, dos Pontos de Cultura pertencentes ao projeto inicial, deixando para outra oportunidade um olhar mais direcionado ao restante dos acervos que foram anexados durante o andamento dos trabalhos. Mas antes de prosseguirmos, vamos apresentar uma imagem do acervo fotográfico Nelson Nobre, atualmente alocado no Ponto Administrativo da RCMP. Vejamos a seguir, na figura 23, reprodução fotográfica do Banco Pelotense realizada no início do século XX em Pelotas.



Figura 23: Fotografia do Banco Pelotense realizada no século XX na cidade de Pelotas (Acervo Nelson Nobre).

Podemos dividir em três os processos dentro da RCMP: 1. Processo de articulação e administração junto às comunidades e/ou espaço extra-universidade; 2. Processos de digitalização de acervos físicos; 3. Processo de Disponibilização dos acervos digitais junto a divulgação do projeto através do site. É bom lembrar que estes processos funcionam de forma complementar. Isso porque se esses três processos fossem alheios uns aos outros, não se teria a configuração do Ponto de Cultura nos conceitos que o MinC propõe desobedecendo um dos critérios de ação.

Dentro do projeto também são utilizadas fórmulas e tecnologias em software livre, o que potencializa a capacidade de autonomia do projeto, considerando que não é necessária a compra de nenhum software proprietário para que o trabalho ocorra.

A digitalização de imagens é uma das atividades centrais do projeto RCMP, o que revela uma forte preocupação com questões ligadas à preservação e à divulgação das memórias dos Pontos de Cultura por intermédio de imagens. Esse processo resgata uma significativa parte da história de Pelotas através de registros diversos. São fotografias, fichas de associados e outros documentos dos Pontos de Cultura, que eram tratadas como periféricas e alheias à cultura da cidade. A digitalização destes acervos traz uma nova perspectiva para a cidade na interação de seus pesquisadores com o seu passado registrado. Esta perspectiva envolve a dinâmica de, através das imagens catalogadas e digitalizadas, servir de suporte para pesquisas e também para divulgação via internet. Assim, almeja-se com a RCMP, estimular a pesquisa da história da nossa cidade utilizando imagens como suporte de memória. A seguir podemos visualizar na figura 24, fotografia realizada no Ponto Administrativo da RCMP, onde se efetua a higienização do acervo físico.



Figura 24: Fotografia do laboratório do Ponto Administrativo da RCMP, localizado no quarto andar do campus I da UCPEL.

Os Sistemas operacionais e os Softwares de digitalização constituem a base da passagem do acervo em papel para o acervo digitalizado, constituído de informações binárias. A Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas

(RPCMP), assim como todos os Pontos de Cultura financiados pelo governo federal, utiliza o software livre nos Kit Multimídia disponibilizado como parte componente do projeto Pontos de Cultura. No caso da RCMP, o software livre é uma premissa do projeto nos processos de digitalização de acervos. Como se parte do pressuposto, de que a maioria das pessoas são digitalmente alfabetizadas no sistema Windows, o projeto previu cursos de capacitação em Linux, o que evidenciaremos nos tópicos sobre os Pontos de Cultura pertencentes à RCMP. A dinâmica de digitalização de fotos e outros acervos físicos apresentam uma ampliação da informação nos acervos encontrados. “Cada novo uso e reconfiguração do computador não eliminaram os usos anteriores” (AMADEU, 2007), assim, não é porque são digitalizados estes acervos, que os acervos físicos são deixados de lado. Muito pelo contrário, os acervos são alocados dentro de uma sala na sede do projeto RCMP da mesma forma como em uma biblioteca ou outro local que cumpra esse papel.

Diz-se que a digitalização de imagens ou de acervos é uma das etapas de ação que visa resguardar o original, bom ou ruim, hoje a técnica de digitalização de imagens é primordial para um bom projeto de preservação de acervos. O Arquivamento do original e a utilização de cópias físicas ou digitais para a democratização da informação imagética andam juntas, apesar da importância da crítica de Benjamin e seus seguidores. Assim, a digitalização dos acervos físicos que chegam até os Pontos de Cultura e o Ponto Administrativo da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas é a ação fundamental da preservação não só dos originais, mas em um debate mais amplo, da divulgação da memória das comunidades e pessoas envolvidas no projeto. Quando se publica uma foto ou um documento na página do projeto, além de estar divulgando o seu acervo, a Rede de Pontos de Cultura está projetando a sua memória para o futuro. É com base na constituição destes arquivos, que possíveis pesquisas poderão vir a acontecer

A aproximação e articulação entre o ponto administrativo e os pontos de cultura pertencentes à RCMP, é uma das etapas mais importantes do projeto, tendo em vista que um dos objetivos principais é que as comunidades se apropriem dos instrumentos disponibilizados pelo projeto. Por exemplo: acervos de posse de uma determinada família que mora na Colônia de Pescadores Z3 podem ser recebidos na sede da RCMP, localizada no Campus I da Universidade Católica de

Pelotas, para que sejam digitalizados e em seguida colocados à disposição no site do projeto, mas não necessariamente devem ficar acomodados na sede da Rede RCMP, dentro da Universidade Católica de Pelotas. Os acervos físicos, depois de digitalizados, podem retornar para a posse das famílias e continuar como objetos que fazem parte da história das comunidades periféricas na cidade de Pelotas.

É prática corrente na RCMP, que pessoas disponibilizem fotografias sobre a história das instituições participantes e logo após sua digitalização, estas fotografias sejam devolvidas aos seus donos. Esse tipo de gestão, obviamente, tem consequências positivas e negativas de acordo com a concepção do projeto em questão. Segundo os coordenadores do projeto a benesse de tal ação reside no fato de os proprietários dos acervos físicos adquirirem certa responsabilidade, quando percebem que tem em sua posse, algo que deixa de fazer parte apenas de sua vida, para passar a fazer parte de uma memória coletiva que traduz o seu agrupamento ou sua instituição. Em uma visita ao Ponto Administrativo da RCMP, ouvi um relato de que as pessoas estavam levando as fotos até o Ponto Administrativo para a digitalização e logo após recebiam orientação de como enquadrar e colocar na parede de suas casas o material fotográfico original. Aquela fotografia que estava esquecida em uma caixa de papelão no fundo de alguma gaveta, agora ganha status de obra de arte ou peça de museu, só que exposta em suas próprias residências. Ocorre que em uma família humilde, talvez essa fotografia possa se tornar a peça mais valiosa que já tiveram em mãos em toda a sua vida. Este formato de gestão de acervos guarda seus problemas, mas também atua no sentido de fortalecer o papel da comunidade na preservação das identidades culturais e na educação patrimonial como um todo, além de o acervo retornar para as residências das famílias com outro valor, fruto da forma como a coordenação da RCMP se relaciona com as comunidades envolvidas no projeto, o que aumenta a responsabilidade dos Pontos de Cultura participantes do projeto.

A fotografia em questão deixou de ser apenas um registro de uma família para pertencer a uma comunidade ou instituição como um todo, além de ter se tornado um acervo físico e servido de matriz à sua duplicação e/ou multiplicação digital. Foi do individual para o coletivo por ocasião dos pedidos feitos pelos coordenadores do projeto, que utilizaram a justificativa de reconstituir a memória

coletiva daquele agrupamento social. Perante esta ação, Joel Candau nos perguntaria: “Os membros de um grupo ou uma sociedade podem compartilhar lembranças de um passado comum?”. E como resposta, Candau parece nos apontar que não. Não é possível que lembrem um passado comum a não ser com ajuda de instrumentos externos ao corpo humano. Somente o indivíduo tem a faculdade atestada da lembrança e não a coletividade, e para isto Candau aplica o conceito de metamemória. Segundo Candau é o cérebro do indivíduo que aprende, lembra e esquece não a coletividade. Para Candau, uma das habilidades da memória é a capacidade de aproveitar os recursos mentais do outro, mas não o de lembrar em conjunto.

Por outro lado, Maurice Halbwachs em seu livro “A memória coletiva”, mais especificamente no primeiro capítulo “memória individual e memória coletiva”, fala que a memória coletiva só é ativada quando as memórias individuais estabelecem traços e elos necessários para sua interpretação. “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para complementar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação (HALBWACHS, 1968: 29)”. A memória individual pode absorver da memória coletiva informações que lhe parecem serem as suas lembranças, como se as memórias individuais fossem um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista mudasse conforme o lugar que a pessoa ocupa. E este lugar muda segundo as relações que ela mantém com outros meios. “Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACKS, 1968: 39). Portanto, retornando ao caso da fotografia podemos dizer que apenas a ação de o projeto RCMP digitalizar a fotografia em questão e colocar entre o seu acervo, não assegura que a mesma ganhe o status de fotografia representativa da história de determinada comunidade ou instituição, é necessário ainda, que o grupo possa, na fotografia, recordar algo em comum a todos os pertencentes desta determinada comunidade ou instituição.

Contudo, Candau observa uma lacuna na teoria de Halbwachs. Os sujeitos não comungariam de uma memória coletiva, justamente porque, para ele, é impossível que um grupo lembre uma mesma forma um determinado fato social, não negando que esse mesmo grupo possa ter a mesma representação do fato. Na verdade o que acontece é a reivindicação de uma memória coesa, una, o que denomina de metamemória. Já para Maurice Halbwachs, a memória individual é moldada pelos quadros sociais da memória: a família, a religião, a escola e a comunidade à qual pertencemos e a memória coletiva é vista como um fato social, ou seja, é o grupo que lembra e não o indivíduo isolado. Contudo, à medida que fotografias são digitalizadas e disponibilizadas para a população em geral através de algum instrumento, estas são partilhadas coletivamente como uma representação coletiva de um determinado agrupamento, no caso, de um determinado Ponto de Cultura. Essa via de retomo da transmissão das recordações atua reforçando a noção de pertença do grupo (HALBWACHS, 1968). Ainda em Halbwachs, vejamos a seguir, uma classificação feita pelo autor sobre a memória.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais freqüentemente em contato com ele. As relacionadas a um número muito pequeno e às vezes a um único de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória (já que, pelo menos em parte, ocorreram em seus limites), passam para o segundo plano. (HALBWACHS, 1968: 51)

Esta classificação de primeiro e segundo plano da memória evidencia uma hierarquia de valor das categorias apresentadas, sendo esta racionalização da memória, um instrumento e critério de triagem interessante para um projeto como o da RCMP que apresenta poucos critérios de aceitação de acervos, pois como vimos anteriormente, qualquer pessoa da comunidade pode se dirigir ao Ponto de Cultura e anexar alguma fotografia ao acervo do projeto.

Uma das ênfases dada pela coordenadora da RCMP, Fabiane Marroni, foi sobre o aspecto da autonomia que os Pontos de Cultura participantes do projeto tem em relação à coordenação. Essa ênfase é descrita pelo coordenador nacional do

projeto Pontos de Cultura, secretário Célio Turino, quando em seu livro *Pontos de Cultura: o Brasil de baixo para cima considera* que “como o Ponto continua desenvolvendo suas atividades, independente do convênio, a dinâmica de cada organização precisa ser respeitada.” (TURINO, 2009:64), justificando desta maneira a consonância do projeto de Pelotas com a concepção nacional. É evidente que a continuação das atividades nas instituições envolvidas, em boa parte se deve, pelo fato de que antes de receberem alguma verba por parte do governo, estas instituições já realizavam suas atividades culturais, e isto fez com que, após o encerramento do repasse de dinheiro por parte do governo, continuassem em plena atividade por seus próprios meios. Em entrevista concedida para a presente dissertação, a coordenadora geral da RCMP, Fabiane Marroni mencionou que “nós ainda fazemos várias atividades juntos, eles ainda são nossos Pontos de Cultura, mas eles são autônomos no fazer deles e nos espaços deles”, relatando que apesar de o projeto ter acabado, e não terem mais repasse de verba, os Pontos de Cultura continuam a realizar as suas tarefas a exemplo da época em que não existia o projeto.

No princípio, um dos objetivos do projeto RCMP era realizar a disponibilização dos acervos digitalizados através da internet, contudo tal tarefa não foi alcançada. “Essa é uma das questões que nós já discutimos esse ano: retomar a nossa página, atualizar e disponibilizar um número maior de imagens no site (BOTELHO, 2010)”. Devido a problemas operacionais, a disponibilização dos acervos terá de ser com a plataforma php, e não mais com a plataforma skin. Segundo Marroni, a saída do projeto do programador Mário Domenech, coordenador técnico à época da implementação do projeto, fez com que essa parte do projeto ficasse estanque. Em outro trecho da entrevista feita com Botelho e Marroni, Botelho mencionou que “nós temos que tomar um cuidado muito grande com relação aos direitos autorais. Quais imagens nós vamos priorizar? Agora nós vamos passar por um processo de ‘peneirar’ essas imagens para disponibilizá-las publicamente, digamos assim (BOTELHO, 2010)”. Tal afirmação demonstra a fragilidade na prática, do projeto, quanto aos elementos que dizem respeito ao caráter público dos acervos, visto que, o projeto RCMP foi financiado pelo governo federal com dinheiro público, ou seja, de todos os contribuintes.

Como vimos no segundo capítulo desta dissertação, a estrutura da internet possibilita uma enorme atuação por intermédio de websites na divulgação de acervos. Rubens Silva entende “que a digitalização de acervos fotográficos públicos gera artefatos culturais digitais originalmente inseridos em um processo informacional capaz de ampliar a consciência acerca das possibilidades de conhecer e agir (SILVA, 2002: 80)”. Talvez impulsionados pela esteira do movimento de crescente interação através da internet, que o projeto da RCMP previu como meta, a divulgação de acervos imagéticos digitais, o que podemos observar no trecho da entrevista citada acima, que de fato não ocorreu. De outra forma, se o objetivo de divulgação dos acervos digitalizados na internet tivesse sido completado, hipoteticamente, a comunidade da Z3, a da Banda Democrata e do Clube Fica Ahí, poderiam desta forma, se mostrar ao mundo através da internet, fazendo com que dois fenômenos importantes tivessem sido disparados. Primeiramente, podemos perceber que o status daqueles que participam da trama da internet se modifica transformando-os em seres incluídos tecnologicamente, ainda mais, quando indivíduos, passam de meros internautas a pessoas atuantes da internet. Desta forma, se convertem na “memória” do seu agrupamento à medida que todos ficam sabendo que estes indivíduos são personagens de uma história. A sua moral é massageada pelo fato de terem a sua história divulgada através da internet ao mundo inteiro. O segundo fenômeno é que os internautas que acessam os conteúdos têm a possibilidade de uma nova informação para o seu conhecimento. Pensemos na hipótese de que uma universidade sediada no continente africano utilize a internet para procurar clubes que comunguem da condição de terem uma matriz negra em sua fundação, e que essa pesquisa tenha a finalidade de criar uma lista de sites através de links que serão entregues ao governo como forma de realizar contatos em escala mundial no sentido de formar uma rede com uma identidade comum. Isso seria condição para constatarmos que o Clube Cultural Fica Ahí, um dos Pontos de Cultura da RCMP, faz parte da memória coletiva mundial que tem alguma transversalidade com o continente, ou algum país africano.

E é exatamente por vir a proporcionar um resultado coletivo, para além das estruturas das instituições envolvidas no projeto, que são aportados recursos em projetos com as características da RCMP. Sabendo da importância do projeto RCMP na divulgação dos acervos digitalizados, reiteramos o caráter público das

ações. Quando os coordenadores do projeto foram entrevistados (ver anexo), ficaram evidentes duas posições. Por um lado, a compreensão em democratizar os acervos digitalizados, mas por outro lado, uma enorme preocupação com os direitos autorais requeridos pelas instituições, o que, ao cabo, acabou por impedir a efetividade da primeira posição, tanto que ao requisitar imagens digitalizadas para a realização da presente dissertação, em resposta foi obtida uma negativa verbal dos coordenadores, declarando que apenas imagens de eventos acontecidos durante o período do projeto poderiam ser disponibilizadas. Esse fato interferiu na presente pesquisa, mas não a inviabilizou. Continuando a série de entrevistas com os participantes dos Pontos de Cultura, foi evidenciado que o suposto pedido das entidades em não terem seus acervos disponibilizados ao público não era verdadeiro, pois houve pronto atendimento à requisição dos acervos, os quais poderão ser vistos no decorrer deste trabalho.

3.2.1. Ponto de Cultura da Sociedade União Democrata (SMUD)

De acordo com Mario Osório Magalhães (1993), foi a partir de 1780 que as charqueadas começaram a ser instaladas na cidade de Pelotas e seu desenvolvimento resultou numa das maiores concentrações regionais do elemento afro-descendente (LONER, 2008). Assim, Pelotas se tornou regionalmente conhecida, dentre outras características, por ter utilizado a escravidão na construção das suas riquezas, gerando o apogeu do charque, de 1860 a 1890, considerada a época de maior prosperidade da cidade. O artigo de Roger Costa da Silva intitulado “Histórias de crimes envolvendo escravos e libertos em Pelotas (1845 – 1888)” mostra que em 1854 a população total da cidade era de 12.863 pessoas, das quais 4.788 eram escravas e 342 eram libertas. Já em 1884, quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil, 6.526 negros eram escravos em Pelotas. Esse contexto gerou um forte preconceito racial que marcou a identidade do negro na região de forma peculiar, mesmo que no resto do país a escravidão tenha acontecido com aspectos similares. A partir daquele momento, a cidade ficaria fortemente marcada por suas questões raciais.

No final do século XIX, um grupo de pelotenses estimulou a criação de um espaço que congregasse negros, mestiços e brancos pobres em uma organização na qual não houvesse discriminação racial e tal objetivo fosse alcançado por meio da musicalidade. Conforme dados do site da Rede de Pontos de Cultura e do artigo de Graziela Bernardi (2008) sobre a União Democrata, foi em 7 de Setembro de 1896, apenas oito anos após a abolição da escravatura, que nasceu este espaço multirracial em Pelotas, destinado à produção musical por meio da interação entre negros e mestiços, em detrimento da priorização dos descendentes de europeus, como costumava ocorrer. Assim era fundada a Sociedade Musical União Democrata, que desde o início de sua existência teve a finalidade de ser um espaço de educação musical para ex-escravos e seus descendentes, desta forma demarcando uma identidade própria que ecoa até os dias de hoje. De acordo com o pesquisador Paulo Sérgio Medeiros Barbosa, a Banda Democrata foi idealizada no ano de 1890 pelos músicos Adolfo Jacinto Dias, João Batista Lorena e João Vicente Silva Santos, como uma sociedade musical instrutiva, recreativa e benficiante composta por um número indeterminado de indivíduos, com distintas nacionalidades, cores e cultos (BARBOSA, 2006).³³ Tal entidade desejava distinguir-se das bandas existentes em Pelotas à época, como a Apolo, Belini, Lira Artística, Portuguesa, Santa Cecília, União Musical e as bandas dos clubes Caixeiral e Diamantinos, deste modo adotando o nome sugestivo de “União Democrata”.

Atualmente a Sociedade Musical Banda União Democrata tem como presidente o senhor José Farias, que coordena as aulas gratuitas de música ministradas na instituição. No ano de 2008, vinte e nove alunos foram instruídos para a leitura de partituras musicais e estima-se que boa parte dos músicos da cidade tenha suas primeiras lições na União Democrata. A entidade tem sede à rua Major Cícero nº 401, no centro de Pelotas. A instituição centenária confirmou o processo de tombamento da sua banda no ano de 2004, recebendo o título de Patrimônio Imaterial da cidade de Pelotas e do estado do Rio Grande do Sul, conforme consta da Lei 5095, artigo 21º, inciso V, e do Decreto Lei do mês de agosto do ano 2000. Tal reconhecimento possibilitou que a entidade tivesse maiores possibilidades de alcançar outros objetivos, sendo um deles o de ingressar no

³³ Informação extraída do site Rota Sul Digital, do Programa Cultura Viva no Ministério da Cultura. Disponível em <<https://sites.google.com/site/rotadigitalsul/outros-projetos/memorial-sociedade-musical-democrata-pelotas-rs>> Acessado em 10 ago. 2010.

projeto da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP) como um dos Pontos de Cultura pertencentes a está rede.

O Ponto de Cultura foi instalado na sede da Sociedade Musical Banda União Democrata (SMUD) com a finalidade de digitalizar os acervos já organizados na entidade, porém, a constatação da precariedade dos recursos físicos da SMUD fez com que a Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) fizesse mais do que simplesmente instalar o Ponto de Cultura nas dependências da entidade. Ao se deparar com a realidade vivida naquele momento pela SMUD, a UCPel elaborou um projeto de restauração do prédio que sedia a entidade, em função dos danos acumulados em decorrência da passagem do tempo. A senhora Marilí Farias, atual tesoureira da SMUD, e responsável pelo processo de digitalização dos acervos da entidade, mencionou em entrevista, que “a Universidade Católica de Pelotas fez uma reforma no prédio que ficou muito boa, colocaram ventiladores, luzes, chão, pintura, porta, forro, telhado, deram uma geral”, em alusão ao trabalho feito pela universidade na reparação da estrutura física do prédio, que pode ser visualizado a seguir na figura 25.



Figura 25: Fotografia da sede da Banda Sociedade Musical União Democrata. Localizada à Rua Major Cícero, nº 401, na cidade de Pelotas.

Depois de a UCPEL promover a reforma interna e externa do prédio histórico que abriga a SMUD, o projeto Ponto de Cultura poderia ser desenvolvido plenamente. Para tanto, foram realizados cursos por parte do Ponto Administrativo do projeto, instruindo os participantes dos três Pontos de Cultura da RCMP. Neste sentido, por parte do Ponto de Cultura da SMUD, participaram do curso alguns instrumentistas da banda e a senhora Marilí Farias, que viria a se tornar a principal executora das digitalizações dos acervos. Conforme depoimento de Fabiane Marroni, “a dona Marilí, esposa do seu Farias [presidente], ficou responsável pelo acervo deles [SMUD]. Ela e o seu Farias ficaram responsáveis pelo acervo a pedido deles próprios, então tem uma parte digitalizada e outra não. Os bolsistas ensinavam a digitalizar, mas não tinham o domínio direto dos acervos, eles [SMUD] é que gerenciavam” (MARRONI, 2010).

O curso consistia em instruir pessoas das entidades vinculadas ao projeto da RCMP no uso dos softwares de digitalização de imagens bem como no uso do sistema operacional Linux, visto que nenhum dos participantes sabia manipular estas ferramentas. O período do curso foi de aproximadamente três semanas. De acordo com Marilí Farias, responsável pelo acervo da SMUD. O curso

“tinha a finalidade de nos instruir a digitalizar e a usar o Linux, que nós não sabíamos, porque o projeto eram os computadores, o scanner, a impressora e toda a parte de informática para nós digitalizarmos as imagens, mas nós não sabíamos usar o Linux. Então a gente fez o curso para aprender. Tinham também umas estudantes que faziam o curso junto porque não sabiam. Eram as bolsistas da Universidade Católica de Pelotas” (FARIAS, 2010).

Marilí Farias referiu ainda a importância destas instruções para o desenvolvimento do trabalho. Conforme relatou, no início do curso ela não tinha a vontade de participar dos procedimentos de digitalização, mas com o desenvolvimento do curso e com a indisponibilidade dos demais participantes por parte da SMUD, ela se apaixonou pelo projeto, o que bastou para que fosse escolhida para realizar as digitalizações dos acervos e para ser a principal mediadora nas relações entre o Ponto de Cultura da SMUD e o Ponto Administrativo da RCMP. A seguir podemos visualizar, na figura 26, a senhora Marilí Farias na

sala do Ponto de Cultura da SMUD, segurando nas mãos um quadro do acervo histórico da instituição.



Figura 26: Fotografia da digitalizadora e tesoureira do Ponto de Cultura da União Democrata, senhora Marilí Farias.

Na pesquisa feira nos arquivos do computador do Ponto de Cultura da SMUD, foram encontradas 28 pastas, num total de 4,5 gigabytes de arquivos. Quanto ao conteúdo destes arquivos, se compõe em sua maior parte pela digitalização de atas e por listas de presença das reuniões da entidade. O sistema operacional instalado no computador é o Sistema Operacional Livre “Kurumin”, e o programa de digitalização e manipulação de imagem é o software livre “GIMP”. Foi constatado que a numeração das pastas condizia com a ordem numérica das pastas do acervo físico, devidamente acomodado em arquivo de metal, e que as imagens físicas foram acomodadas dentro de envelopes e com papel vegetal. Luvas de elastano foram utilizadas no manejo dos acervos como forma de evitar que o contato com a pele deteriore a materialidade dos acervos.

No arquivo físico, em termos de tipologia arquivística, foram encontrados jornais, documentos e fotografias devidamente acomodados. Estes arquivos estão gradualmente sendo digitalizados pela senhora Marilí Farias, que relatou em entrevista que ainda não finalizou totalmente a digitalização dos arquivos físicos da SMUD: “Eu não consegui terminar ainda toda a digitalização, mas cada vez que eu chego lá na Banda Democrata eu digitalizo de três a quatro folhas”, revela. Segundo

ela, o procedimento que vem aplicando é o de scanear um montante de acervos e logo após gravar em cd para que não fiquem os acervos digitalizados apenas no computador. Tal procedimento tem sido adotado para que no caso de uma possível danificação dos computadores, possam estar salvaguardados os acervos digitalizados, como forma de não se perder o trabalho feito até agora. Mesmo que os cursos ministrados pelo Ponto Administrativo da RCMP tenham instruído os participantes dos distintos Pontos de Cultura a realizarem os processos de digitalização, ainda faltam informações sobre os procedimentos. Marilí comentou em entrevista que alguma coisa ainda falta ser esclarecida com relação ao processo de gravação dos arquivos em cd. Portanto, constata-se que o processo de “alfabetização” e de inclusão digital, passo inicial para a digitalização dos acervos documentais das instituições representativas da cultura popular que são contempladas pelas redes de pontos de cultura do MinC, ainda não atingiu um nível adequado.

Como forma de apresentarmos o acervo digital do Ponto de Cultura da SMUD, a seguir, na figura 27, podemos visualizar reprodução de fotografia realizada no ano de 1933, com a diretoria da Banda União Democrata da época.



Figura 27: Fotografia da diretoria da Banda União Democrata no ano de 1933. Fotografia captada do acervo do Ponto de Cultura da Banda União Democrata.

Outro exemplo de arquivos digitalizados no Ponto de Cultura da SMUD diz respeito a documentos como atas, estatutos e outros registros produzidos pelos associados, tais como partituras e cadernos com exercícios musicais. A seguir, na figura 28, podemos visualizar detalhe da ata de fundação da Sociedade Musical União Democrata, documento datado do dia 7 de Setembro de 1896.



Figura 28: Detalhe da primeira folha do Estatuto da Sociedade Musical União Democrata, redigida em 7 de Setembro de 1896 na cidade de Pelotas. (arquivo digitalizado)

Para que se realizem procedimentos de digitalização de acervos, antes de tudo é necessária uma organização prévia dos fundos arquivísticos dos acervos físicos. Assim, a tarefa de digitalizar o acervo físico do Ponto de Cultura da SMUD se tornou possível graças a trabalhos anteriores. Marilí Farias menciona que Paulo Barbosa, um dos membros da diretoria da entidade, que também é historiador, realizou a organização do acervo físico através de projeto conjunto com a Universidade Federal de Pelotas. Vejamos a seguir o relato de Marilí.

Foi o Paulo Barbosa, que era o primeiro secretário da Banda Democrata, junto com a Universidade Federal de Pelotas, quem começou o projeto, onde tinham três alunos da UFPel que organizaram todo o acervo, porque estava tudo muito desorganizado e misturado. Então eles começaram a separar por partes, por focos distintos. Jornais, entrevistas, história, e depois colocaram em envelopes, tudo anotado com o conteúdo e depois numeraram. Desta forma ficou mais fácil o outro projeto (RPCMP) (FARIAS, 2010).

O projeto de Barbosa, relatado por Marilí, foi o que facilitou a digitalização dos acervos físicos. Depois de pesquisar os acervos da Sociedade União Democrata (SMUD), foi realizada pesquisa em produções bibliográficas que se referem à história da SMUD, sabendo da importância de o Ponto de Cultura da entidade armazenar o maior número de informações históricas nos seus arquivos físicos, para que, posteriormente, possam ser inseridas no projeto de digitalização de acervos, visto que este trabalho tem a finalidade da preservação da memória e da história desta banda centenária de Pelotas. Dentre os acervos documentais da instituição, encontram-se números da Revista Gazeta Musical, de 1956, que revelam que a Banda União Democrata realizou aproximadamente 500 audições públicas entre os anos de 1896 e 1956 (BERNARDI, 2008: 7). Em dissertação defendida por Jussanete da Costa Vargas no Programa na Pós-Graduação em Educação da UFPel tendo como tema de estudo a trajetória do maestro Norberto Nogueira Soares no período de 1940 até 1970, a autora menciona que Leon (1994) e Rosa Junior (2000) abordaram anteriormente a história da Sociedade Musical União Democrata (VARGAS, 2006: 6). Certamente outros trabalhos poderão contribuir no resgate da história da SMUD, e de forma alguma o presente trabalho pretende encerrar o assunto.

3.2.2. Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo

Segundo LONER e GILL (2007), a comunidade negra de Pelotas se organizou em clubes ao final do período imperial, que se estendeu de 1822 a 1889. Nesses clubes, a maioria ou mesmo a totalidade de seus componentes eram negros. Tais clubes emergiram da preocupação de congregar, além da luta racial, as questões ligadas à sociabilidade e à resistência cultural. Conforme se percebe na

citação abaixo, eram várias as instituições vinculadas à comunidade negra na cidade de Pelotas no começo do período republicano:

Entre essas (instituições) se destacaram os Cordões Negros – Depois da Chuva (19/2/1916), Chove Não Molha (26/2/1919), Fica Ahí P'ra Ir Dizendo (27/01/1921), Quem Ri de Nós têm Paixão (1921) e Está Tudo Certo (1931) – Além da Frente Negra Pelotense (1933) e a Liga de Futebol Independente José do Patrocínio. Dessas organizações, apenas os clubes Fica Ahí e Chove Não Molha mantêm-se em funcionamento atualmente. (SILVA, 2009)

O Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo foi fundado por um grupo de negros em 27 de janeiro de 1921 com a intenção inicial de ser um bloco de carnaval. Na ocasião da fundação, um dos integrantes do grupo, Osvaldo Guimarães da Silva, sugeriu o nome de “Cordão Carnavalesco Fica Ahí Pra Ir Dizendo”. A partir da temática carnavalesca, os componentes do grupo resolveram fundar um clube constituído de negros, devido ao preconceito e à hostilidade de alguns outros clubes da cidade de Pelotas que impediam o ingresso de negros em seus quadros sociais. Desta forma, nascia mais um clube, dentre os aproximadamente 53 contabilizados entre 1888 e 1929 em uma das pesquisas feita por Beatriz Loner (DOMINGUES, 2007: 4). Existe a hipótese de que o Fica Ahí seja uma dissidência do Clube Chove Não Molha, o que poderá ser averiguado em pesquisa comparativa entre as fichas dos sócios do Chove Não Molha, entre 1919, ano da fundação do Clube, e 1921, data da sua fundação do Clube Fica Ahí (MACHADO, 2010), a ser efetuada pelos clubes em questão.

Com identidade fortemente marcada pela presença de afro-descendentes, em seguida o Clube Fica Ahí se tornaria uma sociedade com a finalidade de confraternizar por meio de bailes, quermesses, chás, festivais e jogos diversos. As pessoas que participaram das atividades iniciais do clube já morreram, mas mesmo assim podemos encontrar fichas de sócios e fotografias de alguns dos precursores do Clube na sede da entidade, ou no Ponto Administrativo da RPCMP. A seguir, na figura 29, podemos ver o prédio da Fica Ahí, localizado na Rua Marechal Deodoro, centro da cidade de Pelotas.



Figura 29: Fotografia do prédio do Clube Cultura Fica Ahí Pra Ir Dizendo (fotografia de 2010).

Mas não somente nos clubes da cidade os “cidadãos de cor” (FAGUNDES e VIANA, 2000:1) eram rejeitados. Também nos jornais e nas revistas da época se omitia, ou ainda pior, se conferia marginalidade aos negros e às negras. Relatando pesquisa feita sobre a presença de mulheres negras em fotografias realizadas em Pelotas na década de 1920, Francisca Michelon e Aline Lima referem: “Observou-se... que há fotos de mulheres negras nos jornais e outros pesquisadores da cidade informaram ter encontrado fotos registrando essas mulheres negras na condição de doentes, criminosas, prostitutas e outras situações marginais” (MICHELON e LIMA, 2006:4). A observação foi feita em pesquisa sobre a revista *Ilustração Pelotense*, que foi editada e circulou entre os anos de 1919 e 1927 na cidade de Pelotas. Tal periódico era hegemonicamente constituído por fotografias, inclusive sendo pioneiro no gênero. A principal constatação do referido estudo foi a de que inexistiam imagens de mulheres negras na *Ilustração Pelotense*, o que corrobora a tese de

exclusão dos negros pelos brancos na cidade sulina, no que diz respeito aos “registros de memória” (HALBWACHS, 1968). De acordo com Maurice Halbwachs, a memória coletiva tem a importante função de garantir um sentimento de pertencimento, de identidade do indivíduo apoiado em uma memória compartilhada, sobretudo no plano simbólico. A ausência de fotos de mulheres negras na ilustrada confirma uma prática de subtração de determinada “memória”, a dos negros. Este contexto contribuiu para uma reação cultural étnica por parte dos negros, daí derivando a realização de mobilizações. Pelotas esteve entre as principais cidades em que ocorreram mobilizações de organizações criadas por negros, tanto que podemos observar, na citação abaixo, a relevância da cidade junto com grandes centros, como São Paulo, que no Censo 2005 contabilizou a maior presença de pessoas de raça/cor negra ou parda do país (12,5 milhões), segundo os dados do IBGE.³⁴

Em São Paulo, apareceram o Club 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), o Centro Literário dos Homens de Cor (1903), a Sociedade Propugnadora 13 de Maio (1906), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos (1917); no Rio de Janeiro, o Centro da Federação dos Homens de Cor; em Pelotas/RS, a Sociedade Progresso da Raça Africana (1891); em Lages/SC, o Centro Cívico Cruz e Souza (1918). (DOMINGUES, 2007).

É com base nas considerações acima que afirmamos a importância do Clube Cultural Fica Ahí Para Ir Dizendo no âmbito do projeto da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP), que tem dentre seus objetivos a digitalização das fotos e das fichas de propriedade do clube que marcou não só a história do negro na nossa região, como no Brasil. O Ponto de Cultura instalado nas dependências do Fica Ahí pode ser visualizado na figura 30, a seguir.

³⁴ Dados extraídos do site <http://www.seade.gov.br/produtos/idr/download/populacao.pdf>



Figura 30: Parte interna do Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.

A primeira pessoa a nos receber no Ponto de Cultura do Clube Fica Ahí Pra Ir Dizendo foi o seu atual presidente, o senhor Raul Borges Ferreira, que indicou as duas principais pessoas que viriam a servir de fontes para a presente dissertação. São elas, a bolsista do projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas RPCMP, senhora Marcela Ávila, e o atual coordenador de projetos e diretor financeiro do clube, senhor Rubinei Machado. Em entrevista, Marcela relatou que trabalhou no Ponto de Cultura Fica Ahí durante dois anos, começando em 2006 e terminando em 2008, período em que o projeto da RPCMP se desenvolveu. Marcela era a digitalizadora dos acervos da entidade, que foram scanneados na sua totalidade, conforme a bolsista explica: “depois que eu terminei de digitalizar todo o material do Fica Ahí, eu fui trabalhar no Ponto Administrativo para editar esse material, porque a gente digitalizou e deu um tratamento a este acervo” (ÁVILA, 2010). Marcela trabalhava quatro horas diárias no projeto e contribuiu com a presente dissertação, fazendo referência a alguns conteúdos digitalizados no Ponto de Cultura Fica Ahí, como podemos ver na citação a seguir.

Quando eu fui pra lá, o material estava anotado tudo em pastas e já estava catalogado. Eu lembro que a maioria dos materiais eram livros de atas do clube, de 1953, de 1962. Então, como estava tudo organizado, a minha tarefa foi a de separar e digitalizar todo esse material. Lembro que eu também peguei o jornal “Alvorada”. Fotografei todo ele, porque ele era muito grande e não cabia no scanner, então eu fotografei. Também está lá disponível (ÁVILA, 2010).

Além de Marcela, também ouvimos o senhor Rubinei Silva Machado, que ingressou em outubro de 2009 como coordenador de projetos do Clube Fica Ahí e fez um relato sobre a atual situação dos projetos desenvolvidos na entidade. Em um diálogo com a antropóloga uruguaia da Universidade Federal de Pelotas Rosane Rubert, se constituiu um projeto de extensão para implementar o “Centro de Cultura Afro Brasileira”, com a finalidade de produzir um inventário do clube. Outro projeto tem o objetivo de desenvolver a cultura do Fica Ahí, com atividades nas áreas de capoeira, dança afro, teatro negro, coral e dança de salão. Hoje o clube conta com aproximadamente 150 sócios, e, para aumentar este número, a entidade lançou a campanha “Fica Ahí 500”, que ambiciona alcançar, no prazo de três anos, a marca de 500 sócios. Atualmente, um dos principais projetos do Fica Ahí é a “Biblioteca Negra”, que conta com 500 títulos, com destaque para exemplares sobre literatura e filosofia africana. Da “Biblioteca Negra” emergem duas ações: o “Ciclo de Conversas”, que teve início em março de 2010, com periodicidade quinzenal, no qual um grupo se reúne com a finalidade de discutir textos e livros da “Biblioteca Negra”, além de paulatinamente catalogar os livros desta biblioteca, que está sendo ampliada por meio de compra e de doação de obras; e o projeto Ponto de Cultura, que concluiu a digitalização de todo o acervo físico da entidade. Segundo Machado, a ideia é articular os diversos projetos. Na figura 31, a seguir, podemos visualizar fotografia do senhor Rubinei Machado manejando parte do acervo físico da entidade, no Ponto de Cultura.



Figura 31: Fotografia onde aparece o coordenador de projetos do Clube Cultural Fica Ahí, Rubinei Machado, no Ponto de Cultura do Fica Ahí.

Em pesquisa feita do computador do Ponto de Cultura do Fica Ahí, onde está parte dos arquivos digitalizados da entidade (ÁVILA, 2010), localizamos quatro pastas distintas, com as seguintes nomenclaturas: “Documentos do Clube”, contendo outras 8 pastas; “Fichas de Sócios”, contendo outras 3 pastas; “Atas”, contendo outras 8 pastas; “Alvorada”, contendo outras 44 pastas. Estas pastas, devidamente nomeadas acima, ocupam um espaço virtual de 3,7 GB do computador e os arquivos de imagem estão comprimidos na extensão “tif”, da mesma forma que todos os arquivos digitais do projeto RCMP. A seguir iremos descrever o conteúdo de cada uma das pastas do Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.

“Documentos do Clube”

A pasta “Documento do Clube” comprehende outras oito pastas, respectivamente nomeadas como “Correspondências 2000”, “documentos do grupo jovem”, “documentos em geral”, “estatutos de 1971”, “estatutos de 1980”, “estatutos do clube”, “histórico” e “histórico do clube”, onde encontramos trabalhos sobre a história do clube Fica Ahí. Ao longo desses 90 anos de história, o Clube Cultural Fica Aí Pra Ir Dizendo esteve sediado em três locais distintos. A fonte para tal informação é o trabalho intitulado “Clube Cultural Fica Ahí Pra Ír Dizendo: 85 anos

proporcionando lazer e cultura”, de autoria da professora Giselda Maria Marques Lima. Neste trabalho consta que a primeira sede do então “*Cordão Carnavalesco Fica Ahi Prá Ir Dizendo*” foi na Rua Félix da Cunha nº 815, onde ficou instalada até o ano de 1935, quando passou sua sede para a Rua Félix da Cunha nº 774, onde permaneceu até 1954, para logo depois, finalmente, se instalar em sua sede própria, na rua Marechal Deodoro nº 368, onde permanece até os dias de hoje. A seguir podemos visualizar como foi este processo, conforme foi descrito por Gisela Lima:

“Por esta época, já estavam bem definidos os principais objetivos da entidade: a construção de uma sede própria e a criação de uma escola. Para concretizar estes projetos, foi criada uma comissão de obras, composta pelos seguintes associados: Presidente: *Rubens Lima*, Primeiro-tesoureiro: *Israel da Conceição*, Segundo-tesoureiro: *Francisco de Paula Moraes*. Em terreno situado na rua Mal. Deodoro, 368, no dia 1º de janeiro de 1953, foi lançada a *Pedra Fundamental* (LIMA, 1999)”

Mas não foi apenas de sede que o clube trocou ao longo da sua história. Também o nome foi alterado, por conta de reorientações nas atividades da entidade. Nasceu como “Bloco Carnavalesco”, passou a “Clube Carnavalesco”, e depois foi denominado “Clube Cultural”, assim permanecendo até os dias de hoje.

“Fichas de Sócios”

Na pasta “Fichas de Sócios”, encontramos três outras pastas, nomeadas como “Eeadidos”; “Sócios evadidos de (A – O); “Sócios Falecidos”. A seguir, na figura 32, podemos visualizar o modelo de Ficha de Sócio do Clube Fica Ahí Pra Ir Dizendo, pertencente aos arquivos digitalizados do Ponto de Cultura. Por motivo de preservação dos direitos de imagem, inserimos tarjas nas informações pessoais contidas no documento.



Figura 32: Ficha de sócio, pertencente ao arquivo de acervos digitalizados do Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo.

Foram contabilizados 461 itens dentro da pasta “Fichas de Sócios”. Os sobrenomes mais recorrentes são as famílias Pinto, Rubens Lima, Medeiros, Souza, Silveira, Goulart, Madruga, Tavares, Farias, Ávila, Silva, Alves, de Paula, Dutra, Portella, dos Santos.

“Atas”

A pasta “Atas” compreende um total de oito outras pastas, nomeadas como “1969 – 1970”; “1938 – 1943”; “Fotografia livro Fica Ahi 1938 a 1943”; “Livro de atas 1938 a 1941 – editadas”; “livro de atas 1946 a 1947”; “Livro de atas 1978 a 1990”; “Livro de atas 1987”; “Livro de atas 1990 a 1992”. Como forma de ilustrarmos neste trabalho, algumas atas encontradas no acervo digital do Ponto de Cultura do Clube Fica Ahí são apresentadas em formato de imagem, sendo uma das mais antigas e uma das mais novas atas digitalizadas. A seguir, na figura 33, podemos visualizar detalhe da ata nº 197, de 7 de maio de 1941, uma das mais antigas atas encontradas no arquivo histórico digitalizado do Ponto de Cultura.

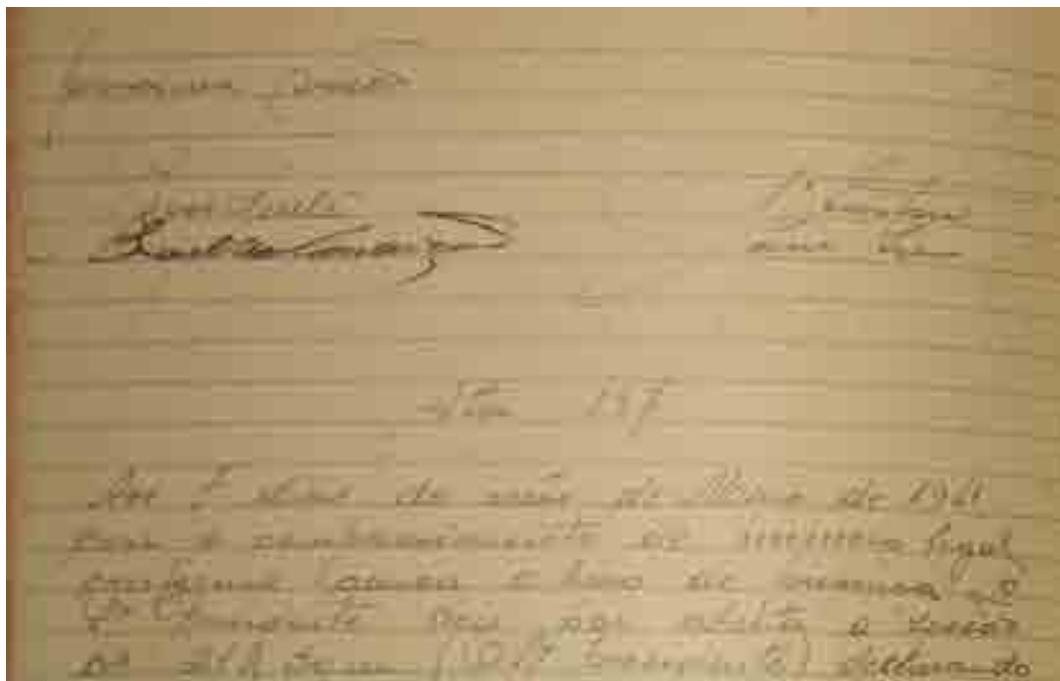


Figura 33: Detalhe da ata nº 197, de sete de maio de 1941. Pertencente ao arquivo de acervos digitalizados do Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ira Dizendo.

A seguir, na figura 34, podemos visualizar detalhe da ata nº 4, de 6 de junho de 1969, a mais nova ata encontrada nos arquivos históricos do Ponto de Cultura.

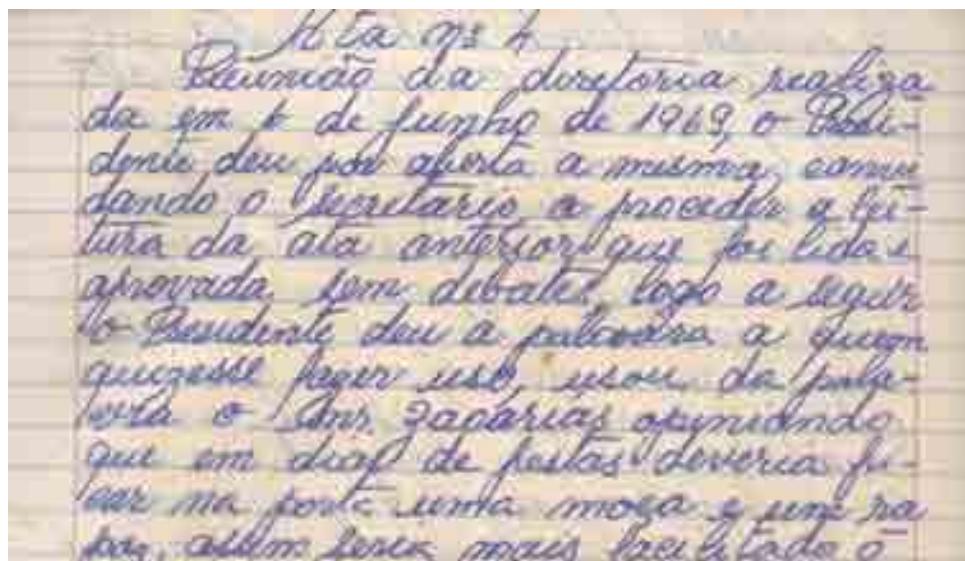


Figura 34: Detalhe da ata nº 04, de 6 de junho de 1969. Pertencente ao arquivo de acervos digitalizados do Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ira Dizendo.

“Alvorada”

A pasta “Alvorada” comprehende a digitalização do jornal “A Alvorada” do ano de 1949. Deste último grupo de acervo fazemos menção à digitalização da mais antiga edição daquele ano, de 15 de janeiro de 1949 (Ano XLI, nº 1), e da mais recente edição daquele ano, de 24 de dezembro de 1949. A seguir, podemos visualizar, na figura 35, detalhe do cabeçalho da capa da edição nº 2, de 22 de janeiro de 1949.



Figura 35: Detalhe do cabeçalho do jornal Alvorada, ANO XLI, nº 2, datado de 22 de janeiro de 1949, em Pelotas.

A história do Jornal Alvorada se confunde com a história do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, visto que diversos membros da coordenação do jornal faziam parte ou eram associados aos quadros do clube. Como forma de disponibilizar todos estes acervos mencionados aqui para pesquisadores e para a comunidade em geral, a direção do Clube Fica Ahí prepara a elaboração de um banco de dados para que os interessados possam pesquisar no acervo digitalizado.

3.2.3. Ponto de Cultura da Colônia de Pescadores Z3

A Colônia de Pescadores São Pedro, mais conhecida como Colônia Z3, é o segundo distrito do município de Pelotas. Situa-se às margens da Laguna dos Patos e caracteriza-se, como o próprio nome indica, por ter na atividade pesqueira sua principal atividade econômica. Foi fundada em 29 de junho de 1921. Na época, lá moravam quarenta famílias que retiravam sua subsistência exclusivamente da pesca. Na Colônia Z-3 está localizada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque, fundada em 5 de março de 1929 pelo então prefeito, senhor Ildo Meneghetti. Inicialmente a escola era mantida pelos moradores, contudo, mais tarde, foi entregue à Prefeitura Municipal de Pelotas. Atualmente atende a 600 alunos, entre crianças, adolescentes e adultos, do pré-escolar à oitava série. Conta com 42 professores e 21 funcionários, de acordo com nosso levantamento. “Segundo o Censo Demográfico (2002), a população total da Z3 é de 3.221 habitantes, sendo 2.291 residentes na área urbana e 930 na área rural. (...) sua população caracteriza-se por possuir baixo nível de alfabetização, existindo uma alta concentração de renda” (SARAIVA e SANGUINÉ JÚNIOR, 2009: 8).

Michel Figueira realizou importante trabalho de pesquisa científica no ano de 2009, resultando na elaboração da dissertação de mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural intitulada “Colônia de Pescadores Z3, Pelotas – RS: da crise da pesca à expansão do turismo com base no patrimônio”. Tal trabalho tem sua ênfase na questão do turismo, diferentemente da presente dissertação, que investiga a gestão documental e da memória daquela comunidade de pescadores através do Ponto de Cultura da Colônia Z3. Contudo, o trabalho de Figueira é muito relevante para que entendamos como se deu o início da localidade e para que possamos elencar as principais referências culturais patrimoniais que identificam a localidade. Figueira sintetiza a construção histórica da Colônia Z3 da seguinte maneira:

Quanto à evolução histórica local, temos que “em 1912, a lei 2.544, que criou as colônias de pescadores, colocou-as sob a tutela do Ministério da Agricultura” (PESSANHA, 2003: 66). Seu principal objetivo era cadastrar pescadores artesanais para uma possível convocação para a guerra. Por terem um vasto conhecimento de regiões litorâneas, os pescadores podiam tornar-se peças fundamentais na aplicação de estratégias de defesa nacional que eventualmente necessitassem ser aplicadas. Enfim, legitimando este processo, as colônias de pesca “tiveram início em todo país no inicio do século XX por estratégia da Marinha do Brasil em nacionalizar as comunidades pesqueiras e usá-las como pontos estratégicos na defesa do litoral brasileiro” (SACCO DOS ANJOS, NIEDERLE, SCHUBERT, SCHNEIDER, GRISA & CALDAS, S/D: 13). (Apud, FIGUEIRA, 2009: 39).

O cenário da Colônia Z3 corresponde a uma localidade situada a 20 km da cidade de Pelotas, cercada por matas nativas e exóticas num ambiente típico de banhados e lagoas, onde se encontram diversas espécies da fauna e da flora brasileira, tais como aves costeiras, aves silvestres, mamíferos, répteis, anfíbios, diversas espécies de peixe, plantas, flores e árvores (FIGUEIRA, 2009: 41). Este cenário natural peculiar nos leva a crer que existe uma relação de proximidade dos pescadores e dos moradores da localidade com seu ambiente, evidenciado pela constatação da matriz econômica do local, que é a pesca. Figueira observa que a Colônia Z3 se organiza a partir da cadeia produtiva da pesca e que hoje em dia as diversas etapas da economia são coordenadas pelos próprios pescadores. Produzem e comercializam o pescado de diversas formas, além de produzirem boa parte dos meios de produção, com a confecção e manutenção de redes. (FIGUEIRA, 2009: 43).

A Universidade Católica de Pelotas (UCPel) admitiu a possibilidade de instalar um dos seus Pontos de Cultura do projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP) na Colônia Z3 pelo fato desta comunidade estar localizada em uma área rural, o que se afina com a política de interiorização das ações governamentais da gestão do presidente Lula. Além da peculiaridade da Z3 ser considerada área rural, outro fato contribuiu para a instalação do Ponto de Cultura na Colônia Z3. Desde o ano 2000, a UCPel, através da sua Escola de Comunicação Social, mantém o projeto jornal comunitário “O Pescador”, que consiste em produção de jornal impresso com periodicidade mensal (SARAIVA e SANGUINÉ JÚNIOR,

2009: 8). Talvez seja “O Pescador” um dos únicos registros documentais que a Colônia Z3 tem neste quase 100 anos de história, o que faz do Ponto de Cultura da Colônia Z3 um centro de registro ou captura de imagens, e não um centro de digitalização de imagens, como parecem ser caracterizados os outros dois Pontos de Cultura (Banda União Democrata e Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo) vistos anteriormente nesta dissertação. A seguir, na figura 36, podemos ver fotografia da Escola onde está instalado o Ponto de Cultura da Z3.



Figura 36: Fotografia externa da Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque onde está instalado o Ponto de Cultura, localizada na Colônia Z3.

O Ponto de Cultura da Colônia Z3 não tem a mesma dinâmica dos outros dois Pontos de Cultura da RPCMP, pelo fato de quase inexistirem registros imagéticos sobre a localidade, que é pobre. Assim, a sua principal tarefa é a de ser um Ponto de Cultura que estimule a produção de acervo. No jornal “O Pescador” atuam alunos da UCPEL que mensalmente produzem o periódico, no qual são divulgadas informações e imagens que poderão auxiliar na constituição de um acervo para o Ponto de Cultura que certifique fatos e elementos materiais e imateriais da atualidade, de modo que, no futuro, a comunidade possa recuperar a sua história, ação que não acontece atualmente justamente por não ter havido no passado a preocupação com a preservação da memória do povoado.

No início deste terceiro capítulo, na apresentação do conceito do projeto Pontos de Cultura, mencionamos alguns discursos de Gilberto Gil, ministro da Cultura à época da implementação do projeto no país. Em um trecho, Gil enfatizava que os Pontos de Cultura têm a finalidade de “criar meios para que cada um cresça e faça o seu próprio caminho” (GIL, 2005). Isso possibilitou que a RCMP elaborasse juntamente com a Escola Rafael Brusque, projeto para receber um Telecentro que ficaria sediado na referida escola. De acordo com o depoimento de Fabiane Marroni, “o Ponto de Cultura conseguiu contato direto com o SERPRO (Serviço Federal de Processamento de Dados) para concorrer ao Telecentro. Fomos nós que conseguimos, nós que enviamos a carta, tudo articulado pelo Ponto de Cultura, que descobriu o projeto Telecentro pela internet” (MARRONI, 2009). Considerando as entrevistas feitas com a coordenadora Geral do projeto, Fabiane Marroni, a ex-diretora da Escola Rafael Brusque, Leoni Braga, a bolsista do Ponto de Cultura da Colônia Z3, Ana Paula Santos, a principal conquista proporcionada pelo Ponto de Cultura foi a aquisição do Telecentro. Neste sentido, é importante o depoimento de Leoni Braga: “Lá na Z3 é diferente do Fica Ahí e da Banda Democrata. Pra nós, além do resgate histórico da colônia, o elemento mais importante foi abrir as portas para o Telecentro, pra ter inclusão digital, porque se não tivesse o Ponto de Cultura, não teria inclusão digital lá” (BRAGA, 2010). Fica claro assim que a inclusão digital na Z3 se constituiu no principal elemento de transformação dos integrantes do projeto naquele Ponto de Cultura.

Justamente por inexistirem acervos físicos na Colônia Z3, a coordenação do projeto percebeu que não seria possível constituir um acervo histórico com algum hipotético trabalho, como ocorreu com os outros dois Pontos de Cultura da RCMP (Clube Fica Ahí e Banda União Democrata), e a partir daquele momento vem registrando as principais atividades do local no presente com vistas a construir um arquivo que sirva de identidade imagética da Colônia de Pescadores Z3, servindo assim de suporte de memória para o futuro. Este trabalho de registro foi desenvolvido pela estagiária do projeto, Ana Paula da Silva Santos, durante o período em que esteve trabalhando na Colônia Z3, entre 2006 e 2008.

A necessidade que uma comunidade tem de manter registros imagéticos que remontem à sua história, como forma de ter um passado que possa ser revisitado, faz com que o Ponto de Cultura tenha uma responsabilidade histórica na Colônia Z3.

Imagens são instrumentos essenciais para reconstituir momentos marcantes de determinado grupo social, tanto que, em Halbwachs, encontramos a noção de que a memória pode ser considerada como um fato social, derivando desses acontecimentos eminentemente coletivos, a memória coletiva (HALBWACKS, 1968)

Mesmo que não tenha um número significativo de imagens sobre a história da Colônia Z3, a bolsista do projeto à época da implementação do Ponto de Cultura, Ana Paula da Silva Santos, relatou em entrevista que foram encontradas algumas imagens sobre o passado da comunidade: “conseguimos muitas fotos das festas dos navegantes, que é uma festa bem tradicional, da igreja também, e de bailes. A gente fez o processo de digitalização, deixando-as tanto no computador da escola como no Ponto Administrativo da UCPel (SANTOS, 2010)”. A seguir, na figura 37, podemos visualizar uma fotografia da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 1962, extraída do blog³⁵ de Michel Figueira.



Figura 37: Fotografia da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes de 1962.

³⁵ O referido blog pode ser encontrado no endereço <<http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com/>> e é destinado à pesquisa sobre a Colônia Z3, sendo produzida por Michel Figueira.

Com o propósito de ilustrar através de exemplos os conjuntos de acervos do projeto PCRMP, requisitamos, tanto ao Ponto de Cultura Administrativo quanto ao Ponto de Cultura da Colônia Z3, imagens que Ana Paula mencionou que o Ponto de Cultura havia catalogado como fotografias históricas da comunidade. Na requisição, mencionamos que apenas uma imagem deste conjunto de acervo já seria suficiente para a presente dissertação. Nos dois casos, não logramos êxito. O Ponto de Cultura da Colônia Z3 teve o maior interesse em disponibilizar as imagens, mas por causa de uma pane técnica em seu maquinário, teve que indeferir o pedido. No caso da negativa do Ponto Administrativo ao pedido das imagens, a resposta foi de que, por conta do resguardo dos direitos autorais das entidades envolvidas no projeto, poderiam apenas disponibilizar imagens de divulgação do projeto, encontradas igualmente no site do mesmo. Por conta deste fato, não poderemos, neste trabalho, apresentar amostras do acervo da Z3, pois não tivemos acesso ao mesmo.

O que podemos fazer aqui é identificar os principais elementos da cultura imaterial e material da Colônia Z3, como forma de apontar o que pode vir a auxiliar na constituição da imagem histórica da comunidade. Deste modo, foi na principal atividade econômica da Z3, a pesca, que Figueira encontrou os elementos constituintes da cultura material e imaterial daquela comunidade. Com base em tais elementos, podemos contribuir para o trabalho de constituição do acervo histórico da comunidade, o que, inclusive, estava dentre os objetivos do projeto RCMP. Vejamos, na citação a seguir, os elementos culturais que Figueira evidencia:

A prática social da pesca profissional artesanal resulta na configuração da cultura da Colônia de Pescadores Z3 das mais diversas formas: nos pratos da culinária preparados à base de pescados capturados junto a Lagoa dos Patos; nos barcos em miniatura utilizados como recursos ritualísticos na preparação de jovens para a prática pesqueira; nas festas religiosas que reproduzem a tradição da petição de proteção e de boas safras na atividade da pesca; na música e na poesia de um cancionero que descreve as dores, as angústias e o romantismo da inspiração que surge da evocação do passado e da percepção mítica com relação à pesca sobre as águas da Lagoa dos Patos; entre tantos outros elementos que não passam de manifestações tangíveis ou intangíveis das necessidades e interesses em comum que a partir de uma cultura produtiva particular se traduzem em diversidades culturais dentro do campo pesqueiro tradicional de captura e comercialização de pescados (FIGUEIRA, 2009: 45).

Mesmo que não tenhamos nos dias de hoje acervos de fotografias históricas da colônia Z3, sabemos do abrangente panorama cultural que identifica esta comunidade. Por intermédio da reconstituição da sua história, poderemos procurar registrar, com a utilização da linguagem fotográfica, estes elementos como forma de preservá-los como referência histórica para o futuro, pois imagens são como instrumentos de lembranças que nos auxiliam a recordar.

Sem o auxílio de imagens, o que efetivamente pôde servir como instrumento de lembrança foi a memória e as recordações das pessoas mais velhas da comunidade, que foram estimuladas a reconstituir o que ocorreu e do que não ocorreu na Z3. Evidenciando isso, o projeto RCMP realizou atividades com os alunos da escola Rafael Brusque, onde está instalado o Ponto de Cultura, com o objetivo de que os avôs dos alunos contassem suas histórias e estas histórias fossem registradas, como relatou a bolsista do Ponto de Cultura da Colônia Z3, conforme citamos a seguir.

(...) não tinha nenhum registro, nem escrito, nem foto, nem nada. Daí eu fiz vários projetos, em conjunto com os professores... para que os alunos trouxessem estórias dos pais, dos avos, que contavam em casa. Englobar todos os aspectos da colônia, a praia, a igreja. Eu lembro que a gente tem digitalizado textos deles, de como os avôs deles contavam que era a colônia Z3. Da formação de lá, da igreja, que primeiro foi de madeira... (SANTOS, 2010).

Portanto, foi através da oralidade que os mais velhos representantes da Colônia de Pescadores Z3 contribuíram para a reconstituição da memória da comunidade. Todavia, os resultados deste trabalho não puderam ser apresentados nesta dissertação pela falta de acesso aos acervos, de tal forma que acreditamos que futuros estudos possam seguir o trabalho feito por nós. Finalizando a etapa onde nos debruçamos sobre questões dos três Pontos de Cultura da RCMP, passamos à última parte deste terceiro capítulo, onde analisaremos o site do projeto.

3.3. O site da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RCMP

Neste sub-capítulo, realizaremos uma abordagem a respeito do site da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP). Na pesquisa feita no segundo capítulo desta dissertação, foram investigados alguns parâmetros da gestão de acervos físicos e digitais, depois, apresentados alguns critérios para a construção de bom site. Passamos pela discussão a respeito do tema arquivo digital e memória digital e da categorização dos centros de documentação no ciberespaço e chegamos até a pesquisa realizada em sete diferentes sites disponíveis na internet. Esta abordagem nos serve de base para que possamos apontar elementos potenciais e deficitários que compõem o site da RCMP³⁶. A seguir, na figura 38, podemos visualizar a página inicial do site da RCMP, disponível no endereço eletrônico <http://pontodecultura.ucpel.tche.br/>



Figura 38: Imagem da página inicial do site do projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas RCMP.

De cada um dos sete (7) sites pesquisados, extraímos alguns exemplos que servem para qualquer instituição que trabalha com acervos na internet, mas destinaremos ao site da RCMP tais exemplos. O site do Museu Imperial do Rio de

³⁶ Análise feita em diversos dias subseqüentes, com as configurações características até o dia 20 de agosto de 2010.

Janeiro, sob o endereço <http://www.museuimperial.gov.br> além de apresentar um acesso dinâmico ao acervo fotográfico digitalizado, apresenta ao internauta ou pesquisador, uma excelente ferramenta de zoom para melhor visualização dos acervos. Tal ferramenta é muito utilizada em sites dos mais variados e pode ser um importante instrumento na visualização dos acervos dos Pontos de Cultura. Ao identificarmos uma forte preocupação dos coordenadores da RCMP, com a questão dos direitos autorais das entidades envolvidas no projeto, que podemos constatar na citação a seguir, indicamos que o site da RCMP possa inserir alguma ferramenta de segurança aos acervos disponibilizados na internet, como o Museu Imperial tem em seu site.

Nós nunca disponibilizamos na internet, no site, porque nós temos uma grande preocupação com os direitos autorais, isso é o propósito maior, até porque é um trabalho imenso digitalizar imagem. (MARRONI, 2010).

Na tentativa de fazer o *download* de qualquer acervo fotográfico do site do Museu Imperial do Rio de Janeiro, o sistema de segurança acusa a impossibilidade da operação, fazendo com que tenhamos que utilizar a teca PrintScreen para registrar o conteúdo. Essa segurança pode resguardar o acervo de possíveis utilizações indevidas e concede qualidade ao site.

Em <http://www1.ci.uc.pt/cd25a>, encontramos o *site* do Centro de Documentação 25 de abril, da Universidade de Coimbra em Portugal. Nele, apesar de não encontrarmos uma única imagem do centro de documentação físico, o que no projeto RCMP é razoavelmente fácil, constatamos que no link *Oferta e Sugestões*, o internauta ou pesquisador tem a possibilidade de enviar documentos referentes ao projeto. Esta correspondência é feita de maneira bastante fácil, necessitando apenas que o remetente digite o seu nome e e-mail, podendo comentar o arquivo que está enviando. Esta ferramenta de fluxo de informações, sem dúvida nenhuma, aproxima a comunidade do projeto e poderia ter no site da RCMP. Ao identificarmos as características dos acervos do site do Centro de Documentação 25 de Abril, constatamos que as características das imagens de divulgação disponíveis no site da RCMP apresentam melhor qualidade no que diz respeito à resolução e também maior tamanho, o que ajuda a visualização do acervo.

O site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que podemos encontrar no endereço eletrônico <http://cpdoc.fgv.br/>, apresenta um número excepcional de profissionais envolvidos (67 ao total), que são titulados em diversas disciplinas de interesse do tema da documentação e da informação e seus temas transversais. Sabemos que, de acordo com o montante reduzido do financiamento do projeto RCMP, seria impossível ter metade do número e da qualidade dos profissionais envolvidos no CPDOC, mas seria interessante que a RCMP pudesse contar com o trabalho ou auxílio de profissionais de outras áreas do conhecimento, como das disciplinas da arquivologia, história, fotografia e museologia, além dos excelentes e competentes profissionais que participaram do projeto. Lembramos também, que o CPDOC utiliza o sistema informacional *Accessus*, que qualifica a consulta pública aos acervos da instituição, que a RCMP poderia implementar igualmente.

Em <http://bndigital.bn.br>, temos acesso ao site da Biblioteca Nacional brasileira. A facilidade em visualizar os diversos tópicos diretamente no menu principal, faz com que com apenas um cliques o internauta ou pesquisador possa, de forma rápida e eficiente, acessar ao conteúdos do site. Constatamos que o site da RCMP pode sem muito trabalho, apresentar todo o seu conteúdo no menu principal, sem aborrecer seus visitantes, com diversos cliques para conseguir chegar ao alvo da pesquisa. Os tópicos *Acervo Digital*, *Equipe*, e *Contato*, que estão presentes nos links: *Ponto Administrativo*, *Clube Cultural Fica Ahí*, *Banda Democrata*, e *Colônia Z3*, estão escondidos ao visualizarmos a página inicial, o que de forma inversa, poderia ser apresentado abaixo de cada um dos tópicos do menu principal, diferenciando-lhes apenas por outra cor de letra ou de fundo de letra. Esta retificação faria com que os visitantes chegassesem de forma mais rápida à informação desejada.

A instituição que gerencia e mantem os arquivos nacionais dos Estados Unidos, a *National Archives and Records Administration (NARA)*, pode ser encontrada no endereço <http://www.archives.gov>. Destacamos duas questões deste site. Primeiro, o fato de estar localizado em 37 instalações espalhadas por todo o país, provando que é possível manter estruturas geograficamente fragmentadas se a organização for razoavelmente conectada e criteriosamente coesa, igualmente ao que acontece com a RCMP, que articular três diferentes localidades. Por último, o

arquivo dos EUA, estabelece conexão com a sociedade por intermédio de 7 endereços de blogs, 21 perfis do Facebook, 1 perfil do Flickr, 7 perfis do twitter, 5 contas no youtube e outros canais menos importantes para nós aqui no Brasil, funcionando como estratégias eficazes de comunicação com a sociedade.

Em <http://www.museudapessoa.net>, podemos navegar no site do Museu da Pessoa, que é um Ponto de Cultura brasileiro, financiado pelo governo federal, assim como a Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RPCMP. No Site do Museu da Pessoa, qualquer um tem a possibilidade de relatar a sua própria história. E o estabelecimento de regras de uso do site e de seus conteúdos através do tópico Código de Conduta é o único instrumento jurídico utilizado na mediação entre museu e sociedade, fazendo com que haja efetivamente, a obtenção dos resultados do projeto que dizem respeito à democratização da informação e da cultura. No museu da pessoa, as informações são liberadas para usos específicos, como para trabalhos que não tem em seu propósito a obtenção de lucro, e sim, objetivam fins culturais, sociais, acadêmicos e educativos. Pode parecer pouco, apenas um instrumento jurídico sem assinaturas, mediar as relações entre sociedade e instituição, mas é exatamente o que o nosso tempo está a exigir: Instrumentos maleáveis, simples e acessíveis ao clique do mouse para um fluxo de informações vertiginoso e uma dinâmica de trocas generalizada.

Por último, destacamos aqui o site do Centro de Documentação e Memória CEDEM da UNESP, acessível no endereço eletrônico <http://www.cedem.unesp.br> A característica pedagógica das pesquisas do CEDEM e a produção de cadernos de divulgação dos acervos, são os exemplos mais importantes da pesquisa realizada neste site. O fato de o CEDEM elaborar instrumentos de pesquisa próprios, potencializa as pesquisas conferindo qualidade aos estudos, da mesma forma que a elaboração de cadernos temáticos para a divulgação dos conteúdos do seu acervo, faz com que os pesquisadores ou internautas possam ter acesso a mostras visuais do que consta nos seus arquivos. Estes exemplos mencionados aqui neste trabalho têm a finalidade de apresentar um panorama das principais características positivas de sites que tem por objetivo a gestão de acervos, bem como a sua divulgação, como forma de sugerir ao projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de

Pelotas – RCMP, o avanço do trabalho que é pioneiro na cidade é que merece todo o nosso respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar que a vida contemporânea é intensamente marcada pela tecnologia, mais ainda as produções contemporâneas na área da cultura, assim como a divulgação dos bens culturais e sua possível comercialização. São transformações que exigem readequações na técnica de produção e distribuição/circulação da cultura. Computadores, scanners, máquinas fotográficas, celulares e outros aparelhos são os instrumentos que abrem o caminho para a interação e o acesso à informação por intermédio de sites, blogs, perfis no Orkut, no Facebook e no Twitter, outros endereços eletrônico de e-mails, e internet por transmissão 3G, além de outros instrumentos que surgem a cada momento. Por isso é denominada como sendo a sociedade da informação e comunicação, expressão que designa a era da tecnologia da informação e comunicação, que, entre outros resultados, têm amplificado e acelerado o poder de comunicação na sociedade contemporânea.

É neste contexto que surge, em 2003, a política pública dos Pontos de Cultura no Brasil, na tentativa de aproximar a sociedade produtora de cultura dos novos meios tecnológicos, fitando principalmente aquelas pessoas que produzem cultura nos bairros periféricos das grandes cidades ou em regiões mais afastadas do centro de poder, mas sem deixar de lado as pessoas e entidades que já gozavam de uma boa gestão, pois “o único elemento comum a todos [os pontos de cultura] é o estúdio multimídia, que permite gravar músicas, produzir audiovisual e colocar toda a produção na internet” (TURINO, 2009:64). Este elemento que une os Pontos de Cultura já nos ressalta no sentido de reivindicar que a Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP) aja no sentido de utilizar a internet para promover a divulgação dos acervos digitalizados, entretanto, somos categóricos em afirmar a necessidade imediata de cumprimento de uma das metas do projeto: a

disponibilização de acervos no site do projeto, o que trataremos ao final destas considerações finais.

Antes disso, cabe ressaltar que se um dos procedimentos de fundamental importância na preservação de acervos físicos é a acomodação adequada, hoje, em tempos de cultura digital, a importância de procedimentos que assegurem a preservação do acervo digital é um dos novos desafios que se impõem. O designer brasileiro Chico Homem de Melo já declarou que na comunicação contemporânea nunca foi tão fácil produzir imagens, como igualmente nunca foi tão fácil de perdê-las (STOLARSKI, 2005: 10). Logo, se não organizamos de uma forma adequada os arquivos digitais, iremos redundar em uma possível perda dos acervos. Em visita aos Pontos de Cultura, podemos perceber que dentro da organização possível em um computador de mesa, os acervos digitalizados estão muito bem catalogados. Porém, sem dúvida alguma, falta um programa ou sistema de catalogação dos acervos para que os mesmos sejam encontrados de forma mais adequada.

De acordo com as informações dadas pela coordenação da RCMP, uma das grandes possibilidades que surgiram durante o projeto foi a de os acervos digitalizados servirem como subsídio material para novas abordagens e estudos no tema. Entretanto, não obtivemos êxito ao solicitar ao Ponto Administrativo da RCMP uma pequena amostra dos acervos digitalizados. De forma inversa, recebemos todos os acervos requisitados aos Pontos de Cultura, isto é, à Sociedade Banda União Democrata e ao Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo. Os acervos do Ponto de Cultura da Colônia de Pescadores da Z3 não puderam ser acessados por problemas técnicos, mas vale ressaltar que os membros deste último Ponto de Cultura tiveram todo o interesse em disponibilizar os seus acervos digitalizados como forma de divulgar a história da sua comunidade.

Conforme relatou Silva (2002: 78-80), com base em Walter Benjamin (1986: 169-170), a eficácia institucional passa a estar associada à disponibilização digital remota de acervos para um segmento mais amplo da sociedade, satisfazendo as necessidades e demandas próprias de uma era de conteúdos informacionais “binários”. Todavia, existe ainda uma incompreensão por parte de alguns segmentos da sociedade que não compreendem o momento atual de aprofundamento da utilização da internet como modo de promover o acesso à informação de forma

generalizada. Em outras palavras, estes espaços não estão preparados para receberem os pesquisadores, conforme observaram Mário Chagas e Regina Abreu (2003: 13). Isso nos faz constatar que esses espaços necessitam de uma melhor organização para funcionarem razoavelmente bem. A constatação de que a RCMP é um projeto pioneiro e que atingiu a maioria dos seus objetivos, não subtrai a necessidade de avançarem na questão da disponibilização de acervos, principalmente via internet.

Com base na pesquisa feita pela professora Simone Fernandes, do SESC da cidade de São Paulo, podemos concluir que, “difusão de acervos” é o resultado de três modalidades de acesso: físico, legal e intelectual. A compreensão e a interação dessas esferas do trabalho arquivístico levam à construção de um espaço pleno de consulta ao acervo. Essas definições nos levam a crer que o papel do profissional de arquivo é mediar entre a potencialidade de um acervo, as possibilidades técnicas de seu fazer e o interesse público pela informação (FERNANDES, 2009), e isso não se refere somente ao acervo físico, mas se amplia para o acervo digital.

Assim, constatamos que o procedimento de disponibilização dos acervos digitais através da internet não se apresentou como corrente no projeto da RCMP. O que vimos no site foi a apresentação de imagens e informações que visam informar sobre a dinâmica do projeto, como apresentações musicais da Banda Democrata, para utilizar um exemplo prático. É natural que no presente momento, no qual cada vez mais existe a interação entre as pessoas por intermédio da internet, haja a expectativa de que tal instrumento seja utilizado na divulgação de ações. Da mesma forma, ao solicitar aos coordenadores do projeto da RCMP ao menos dois exemplares de documentos digitalizados a partir do acervo de cada Ponto de Cultura participante do projeto, com o propósito de ilustrar a presente dissertação, o pedido foi indeferido, sob o argumento de que isto poderia ferir os direitos autorais dos representantes dos Pontos de Cultura. Por outro lado, ao perguntar aos representantes dos Pontos de Cultura se haveria algum problema em colocar parte do acervo com o objetivo de produzir material que contribuísse para o reconhecimento do projeto, a resposta obtida foi positiva. Com isso, muitas das imagens que ilustram esta dissertação e ajudam a entender melhor cada Ponto de Cultura foram disponibilizadas pelos próprios Pontos de Cultura, em função da

negativa da coordenação do Ponto Administrativo da RCMP, ou seja, justamente quem concebeu e desenvolveu o projeto, que tinha como uma de suas premissas a ampla divulgação, através da internet, da história e dos acervos das instituições representativas da cultura popular que foram objeto daquele projeto.

Conforme constataram Lemos e Cunha (2003: 14 e 15), a passagem do PC (computador pessoal) ao CC (computador conectado) traz novas consequências para as relações sociais, bem como para as modalidades de comércio, entretenimento, trabalho, educação. Com isso, vivemos a conexão generalizada e, em consequência, a internet é o instrumento mais adequado para a divulgação de bens culturais digitais, a exemplo dos acervos digitalizados pela Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas (RPCMP). Como demonstram experiências ocorridas em eras passadas, a mera negação dos novos instrumentos tecnológicos acarreta em perdas significativas na tentativa de se obter objetivos decorrentes das exigências do momento. Entretanto, é imperioso que a razão desenvolva um senso crítico em relação às consequências do uso de novas tecnologias, que nunca são neutras, como bem evidencia o caso da bomba atômica.

Não obstante, a internet está cada vez mais presente na vida de todos nós, conforme indica a estatística resultante da pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil intitulada “TIC domicílio e usuários”³⁷, na qual o tema “uso da internet” aponta que, em 2009, 49% do total da população brasileira já acessou a internet, num crescimento significativo perante os 32% que utilizava a internet em 2005. Constatamos que há um crescimento no uso da internet pela sociedade.

Todavia, a insuficiente virtualização na internet de acervos digitais por parte da RCMP não merece ser qualificada como uma deficiência ou como uma ação não efetuada, e sim como uma possibilidade de ampliação das ações do projeto a partir da sua prática. Nas palavras do filósofo alemão Karl Marx, “não basta que o pensamento procure a realização, é preciso ainda que a realidade procure o pensamento” (MARX, 1859: 65), ou seja, é preciso que se faça a ação para que dela se possam recolher os ensinamentos oriundos da prática. Desta forma, a ação de digitalização de imagens propicia que os acervos digitais da RCMP estejam

³⁷ Site da pesquisa disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2009/index.htm>>

preparados para a criação de uma espécie de galeria virtual, facilitando desta forma o acesso dos diversos públicos aos conteúdos e às representações dos acervos do projeto e das instituições envolvidas. Para encerrarmos estas considerações finais, afirmamos que uma das nossas constatações é que os acervos digitalizados pelo projeto em análise são potenciais acervos ciberméticos, mesmo sabendo das dificuldades em estabelecer uma relação legal devido à flexibilidade da internet. Levando em consideração a premissa do discurso sobre os direitos autorais referentes às instituições detentoras dos acervos físicos, uma radicalização na potencialidade do projeto seria alcançada se os arquivos digitalizados estivessem disponíveis no site do projeto RCMP, bastando para isto apenas que os seus responsáveis solicitassesem que as direções das instituições envolvidas autorizassem, mediante o instrumento legal adequado, que tais acervos fossem amplamente divulgados através da rede mundial de computadores.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- AMADEU, Sergio da Silveira. **Inclusão digital, software livre e globalização contra-hegemônica**. Disponível em: <<http://www.meulugar.org.br/>> Acesso em: 2007.
- Archivo Municipal de Barcelona. **Carta de Servicios**. Disponível em: <http://w3.bcn.es/arxiu/0,4022,240827346_241271014_2,00.html>. Acessado em: 17 out. 2010.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógios d'água. 1981
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reproducibilidade Técnica, In: **Magia e técnica, arte e política**; Ensaios sobre literatura e história da cultura; Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1986. v.1, p. 165-196.
- BERGSON, Henri. **Materia e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BERNARDI, Graziela. **“A música para mim é vida”: amadorismo e profissionalismo na formação de identidade de músicos da Banda Sociedade Musical União Democrata (Pelotas, RS)**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas: 2008.
- BETEMPS, Leandro Ramos; VIEIRA, Margareth Acosta. **Turismo Pela História da Colonização do Sul: O Caso das Colônias Francesa e Municipal de Pelotas/RS**. Revista Eletrônica de Turismo Cultural. V. 2, nº 2, 2008. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/Retc04_arquivos/LeandroMargareth_ColFrancesas.pdf> Acessado em 09 ago. 2010.
- CARRERAS MONFORT, César. FERRAN FERRER, Núria. **Preserving memories on-line: the exhibition memories of our childhood and the catalan immigration history museum**. Disponível em: <http://www.ichim.org/ichim04/contenu/PDF/0049_CarrerasFerran.pdf> Acesso em: 13 set. 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. El Impacto de la Globalización Sobre la Estrutura Espacial y Social de las Ciudades. In: **Local y Global – la gestión en las ciudades en la era de la información**. Madri:Taurus, 1997.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 1.ed. São Paulo: Editora Estação Liberdade LTDA, 2001.
- CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos. **Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital: Preservar para Garantir o Acesso**. CONAR, s/d

Disponível em:
<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/cartapreservpatrimarq/digitalconarq2004.pdf>. Acessado em: 16 out. 2010.

Recomendações para Digitalização de Documentos Arquivísticos Permanentes. CONARQ, 2010.

CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital.** Disponível em:
http://siarq02.siarq.unicamp.br/cpba/pdf_cadtec/52.pdf. Acesso em: 28 set. 2007.

DALTON, Christopher. ALLBEURY, Matt. **The ELEMENT Project: Optimizing the process of distributing data from the cultural heritage sphere into the public domain via the cooperative development of a common data interchange network.** Disponível em:

http://www.ichim.org/ichim04/contenu/liste_intervenants.html Acesso em: 14 set. 2007.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

A lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DODEBEI, Vera. **Patrimônio Digital: Foco e fragmento no movimento conceitual.** Comunicação do VI CINFORM. Bahia: 2005. 11p. Disponível em www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/VeraDodebei.pdf Acessado em 4 mar. 2010

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. **Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer.** artigo da Revista de Ciência da Informação *DataGramZero*, volume 9, número 5: 2008. Disponível em: http://dgz.org.br/out08/Art_02.htm Acessado em 2 jan. 2010.

DUARTE, E. B. **Televisão: ensaios metodológicos.** Col. Estudos sobre o audiovisual. Porto Alegre: Sulina, 2004.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

FAGUNDES, Leonildes Pessoa; VIANA, Lívia Fernanda Nery da Silva. GT 12 – Educação e Políticas de Inclusão Social. In **Construindo a igualdade da etnia negra da sala de aula.** Disponível em:
http://www.ufpi.br/mesteduc/eventos/iiiencontro/gt12/construindo_igualdade.pdf Acessado em 14 jun. 2010.

FAWAZ, André. **Réalité Virtuelle et Gestion Technique.** Disponível em:
<http://www.ichim.org/ichim05/jahia/Jahia/lang/de/pid/640.html> Acesso em: 11 set. 2007.

FERNANDES, Simone Silva. **Difusão da Informação em Centros de Documentação e Memória: construção de um espaço de mediação entre acervo e público.** São Paulo: SESC Memórias, 2009. Palestra e apresentação de slides disponível em:
<http://www.tvaovivo.net/sescsp/sescmemorias/default092009.aspx> Acessado em 03 de jun. 2010.

FERREIRA, Juca. **Discursos do Ministro da Cultura Gilberto Gil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2008. Disponível: <<http://www.cultura.gov.br/site/categoria/o-dia-a-dia-da-cultura/discursos/>> Acessado em: 1 jun. 2010.

FIGUEIRA, Michel Constantino. **Colônia de Pescadores Z3, Pelotas – RS: da crise na pesca a expansão do turismo com base no patrimônio cultural**. Pelotas: UFPel, 2009.(Monografia).

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Minc-IPHAN, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRIINI, Sandra de Cássia A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acessado em 15 out. 2010.

GARCÍA BLANCO, A. **La exposición. Um médio de comunicación**. Madrid: Akal, 1994.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Gêneses, 2003.

GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana. **Os Clubes Carnavalescos Negros de Pelotas/RS**. 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007. Disponível em: <<http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/37.37.pdf>> Acessado em 09 ago. 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Ministério da Cultura – IPHAN, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1968.

HOBSBAWN, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LEMOS, André; PALÁCIOS, Marco. **Janelas do Ciberespaço: comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na vida contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LESSIG, Lawrence. **Cultura Livre: Como a Grande Mídia Usa a Tecnologia e a Lei Para Bloquear a Cultura e Controlar a Criatividade**. São Paulo: Trama, 2005.

LÈVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 3ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

_____. Pierre (1999). **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **Ciberdemocracia.** Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LIMA, Giselda Maria Marques. **Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo: 85 anos proporcionando lazer e cultura.** Pelotas: Histórico do Clube Fica Ahí, disponível no Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo, 1999.

LISBOA, Pablo. **Telecentro de Inclusão digital da ATES de Pelotas: Inclusão digital como Inclusão Social.** Disponível em: <<http://pablolisboa-culturalivre-teoria.blogspot.com>>. Acesso em: 4 jul. 2007.

MAFFESOLI, Michel. **Conhecimento comum, O: introdução à sociologia compreensiva.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

MARX, Karl. **Introdução à contribuição para a crítica da economia política.** 1859. disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/contcriteconpoli/introducao.htm>>. Acessado em 15 out. 2007.

MICHELON, F. F; LIMA, Aline Mendes. Fotografias de Mulheres Negras na Década de 20: Acervos Fotográficos Históricos em Pelotas/RS/Brasil. In: **Segundas Jornadas sobre fotografía.** Montevideo, 2006. Disponível em: <<http://www.montevideo.gub.uy/fotografia/actividades/jornadas/segundas/materiales/ferreira.pdf>> Acessado em 14 jun. 2010.

MINIWATS MARKETING GROUP, 2009. **Internet World Stats.** Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com>> Acesso em 10 mai. 2010.

MONFORT, César Carreras y CABRILLANA, Glòria Munilla com colaboración de Cristina Barragán Yebra y Núria Ferran Ferrer. **Patrimonio Digital: Um nuevo medio al servicio de las instituciones culturales.** Barcelona: Editora UOC, 2005.

MUSTARDO, Peter; KENNEDY, Nora. **Preservação de fotografias: métodos básicos de salvaguardar suas coleções.** Disponível em: <http://siarq02.siarq.unicamp.br/cpba/pdf_cadtec/39.pdf>. Acesso em: 30 set. 2007.

NOBRE, David. **Disquete (IBM).** Disponível em: <<http://pt.wikilingue.com/es/Disquete>>. Acessado em 15 out. 2010.

OLIVEIRA SILVA, Lídia. A internet – **A geração de um novo espaço antropológico.** p. 152-172. In. LEMOS, André e PÁLACIOS, Marcos. Janelas do Ciberespaço. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.

PELEGRIINI, Sandra & FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial.** São Paulo: Editora Brasiliense. 2008.

PROFES, Marcos Berwanger. **A Memória Coletiva e o Ciberespaço na Era do Conhecimento.** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/32096/1/A-Memoria-Coletiva-e-o-Ciberespaço-na-Era-do-Conhecimento/pagina1.html>> Acesso em 20 jan. 2010.

PRZEWORSKI, Adam; CHEIBUB, José Antônio; LIMONGI, Fernando. Democracia e Cultura: uma visão não culturalista. **Lua Nova**, n.58, p.09-36, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais.** E Compós, v. 2, 2005. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/lmc/PDFs/redes_sociais.pdf> Acessado em 09 ago. 2010.

RUDIGER, Francisco. **Introdução às Teorias da Cibercultura.** 2ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RUDIGER, Francisco. **Confronto com o pensamento da cibercultura: utopia, catastrofismo e teoria crítica na interpretação da cultura tecnológica contemporânea.** Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4755/1/NP8RUDIGER.pdf>> Acesso em: 29 set. 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social.** São Paulo: ANNABLUME, 2003.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. **Gestão de documentos eletrônicos.** Brasília: ANARQ, 2005.

SANTOS, Vanderlei Batista dos; INARELLI, Humberto Celeste e SOUZA, Renato Tarcisio Barbosa da (orgs). **Arquivística: temas contemporâneos.** Brasília: SENAC, 2007.

SANTIAGO, Rodrigo Peronti. **Memória e patrimônio cultural em ambientes virtuais.** São Carlos: Dissertação de Mestrado Domínio Público, 2007.

SARAIWA, Douglas Rodrigues; SANGUINÉ JÚNIOR, Jairo. **Jornalismo Comunitário na Colônia Z-3, em Pelotas - RS.** Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Blumenau – 28 a 30 de maio de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/expocom/EX16-1174-1.pdf>> Acessado em 08 ago. 2010.

SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sérgio. **Cultura Digital.br.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2009. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2009/09/cultura-digital-br.pdf>> Acesso em: 10 de fev. 2010.

SILVA, Fernanda Oliveira da; BEM, Emmanuel; COELHO, Nadia; LIMA, Aline Mendes; MARCELLO, Juliana Cabistany; MEGGIATO, Caroline; POMATTI, Angela; SEGUNDO, Mario; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório; LONER, Beatriz Ana. **Dicionário de História de Pelotas.** XV Congresso de Iniciação Científica e VIII Encontro de Pós-graduação, 2006. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/xv_cic_fernanda.pdf> Acessado em 09 ago. 2010.

SILVA, Rubens R. G. da. **Digitalização de acervos fotográficos públicos e seus reflexos institucionais e sociais: tecnologia e consciência no universo digital**, Ano de Obtenção: 2002. Disponível em: <<http://biblioteca.ibict.br/phl8/anexos/rubenssilva52002.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2009.

STANGL, Andre. **Pontos de Cultura – por uma política cultural mestiça, digital, tropicalista e global**. 2010. Disponível em: <<http://andrestangl.wordpress.com/2010/07/12/pontos-de-cultura/>> Acessado em 18 jun. 2010.

STOLARSKI, André. **Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil: depoimentos sobre o design visual brasileiro**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

TURINO, Célio. **Ponto de cultura: o Brasil de baixo para cima**. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2009. Disponível em: <<http://celioturino.com.br/loja/ponto-cultura.pdf>> Acessado em: 07 ago. 2010.

VARGAS, Jussanete da Costa. **MÃOS REGENDO SONS, FORMANDO VIDAS: O Exercício da Educação Musical do Professor e Maestro Norberto Nogueira Soares em Pelotas (1940 -1970)**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, UFPEL. Pelotas, 2006.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Editora 34, 1996.

ANEXOS

ANEXO I

Citação dos discursos ministeriais da cultura

Gilberto Gil, na solenidade onde posse do cargo de Ministro da Cultura. (BRASÍLIA, 2 DE JANEIRO DE 2003) Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2003/01/02/disco...>> Acessado em 14 jul. 2010.

Ministro da Cultura, Gilberto Gil, sobre o Programa Nacional Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva, durante encontro com artistas em Berlim (BERLIM, ALEMANHA, 2 DE SETEMBRO DE 2004) Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2004/09/02/ministro-da-cultura-gilberto-gil-sobre-o-programa-nacional-cultura-educacao-e-cidadania-cultura-viva-durante-encontro-com-artistas-em-berlim/>> Acessado em 10 jul. 2010.

Discurso do ministro Gilberto Gil no debate As Implicações Sociais das Revoluções Digitais (PORTO ALEGRE, 29 DE JANEIRO DE 2005) Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2005/01/29/disco...>> Acessado em 20 jul. 2010.

Discurso do ministro Gilberto Gil durante a visita ao Ponto de Cultura Barão de Mauá (RIO DE JANEIRO, 22 DE AGOSTO DE 2005) Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2005/08/22/disco...>> Acessado em 20 jul. 2010.

Discurso do ministro Gilberto Gil na entrega do Prêmio Cultura Viva (RIO DE JANEIRO, 6 DE JUNHO DE 2006) Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2006/06/06/disco...>> Acessado em 20 jul. 2010.

Discurso do ministro Gilberto Gil no lançamento da 2ª Edição do Prêmio Cultura Viva (PORTO ALEGRE, 18 DE ABRIL DE 2007) Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/04/18/disco...>> Acessado em 20 jul. 2010.

Discurso do ministro da Cultura, Gilberto Gil, no Seminário Internacional 'Criatividade e Inovação na Cultura Digital', na Universidade de Sevilha (SEVILHA, 29 DE MAIO DE 2007) Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/05/29/disco...>> Acessado em 20 jul. 2010.

Discurso do ministro Gilberto Gil na cerimônia de lançamento da TEIA 2007 (BELO HORIZONTE, 28 DE AGOSTO DE 2007) Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/08/28/disco...>> Acessado em 20 jul. 2010.

Pronunciamento do ministro da Cultura, Gilberto Gil, no painel sobre Diversidade durante o II Fórum de Governança da Internet (RIO DE JANEIRO, 13 DE NOVEMBRO DE 2007) Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/11/13/pronunciamento-do-ministro-da-cultura-gilberto-gil-no-painel-sobre-diversidade-durante-o-ii-forum-de-governanca-da-internet>> Acessado em 20 jul. 2010.

Pronunciamento do ministro Gilberto Gil na abertura oficial do II Fórum de Governança da Internet (RIO DE JANEIRO, 12 DE NOVEMBRO DE 2007) Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/11/11/pronunciamento-do-ministro-gilberto-gil-na-abertura-oficial-do-ii-forum-de-governanca-da-internet>> Acessado em 20 jul. 2010.

Discurso do ministro da Cultura, Gilberto Gil, em seminário sobre experiências acerca do tema Cultura Digital (SÃO FRANCISCO/CALIFÓRNIA, 14 DE DEZEMBRO DE 2007) Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/12/14/discurso-do-ministro-da-cultura-gilberto-gil-em-seminario-sobre-o-tema-cultura-digital-em-sao-francisco-california>> Acessado em 20 jul. 2010

ANEXO II

Sites pesquisados, referentes ao capítulo II

SITE 1: Museu Imperial do Rio de Janeiro

<http://www.museuimperial.gov.br>

SITE 2: Centro de Documentação 25 de abril de Coimbra - Portugal .

<http://www1.ci.uc.pt/cd25a/>

SITE 3: Fundação Getúlio Vargas

<http://www.fgv.br/cpdoc>

SITE 4: Biblioteca Nacional

<http://bndigital.bn.br>

SITE 5: Arquivo Nacional dos Estados Unidos

<http://www.archives.gov>

SITE 6: Museu da Pessoa

<http://www.museudapessoa.net>

SITE 7: Centro de Documentação e Memória da UNESP

<http://www.cedem.unesp.br>

SITE 1

Museu Imperial do Rio de Janeiro em (28/06/2010)

<http://www.museuimperial.gov.br>



Página inicial)



2)



3)



4)



5)



6)

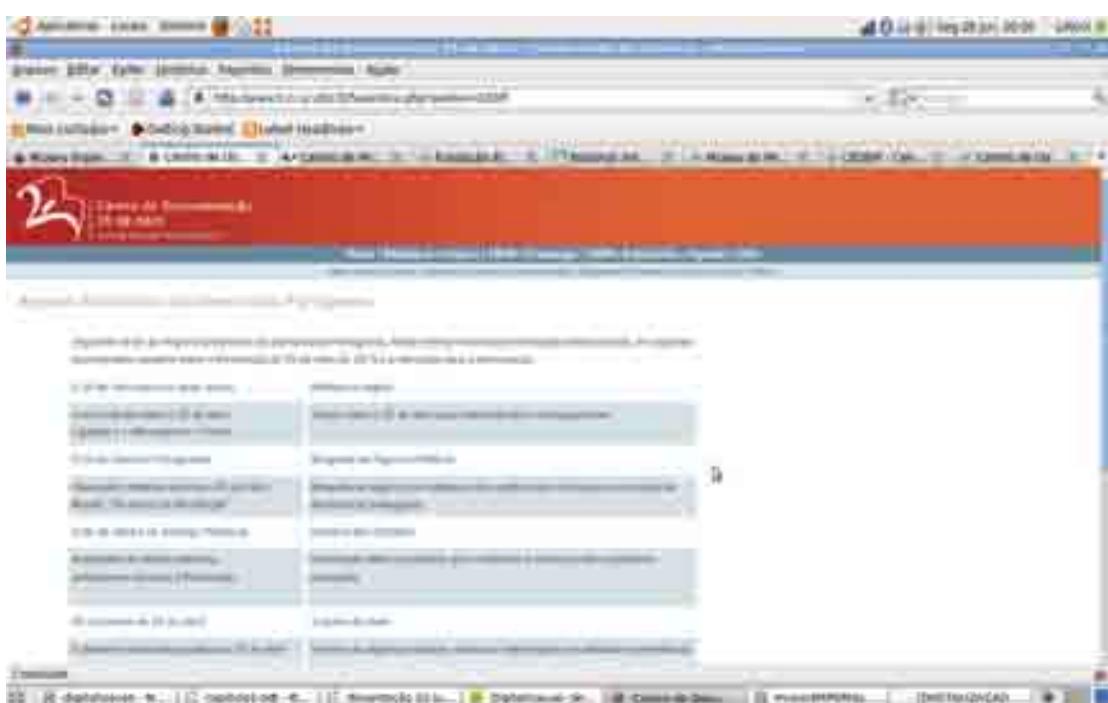
SITE 2

Centro de Documentação 25 de abril de Coimbra - Portugal em (28/06/2010)

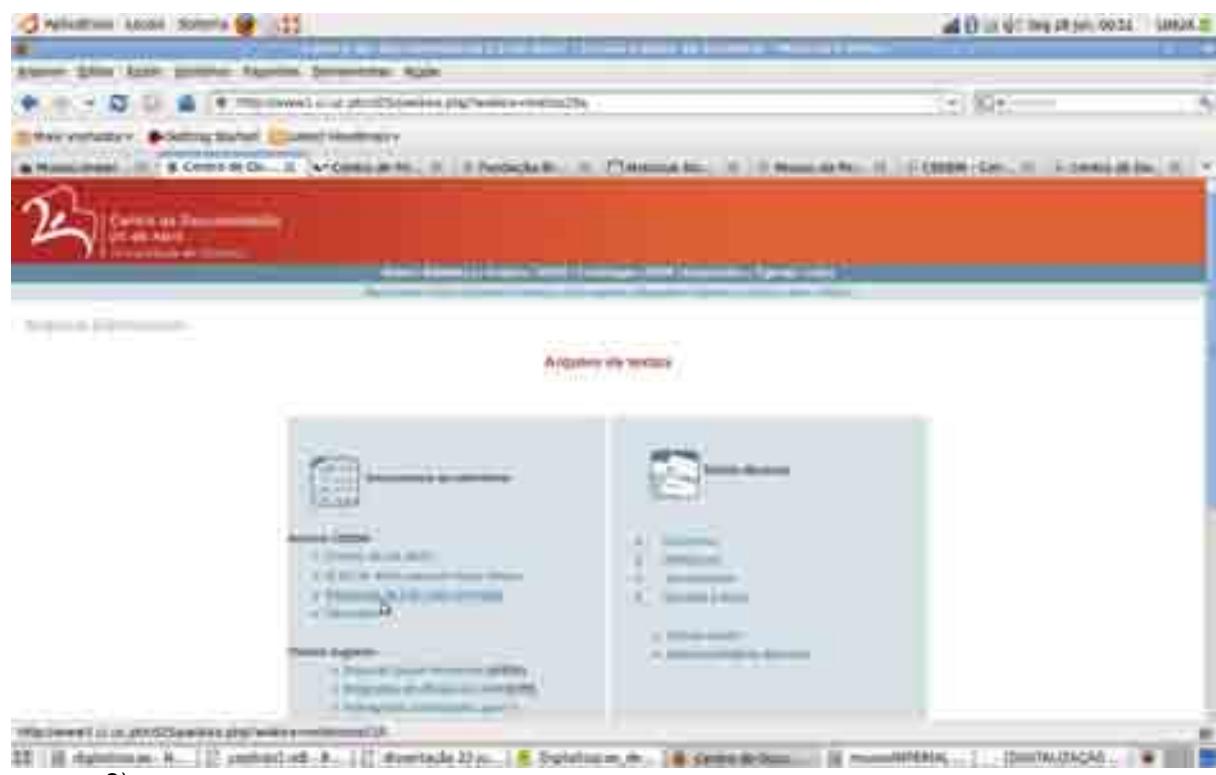
<http://www1.ci.uc.pt/cd25a>



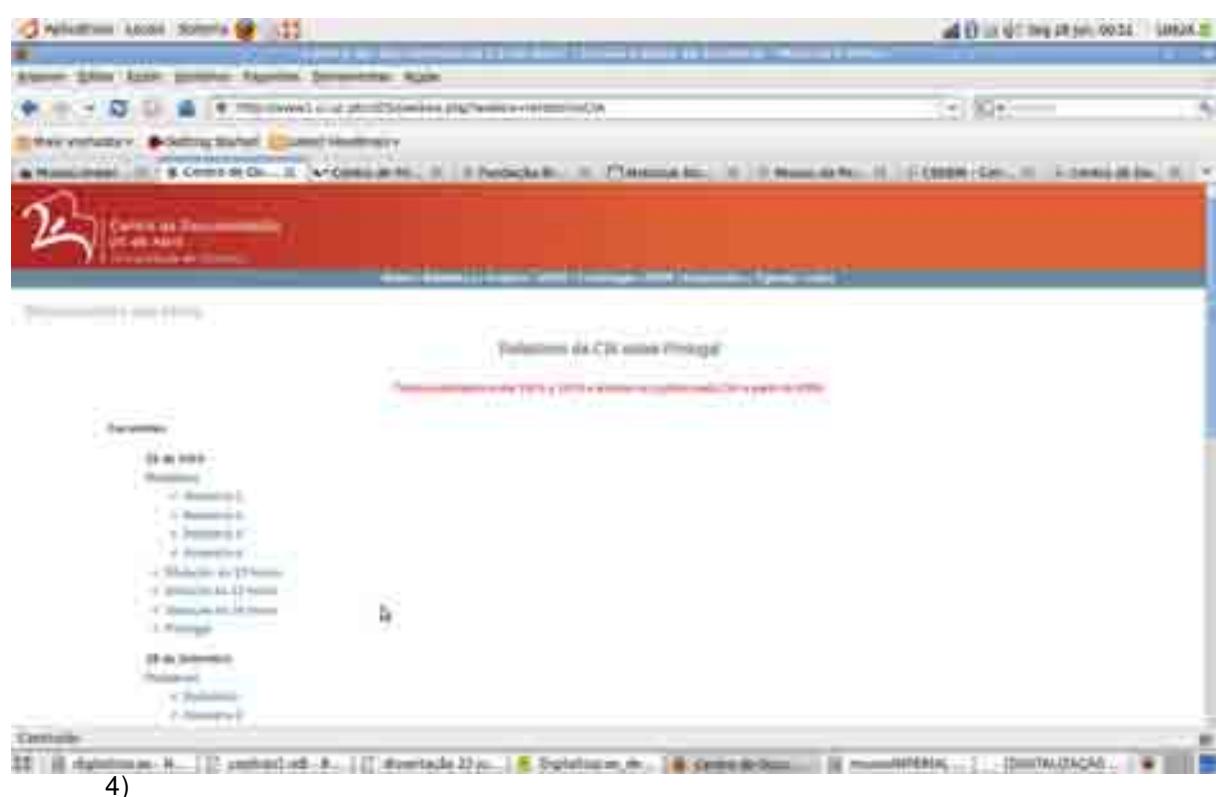
Página inicial)



2)



3)



4)

5)

A screenshot of a Microsoft Word document. The document has a red header bar with the text 'CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY' and 'CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY' in bold. Below the header, the word 'SENSITIVE' is printed in large, bold, capital letters. The rest of the document is heavily redacted with black bars. The file path 'C:\Users\...\\2010-01-01-000000.doc' is visible in the top left corner of the document window.

6)

7)

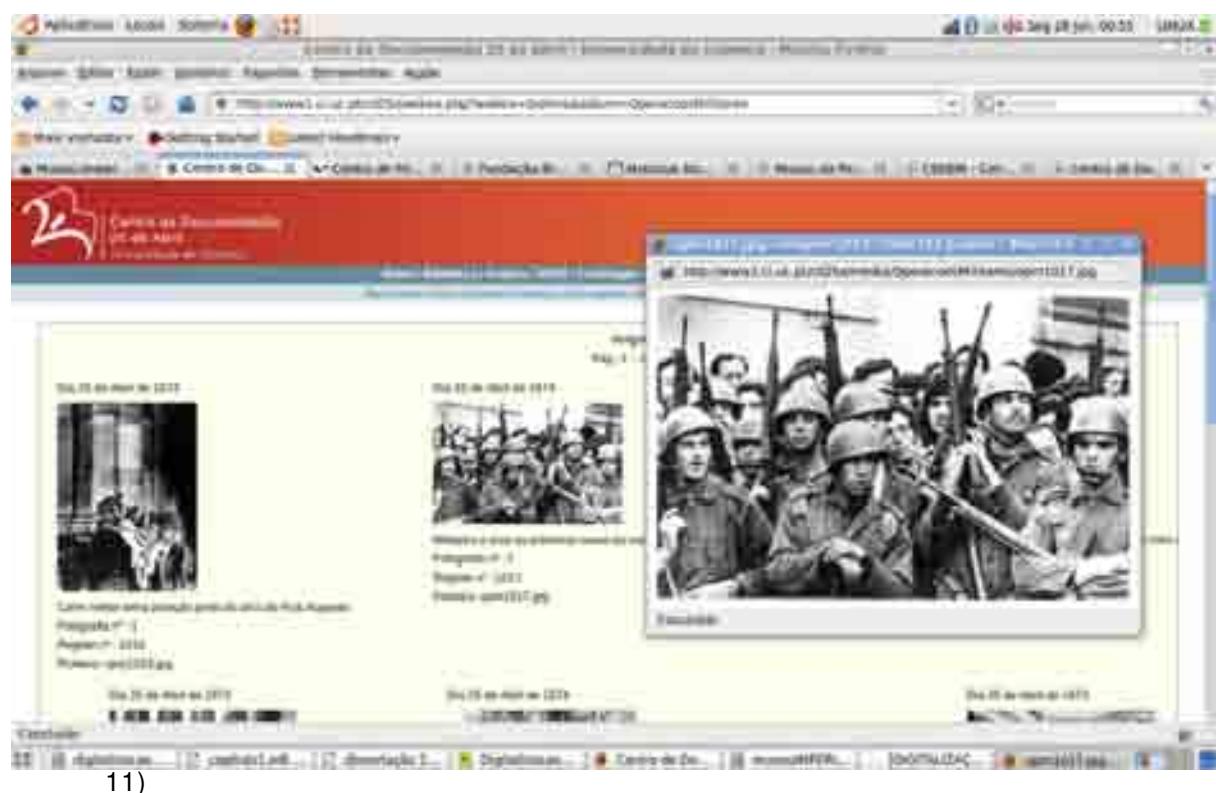
8)



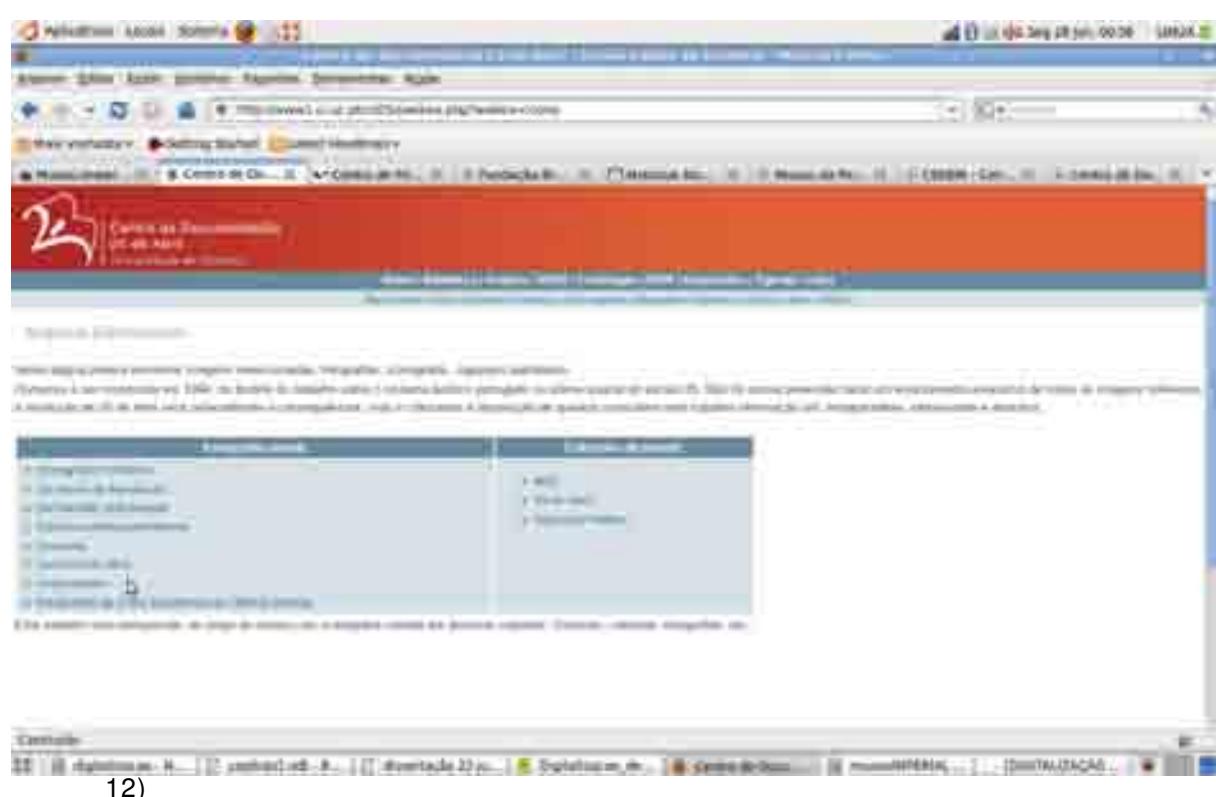
9)



10)



11)



12)



13)



14)



15)



16)

SITE 3

Fundação Getúlio Vargas em (28/06/2010)

<http://cpdoc.fgv.br/>

Página Inicial)

2)



3)



4)



5)



6)



7)



8)



9)

1 - Audit Camarçoz - Fotografias individuais	2 - Portfólio de Atividades Históricas da revolução constitucionalista	3 - MÚNICOS PERIODÍCO
4 - Fotografia de grupo comunitário indígena	5 - Autonomia	6 - Autonomia
7 - Fotografia de um apóstolo para a vila virtual sem falar	8 - Autonomia	9 - Autonomia
10 - Resultados em Brasil, a essa 26; fotografias, cinema, vídeo, anamorfografia constitucionalista	11 - LUMINOFOTOGRÁFICO	12 - LUMINOFOTOGRÁFICO
12 - Fotografias Diversas.	13 - Autonomia	14 - Autonomia
13 - Resultados em Brasil, a essa 26; fotografias, cinema, vídeo, anamorfografia constitucionalista	15 - Autonomia	16 - Autonomia
14 - Correspondência com Cleonice Manoel, ministro da Educação e Saúde, exaltando e expandindo publicações, discussões e fotografias.	17 - Autonomia	18 - Autonomia
15 - Comitê de Pará e outros países para fotografia ao todo de um círculo.	19 - Autonomia	20 - Autonomia
16 - Francisco Neves e outros por questão da expressão da fotografia no desenvolvimento Legislativo de Minas Gerais.	21 - Autonomia	22 - Autonomia
17 - Fotografia feita para Comissão de Ocupação que visitou a prisão política na Rua das Cobras.	23 - Autonomia	24 - Autonomia
18 - Comitê de Pará e outros países da Escola Militar para fotografia para a sua sede.	25 - LUMINOFOTOGRÁFICO	26 - Autonomia
19 - Múltiplos de fotografias aéreas	27 - LUMINOFOTOGRÁFICO	28 - Autonomia

10)



11)



12)



13)



14)

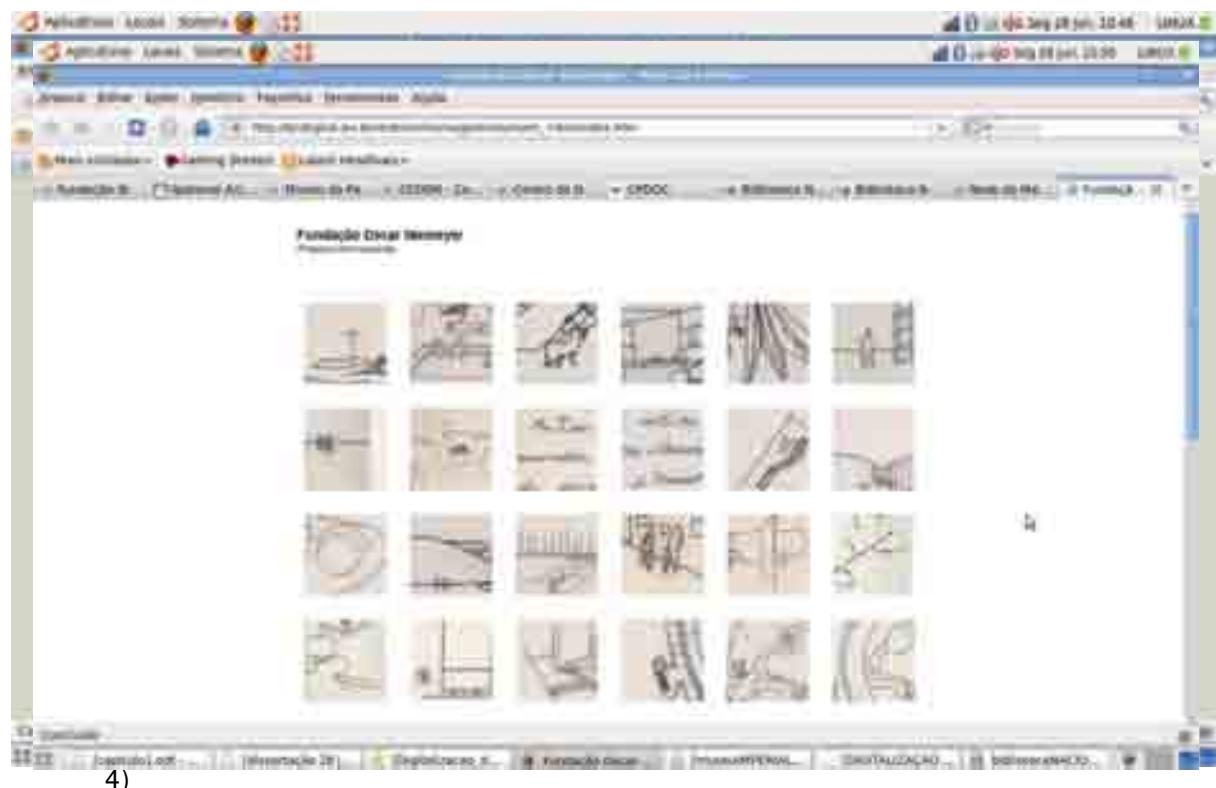


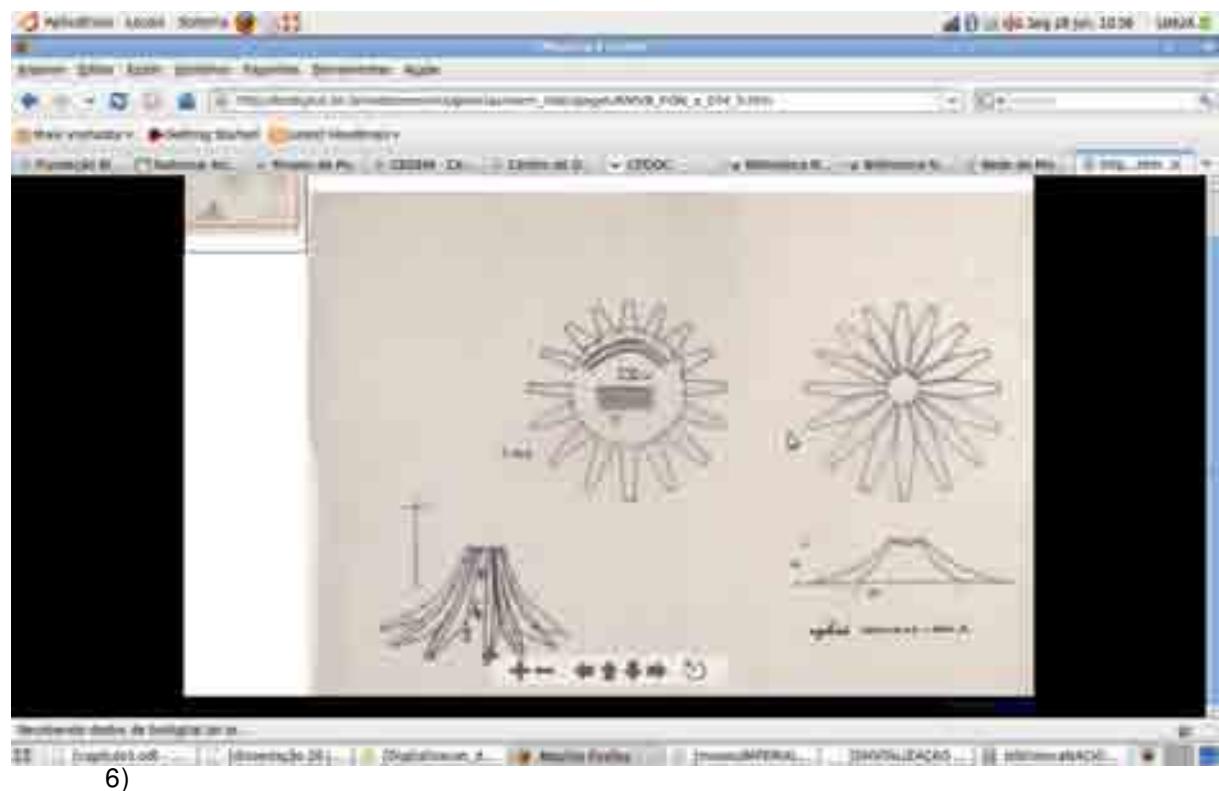
SITE 4

<http://www.bn.br>









6)



7)



8)



9)

SITE 5

Arquivo Nacional dos Estados Unidos (28/06/2010)

<http://www.archives.gov>



Página Inicial)



2)



3)



4)

SITE 6

Museu da Pessoa em (28/06/2010)

<http://www.museudapessoa.net>

Página inicial)



2)



3)



4)

SITE 7

Centro de Documentação e Memória da UNESP em (29/06/2010)

<http://www.cedem.unesp.br>



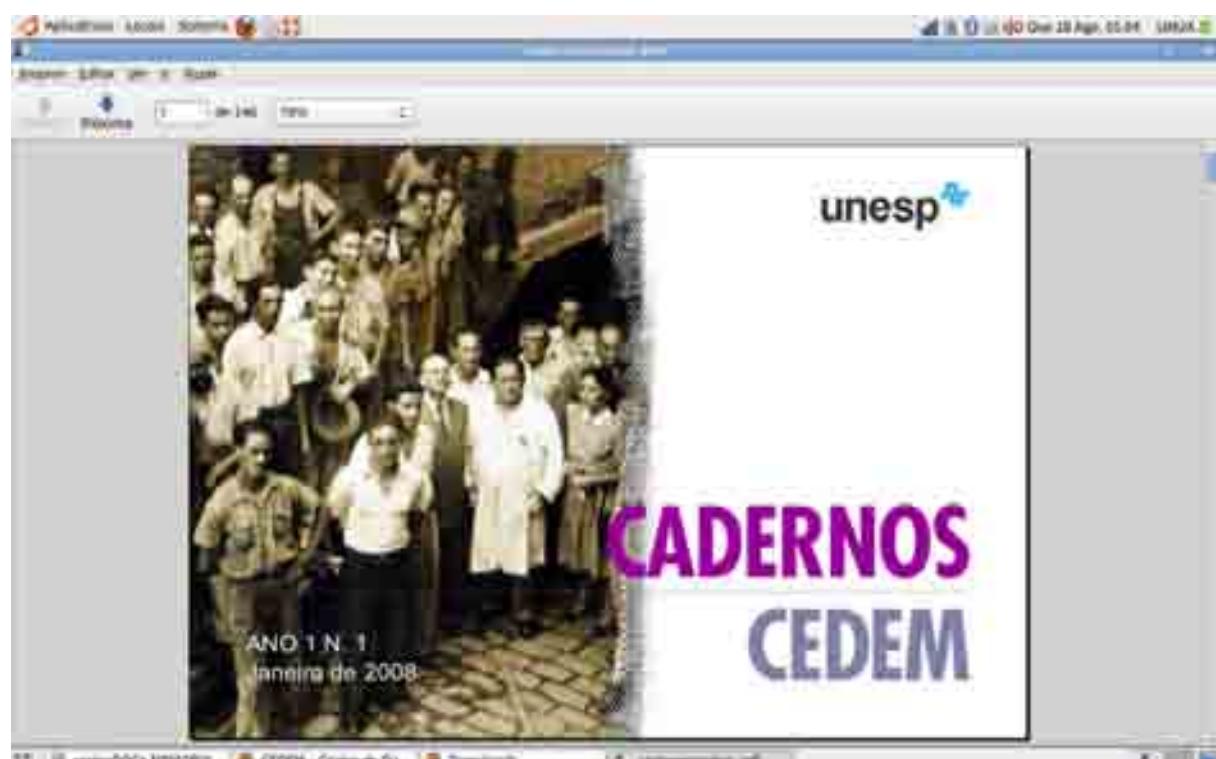
Página Inicial)



2)



3)



4)

SITE 8

Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas em (06/06/2010)

<http://pontodecultura.ucpel.tche.br/>



Página Inicial)



2)



3)



4)



5)



6)



7)



g)



9)



10)

ANEXO III

Entrevistas com os participantes da RPCMP

ENTREVISTA 01: Ponto Administrativo (Rua Félix da Cunha, nº 412 - Sala 220, do 4º Andar, do Campus I da Universidade Católica de Pelotas) Entrevistados: Fabiane Marroni; Daniel Botelho.

ENTREVISTA 02: Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo (Rua Marechal Deodoro, nº) Entrevistado: Marcela Ávila

ENTREVISTA 03: Ponto de Cultura da Colônia de Pescadores da Z3 (Escola Raphael Brusque) Entrevistado: Leoni Braga Ferreira; Mariluci

ENTREVISTA 04: Ponto de Cultura da Colônia de Pescadores da Z3 (Escola Raphael Brusque) Entrevistado: Ana Paula da Silva Santos

ENTREVISTA 05: Ponto de Cultura da Banda União Democrata (Major Cícero, 401) Entrevistado: José Farias

ENTREVISTA 06: Ponto de Cultura da Banda União Democrata (Major Cícero, 401) Entrevistado: Marilí Farias

ENTREVISTA 01

ENTREVISTADO: José Farias (Presidente da Banda União Democrata, um dos Pontos de Cultura do projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas - RCMP).

DATA: Dia 26 de março de 2009 (quinta-feira)

LOCAL: Sede social da Banda União Democrata, Ponto pertencente ao projeto da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RCMP (Rua Major Cícero, nº 401)

ENTREVISTADOR: Pablo Fabião Lisboa

ASSUNTO: Dissertação do mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas intitulada “Digitalização e Virtualização de Acervos na Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas”

DURAÇÃO: 09:45:36 (horas/minutos/segundos)

FORMATO: Gravado no GE-AVR (gravador K7); digitado em sistema linux, no programa BrOffice.org

CORPO

PABLO> Quais as tarefas que o Senhor cumpre aqui na União Democrata?

JOSÉ> Boa Tarde. Eu sou o atual presidente da Banda União Democrata, mas faço todo o tipo de serviço. Ajudo o maestro, carrego as pastas. Agente é um batalhador.

PABLO> Desde quando o Sr. Desenvolve a função e como chegou até a presidência?

JOSÉ> Eu estou aqui desde 2000. Na presidência cheguei em 2006. Porque aqui são os músicos que votam. São os músicos que escolhem. Tem uma eleição, tem estatuto, tudo registrado em cartório, no Rocha Britto. São os músicos que escolhem a diretoria.

PABLO> E qual a relação que o Sr. Tem com este projeto dos pontos de cultura? Como funciona?

JOSÉ> Se estendeu uma rede. Somos nós da Banda União Democrata, o Fica Ahí e a Colônia Z-3, que pertencem ao Ponto de Cultura da Católica (Universidade) que eu acho que é ligado ao ministério da cultura.

PABLO> Qual a tarefa que vocês desempenham dentro deste projeto?

JOSÉ> Aqui o forte da sociedade é aula de música. Estas aulas não são pagas, são para pessoas carentes. No ano passado (2008) nós fechamos com 29 alunos lendo música de graça. Destes 29, 13 alunos são de uma igreja evangélica, que formaram uma banda e agente também é padrinho desta igreja.

PABLO> E com relação aquela parte que fica ali? Os acervos, as fotografias, as documentações? Alí onde tem o computador e as cadeiras junto com a mesa. Que tipo de trabalho é desenvolvido ali?

JOSÉ> São uns 800 índices que tem ali e que está tudo digitalizado, porque a história da banda é muito linda. É que as pessoas não valorizavam o que tinham. Hoje em dia as pessoas vão... Para ter uma idéia, Juscelino Kubitschek, o Presidente, quando veio a primeira vez a Pelotas ele foi recebido pela banda. Tem uma assinatura dele. O livro de visita está assinado por ele e as pessoas não valorizam isso aí. 70% dos músicos pelotenses aprenderam aqui. Isso está na história, tá no livro, então estas coisa que eu estou te contando, não é eu que estou dizendo, que eu inventei! Está assinadinho nos livrinhos aí.

PABLO> E ali dentro destes arquivos está registrado isto com foto?

JOSÉ> Está tudo registrado com fotos, assinatura das pessoas.

PABLO> Para o Sr. Qual a importância dessa digitalização de imagens, seja para o seu na internet, seja para guardar para que outras pessoas possam pesquisar no futuro? Para o Sr. Qual a importância deste projeto?

JOSÉ> Este projeto da Católica é valorizar aquilo que tem. A história, a história da música, porque música é terapia. Eu acho que se não valorizar, não dá valor para as coisas que tem, para as coisas que aconteceram pô! Uma coisa tão bonita. Então para mim é gratificante ver as pessoas, crianças que vem para cá aprender, sai para tocar com agente, se sentir feliz. Pessoas de idade, com 79 anos, 78 anos, como

tem aqui, que ficam felizes quando saem com agente. Agente tem vários convites, É que de vez em quando agente dá uma recuada nos convites.

PABLO> E como está a organização do acervo, destas fotos aqui no ponto de cultura? Quem está cuidando disso agora e no início?

JOSÉ> Desde que eu estou como presidente, quem está cuidando é a Marilí Farias, só que ela trabalha e hoje ela chega aqui depois das 19:30. E estes acervos quem fazia junto com ela, era o pessoal da católica (Universidade), do Ponto de Cultura do setor de informática, os estagiários da católica (Universidade) que faziam todos os dias de tarde.

PABLO> E neste momento encerrou?

JOSÉ> É, eu não sei quando é que volta, porque quando saí de férias, termina e não sei quando volta. Aí quando voltam os estagiários da católica (Universidade), eu acho que retorna tudo.

PABLO> Antes do Ponto de Cultura já havia alguma ação por parte da banda democrata. Que tipo de tarefa ou evento, vocês começaram a fazer com relação ao trabalho específico da banda democrata?

JOSÉ> Vou falar da minha gestão. Eu vim para cá em 2000 como músico e a partir de 2006 (quando entrou como presidente), o vereador Ornel me ligou e disse que a católica (Universidade) estava procurando uma parceria para os pontos de cultura e ele me perguntou se ele podia dar o meu telefone para a Fabiane Marroni e ai começou está parceria.

PABLO> E depois do ponto de cultura, o que ajudou para a instituição?

JOSÉ> Ajudou 1000 %. A parte interna do prédio estava caída, cadeira para sentar só tinha uns mochinho horrível, não tinha cadeira. Estante para tocar não tinha. A católica (Universidade) reformou o prédio para nós. Nós deu cadeira para sentar. Roupa para os músicos, padronizou a banda com tudo novo. Quer dizer. Ajudou 1000 %

PABLO> Vocês acham que este projeto possa se prolongar?

JOSÉ> Com certeza. Enquanto eu estiver aqui. Depois que eu terminar o meu mandato eu não como é que fica.

PABLO> O Sr. Participou ativamente desta relação da União Democrata com a universidade católica para instituir o ponto de cultura aqui? Quem mais participou deste processo, das conversações? E como que foi discutido para chegar até fechar o acordo?

JOSÉ> Que nem eu te falei anteriormente, o Ornel (vereador) me ligou porque a católica estava procurando uma parceria para fazer um ponto de cultura e eu recém tinha assumido aqui. E ele deu o meu telefone para a Fabiane Marroni entrar em contato comigo. E daí começaram as reuniões. Como eu sou o presidente e tem a diretoria, e tem as reuniões que agente faz uma vez por mês, e todo mundo concordou. Aí começou o namoro e o namoro está dando certo até agora.

PABLO> Então foi bem participativo?

JOSÉ> Foi bem participativo. E aqui agente faz tudo em grupo. Agora mesmo agente tem um convite para participar, que é o terceiro que agente participa, do aniversário da Tv Cidade. Hoje no ensaio: Vamos tocar em tal lugar? E aí é o grupo que decide, Aqui é sem fins lucrativos, Isso aqui, as pessoas quem vem para cá, são voluntárias. Então agente tem que negociar, a metade mais um concorda, vamos lá. Senão, agente não vai.

PABLO> Na questão destas imagens e documentos que são digitalizados aqui no ponto, onde eles ficam? Eu vi que tem um arquivo ali? O que vocês estabeleceram? Onde ficam?

JOSÉ> Tem um arquivo com envelope e o resto é no computador. Tem nos envelopes e tem no computador. Tudo o que está no computador, tem nos envelopes.

PABLO> E como que chegou este acervo até aqui? Já existia acervo aqui?

JOSÉ> Já existia e muitos se perderam também. Papel rasgou, podre, molhado, e aí não deu para aproveitar. Daí está dentro duma caixa ali.

PABLO> Houve algum tipo de treinamento para vocês mexerem, ou foi só os estagiários?

JOSÉ> Não. Agente participou de umas aulas lá na Católica (universidade). Tivemos 2 meses de aulas no setor de informática e os estagiários vieram para ensinar para Marilí como que era. Ela fazia, e começou a fazer sozinha.

PABLO> 2 meses, todos os dias? Uma vez por semana?

JOSÉ> 2 vezes por semana

PABLO> Para o futuro, tem algo planejado? Para o ano de 2009 ou para o próximo período?

JOSÉ> O futuro é difícil falar, mas agente sempre tem alguma coisa em mente. Agente tem uma parceria com a católica (universidade) e tem a liberdade de falar da católica. Agente sempre pensa numa coisa maior. Agora do futuro é difícil falar.

PABLO> Como é divulgado este projeto? Tem algum tipo de divulgação? E para que está sendo divulgado?

JOSÉ> Na internet

PABLO> Como tu acha que a união democrata está enxergando este projeto com a católica?

JOSÉ> Está enxergando bem. Quando agente faz as reuniões e quando agente vai ensaiar, os próprios músicos ficam felizes de dizer que agente faz parte da universidade católica. Agente tem uma parceria o que é motivo de orgulho.

PABLO> Tem alguma coisa que o Sr. Queria falar e que eu não perguntei e que o Sr. Acha importante falar?

JOSÉ> Acho importante falar, que a União Democrata é tombada pelo município e pelo estado, não tem ajuda de ninguém. A única entidade que nos ajuda é a católica (universidade). Nada financeiro, só as coisas internas. Agora, ela é tombada pelo município e pelo estado, mas não se prontificam em nada. É o 3º ano que agente faz

projeto, sai no orçamento do ano na câmara de vereadores. O projeto as vezes é aprovado, mas não consegue pegar nada. É difícil.

PABLO> O Sr. Me autoriza a colocar esta entrevista na minha dissertação de mestrado?

José: Com muito prazer.

PABLO> Obrigado pela tua entrevista

JOSÉ> Eu que agradeço

ENTREVISTA 02

ENTREVISTADO: Leoni braga Ferreira (Diretora da escola Rafael Brusque a época da implementação do projeto da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas - RCMP, Ponto de Cultura da Colônia Z-3; professora de História, geografia e ensino religioso); Mariluce Barbosa da Costa (Uma das professoras da Escola Rafael Brusque que atuou no Projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RCMP, no Ponto de Cultura da Colônia Z-3, hoje aposentada).

DATA: Dia 24 de maio de 2010 (segunda-feira)

LOCAL: Residência da professora aposentada Mariluce Barbosa da Costa, em frente ao Hotel Curi de Pelotas (Rua General Neto, nº)

ENTREVISTADOR: Pablo Fabião Lisboa

ASSUNTO: Dissertação do mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas intitulada “Digitalização e Virtualização de Acervos na Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas”

DURAÇÃO: 00:36:43 (horas/minutos/segundos)

FORMATO: Gravado no Panasonic RR-US470 e transformado para o formato “.wav”; digitado em sistema linux, no programa BrOffice.org

CORPO

PABLO> Quando foi instalado o Ponto de Cultura da Colônia Z3? Como foi o processo de implementação?

Mariluce> A Católica, através da professora Fabiane, procurou a escola Rafael Brusque, porque existia um projeto chamado de Pontos de Cultura, onde seria recebido uma antena para ter internet. No nosso caso, seria bom porque é um lugar onde a internet a cabo não chega, então ela (Fabiane), pensou na Z3 e a partir daí começou tudo.

Leoni> Eu lembro que ela tinha uma “queda” pela Z3. Ela gostava muito lá da colônia, porque até tinha outras comunidades que podiam receber, mas ela quis

colocar na Z3 o Ponto de Cultura. Foi na época do Governo Marroni, a Z3 estava na mídia e nós aproveitamos isso. A comunidade se mobilizava muito para as coisas, na época dos coletivos de trabalho, o Olivio era governador do estado, então os sindicatos começaram a ficar fortes na colônia, apesar de alguns problemas, a Z3 tinha uma fama de mobilização muito grande.

Pablo> Depois desses primeiros contatos, como foi para vocês receberem essa proposta? Qual foi o sentimento de vocês?

Leoni> Pra mim foi maravilhoso.

Mariluce> Eu tinha mais o compromisso de dar aula à noite. Como em seguida foi implementada a internet, os alunos não te deixavam tu sair dali para nada, tinha que ficar ali com eles pois era o que eles queriam. Daí tinha a estagiária da UCPEL a Ana Paula, mais outra professora pela manhã.

Leoni> Eu já encarei diferente. Como a Mariluce morava aqui no centro e a internet para ela era uma coisa comum, e nós não tínhamos, a não ser a discada no final de semana, pra mim aquilo (internet banda larga) foi o máximo. Foi a inclusão digital da Colônia Z3. Pra mim foi um marco a antena, os computadores. Pelo Ponto de Cultura recebemos um computador, as mesas e cadeiras, scanner, impressora, depois vieram os computadores reciclados da Universidade. Então aquilo foi como se tivesse ganhado na Mega Sena, pra nós que morávamos lá e pra mim principalmente por ser a diretora. Agora, infelizmente tem professores que não conhecem o Telecentro. Para os alunos foi maravilhoso, para a comunidade foi ótimo, porque nós tínhamos cursos lá, mas infelizmente, alguns professores estão na era do giz e do quadro.

Pablo> Vocês podiam resgatar como foram os cursos?

Mariluce> Isso foi com o pessoal da UCPEL com o sindicato e com a cooperativa. Fizeram os cursos com quem não conhecia. Foi uma semana de curso pela manhã e pela tarde.

Pablo> Com relação a digitalização de imagens, como era?

Mariluce> A maior parte que fazia era a Ana Paula e algumas fotos que eu consegui, eu trazia para casa e fazia em casa. Porque, como eu não sabia usar o Linux eu fazia em casa. Eu não tenho nada, porque está tudo com a Ana Paula. Mas eles estavam aprontando na UCPEL, inclusive tinha uma parte só para cada um. Eu acho que a maioria das imagens digitalizadas estão na UCPEL.

Pablo> Como está o Ponto de Cultura hoje?

Leoni> A CPU está com o probleminha, mas o resto está funcionando. A impressora, scanner tudo em perfeito estado.

Pablo> Quando o pessoal da UCPEL chegou lá pela primeira vez, vocês se lembram qual era o principal objetivo do Ponto de Cultura?

Leoni> O acervo da Colônia Z3. Resgata a história da Colônia. Resgatar todo o acervo da Colônia.

Pablo> E vocês acham que foi alcançado esse objetivo?

Leoni> Eu acho que foi bom porque não tínhamos nada. Quando eu entrei para a escola eu pesquisei sobre os presidentes do sindicato, mas uma coisa muito simples com a participação dos alunos. Depois fizemos um livro sobre a Colônia Z3, mas não era nada muito formal, era informal. Eu acho que usaram esse nosso material e fizeram uma coisa mais específica, mais jornalístico, mas nós não tivemos acesso. Ainda mais que trocou a direção da escola, houve um racha. Acho que depois que a Fabiane saiu do Ponto de Cultura, caiu um pouco... Todos os projetos que tinham na escola foram destruídos por essa nova direção. Todas as escolas que deram certo, foi porque investiram em projetos e a nossa escola terminou com todos os projetos que tinham. Aluno não pode estar em projetos, essa é a visão da nova direção da escola. Não há uma valorização do Telecentro. Elas (atual diretoria) acham que é um prêmio (no sentido de não trabalhar) o professor estar no Telecentro. É visto com uma “mamata” e não como uma coisa boa. Mas como eu e Mariluce somos muito espertas (risos), colocamos no regimento da escola que os professores tinham que ter 60 horas. 20 horas de manhã, 20 horas de tarde e 20 horas de noite no Ponto de Cultura se não iriam fechar.

Pablo> Hoje o Telecentro e o Ponto de Cultura estão juntos? Vocês acham isso interessante?

Leoni> Eu acho que se perdeu o objetivo do Ponto de Cultura com essa junção.

Mariluce> É, tu fica só atendendo internet com os dois juntos.

Leoni> Agora os professores do currículo estão levando as turmas para trabalhar jogos de memória, está sendo muito bom. Mas nos temos computadores parados porque não foi feito cabeamento, faz um ano que está parado o pro-info (projeto dos cinco computadores parados) lá na escola.

Pablo> Dentro do Projeto da Rede de Pontos de Cultura, eu vi que no Clube Fica Ahi e na Banda Democrata, a idéia era pegar o acervo, digitalizar para recuperar, divulgar e preservar, mas na Colônia Z3, pela ausência de acervo, a idéia era constituir um acervo. Vocês acham que o projeto teve êxito nesse sentido?

Mariluce> No início teve, mas eu não sei qual é a realidade.

Leoni> Daquela época pra cá a Z3 mudou visualmente. Não é mais a mesma. Uma foto de satélite de uns dois anos atrás não é mais a mesma de hoje. Construíram casas, não é mais a mesma paisagem.

Mariluce> Nós imaginávamos que iríamos resgatar a história, mas aí parou naquilo e não sei mais.

Leoni> Pra mim o Ponto de Cultura foi a porta de entrada para o Telecentro. Esse pra mim o foi o principal do projeto. Lá na Z3 é diferente do Fica Ahí e da Banda Democrata. Pra nós, além do resgate histórico da colônia, o elemento mais importante foi abrir as portas para o Telecentro pra ter inclusão digital, porque se não tivesse o Ponto de Cultura, não teria inclusão digital lá.

Pablo> São os alunos, a comunidade ou os professores que usam?

Leoni> 90% são os alunos, mas o pessoal da comunidade usa muito pela parte da noite, isso quando eu estava a noite, mas agora a escola está fechada para a comunidade. Antes entravam cinco pessoas e outras cinco entravam junto para ir aprendendo. Agora não pode. O telecentro tem que estar aberto todo o dia para a

comunidade. São duas coisas que não deixam a comunidade se apropriar do telecentro e do Ponto de Cultura: o portão fechado e o muro que construíram. Elas assumiram a direção em janeiro de 2009. O ponto de cultura começou no início de 2008, mas antes deixamos uma sala vazia esperando os computadores por três anos e o povo criticando, mas enfim chegaram os computadores.

Pablo> Quais outros projetos do Ponto de Cultura, fora as imagens da história, aconteciam?

Leoni> A banda se apresentava no Fica Ahí e no espaço do Nelson Nobre. O nosso grupo de dança era convidado, então havia um estímulo. Os alunos da 7^a e da 8^a conheceram a UCPEL e fizeram cursos de informática, tinha essa interação, então quando eles pediam a banda da nossa escola ia até os eventos.

Pablo> O que vocês gostariam que acontecesse daqui para frente?

Mariluce> Eu fiz um blog por exemplo (escolaraphaelbrusque.blogspot.com), mas eu não consegui que todas as pessoas da escola acessassem ele. Eu imagino que o Ponto de Cultura colocando todo esse acervo que conseguirem recolher, as fotos, os vídeos, mas não precisa ser no blog, mas foi o que eu achei que eles iriam se incentivar.

Leoni> Eu acho que a UCPEL se afastou um pouco de nós. Eu acho que eles cansaram.

Mariluce> Houve uma reunião muito desastrosa, onde os estagiários queriam que os alunos fossem atrás da história. Foi naquela reunião que se perdeu o projeto do Ponto de Cultura e a partir daí os alunos só quiseram a internet mesmo. Os estagiários, quase da idade dos alunos, quiseram dizer o que tinha que ser feito, então os alunos que costumeiramente iam na UCPEL, se afastaram.

Leoni> Imagina! Recém tendo acesso a internet, os alunos não queriam saber de buscar a história da Z3. Tinha que dar 15 minutos disso e o resto de internet, no fim agente deixou pra lá, mas a Mariluce forçava a pesquisa. Mas agora, inclusive o professor de educação artística está pedindo pesquisa na internet.

Mariluce> Parece que a impressora multifuncional que serve também para digitalizar, não está no Ponto de Cultura. Parece que agora está funcionando para as tarefas da direção. O maquinário está sendo utilizado em outras funções, que não o Ponto de Cultura. E ficou acordado em assinatura, que a Prefeitura iria dar o papel e a tinta para utilizar no Ponto de Cultura, mas não está acontecendo.

ENTREVISTA 03

ENTREVISTADO: Fabiane Marroni (Coordenadora Geral do Projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas - RCMP); Daniel Botelho (Coordenador executivo do Projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RCMP).

DATA: Dia 27 de maio de 2010 (quinta-feira)

LOCAL: Ponto Administrativo da Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RCMP, no Campus II da Universidade Católica de Pelotas (Rua Gonçalves Chaves, nº 373 - quarto (4º) piso)

ENTREVISTADOR: Pablo Fabião Lisboa

ASSUNTO: Dissertação do mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas intitulada “Digitalização e Virtualização de Acervos na Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas”

DURAÇÃO: 1:06:26 (horas/minutos/segundos)

FORMATO: Gravado no Panasonic RR-US470 (gravador digital) e transformado para o formato “.wav”; digitado em sistema linux, no programa BrOffice.org

CORPO

PABLO> Para tentar resgatar. O que foi a elaboração do projeto (Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas), tendo em vista que já funcionava o Laboratório de Acervo Digital – LAD?

FABIANE> O Laboratório de Acervo Digital LAD, aqui na Universidade Católica de Pelotas, começou em 2001. Nós tínhamos um grupo de pesquisa, chamado Grupo de Acervo Digital, cadastrado junto ao CNPQ, e nós realizávamos pesquisas relacionadas a área de digitalização de acervos, organização de acervos. O primeiro projeto que nós enviamos para financiamento deste grupo, foi para a FAPERGS, que foi o projeto Pelotas Memória. Então esse projeto foi aprovado em 2001 e nós tivemos 2 anos de financiamento junto a FAPERGS, foi aí que nós começamos então a trabalhar com o Nelson Nobre, na época era eu e o Rocha Costa, professor

aqui da Universidade. Aí depois em 2004, numa parceria também com o Rocha, que era professor do mesmo grupo... com o Rocha e com a Carla Gastaut, que trabalhava na prefeitura, nós encaminhamos o projeto do Ponto de Cultura. Esse projeto, como é que agente descobriu e como é que começou: Nós enquanto professores estamos sempre em busca de editais para o financiamento dos nossos grupos, e numa dessas pesquisas eu achei esse edital na internet... dos pontos de cultura... primeiro edital dos pontos de cultura. Daí eu li esse edital e vi que tinha tudo a ver com o nosso grupo, o que nós realizávamos e trabalhávamos aqui, daí entrei em contato com o Rocha Costa e com a Carla Gastaut, para então serem parceiros na confecção e elaboração do projeto. Nós tivemos assim... três, quatro, cinco dias pra tá encaminhando o projeto, foi uma coisa bem maluca assim. Nós conseguimos e fomos contemplados. Eu me lembro que na época que eu recebi a resposta eu estava lá no museu da Baronesa e agente comemorava.... foi no edital de 2004. Não sei se foi... a resposta foi dada no início de 2004 ou início de 2005, mas não me pergunta porque eu não lembro (risos).

PABLO> Mas o período de execução do projeto? Já acabou na verdade?!

FABIANE> O projeto começou em 2006. Porque aí agente teve todo aquele esquema de ir atrás de papelada, organizar papelada, porque tu... nós fomos aprovados neh, nós fomos comunicados que nós tínhamos sido selecionados nesse edital e daí teve um baita tempo ainda pra nós irmos atrás da papelada, adaptar, adequar algumas papeladas também na universidade... foi o primeiro grande projeto que nós tínhamos, daí então a primeira parcela foi depositada em 2006. Claro que o cronograma que nós mandamos foi 2004/2005, 2005/2006, e afinal ficou 2006/2007. Mas como tinha aquele atraso de verba... enfim... O projeto terminou, terminou não, a verba, a última parcela foi depositada em 2008... Daí nós tivemos mais um ano pra tá utilizando essa parcela. Então é difícil agente dizer que o projeto começou em 2006 e terminou 2008, porque sempre teve esse problema de ajuste de cronograma sabe?! Agente mandava relatório daí a parcela demorara um pouquinho, e agente sempre deu conta disso. Eu e o Daniel não temos nada... eu particularmente, não tenho nada, absolutamente nada, contra o Ministério da Cultura, eu sempre fui super bem atendida, até no atraso do repasse dessas verbas, agente sempre tinha um pouco em caixa, agente se organizava em função disso, agente nunca foi pra lá

levantar bandeira porque tava com verba atrasada, porque agente sempre conseguiu esquematizar isso muito bem com as comunidades. Então... teve esses problemas no repasse, mas tudo foi muito bem articulado entre nós aqui, universidade e ministério. Quando agente não tinha a verba a universidade pagava os bolsistas e agente foi indo e conseguimos ajustar tudo direitinho.

DANIEL> O que é interessante nesse período, em que nós não tínhamos a verba, que houve esse atraso, é que o projeto não parou e isso é interessante. Quando ele começou, ele permaneceu, e seguiu em atividade, quer dizer, não foi a verba o empecilho para que nós não continuássemos as atividades.

PABLO> Devido a que vocês acham isso (de o projeto não ter parado)? Devido a estrutura da Universidade? Ajuda?

DANIEL> Devido a Universidade. Todo essa ajuda que a Universidade deu até para a manutenção até mesmo dos bolsistas que nós tivemos aqui. Na época eu ainda não fazia parte do projeto, mas através dos relatórios tu consegue perceber isso... até mesmo os projetos que foram efetuados e tal... Teve também essa vontade da equipe de que o projeto realmente continuasse, porque independente da verba existia esse comprometimento com as comunidades (“ligadas aos pontos de cultura” grifo meu). No momento que a verba chegou só impulsionou algumas ações que nós estávamos desenvolvendo. A questão de manter por mais tempo o projeto, ele terminaria em 2007 e ele foi até final de 2009.

FABIANE> Na verdade, não a verba... o ponto de cultura ele permanece.

PABLO> E como é a situação hoje?

FABIANE> O que acontece? Qual a vantagem de ser Ponto de Cultura? É que nós podemos concorrer a vários editais que são somente para Pontos de Cultura. Então nós continuamos como Ponto de Cultura com essa possibilidade de concorrer a diversos editais.

PABLO> E o Ministério. Como ele organizou isso? Porque de certa forma não se vê muito isso. Os projetos terem sequência. É sempre uma crítica que se faz aos projetos: disponibilizam verba por dois anos e depois as pessoas vão fazer outras coisas.

FABIANE> Isso é uma das coisa que eu e o Daniel agente sempre discute isso que é a questão da autonomia neh. O gerenciar as comunidades, gerenciar o pessoal que nós estamos trabalhando. Não é prometer. É trabalhar de uma forma que eles tenham autonomia depois de finalizado o projeto. Porque bom! Se tu for prometendo: amanhã nós vamos fazer tal oficina... se tu não planejar isso: quais as oficinas que tu vai ministrar, que tipo de oficina, onde vai ocorrer, ter uma estrutura básica nesses espaços para que eles depois consigam... eles próprios gerenciarem os seus acervos, como é o nosso caso neh, em seu espaço. Também agente tem aquela, eu acho que muitos não tem aquela postura de empreendedorismo e sempre fica pensando que o governo é obrigado a dá tudo a qualquer momento e a qualquer hora, e tem algumas coisas que eles precisam de fato estar disponibilizando a partir de editais, mas agente tem que compreender que não é bem assim, que não assistencialismo. as coisas tem que ser programadas e gerenciadas e tu tens que ter autonomia, porque se não, tu vai.. nós com esse projeto, nós vamos continuar a vida inteira com a democrata (Banda União Democrata)?, a vida inteira com o Fica Ahí (Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo)? Nós ainda continuamos! Somos super amigos, nós ainda fazemos várias atividades juntos, eles ainda são nossos Pontos, mas eles são autônomos no fazer deles e nos espaços deles. Uma das coisas bacanas que eu acho nesse projeto é que agente nunca prometeu neh Daniel? Isso nunca, nunca. Olha, vocês podem fazer isso, dessa forma e dessa. E eles sabem disso, tanto é que eles não vem aqui pedir dinheiro ou pedir outras coisas, cobrar alguma coisa, eles nunca vem cobrar nada, aliás, agente só recebe troféus, é só isso que agente recebe ultimamente(risos). Aqui tem os trofeuzinhos deles.

DANIEL> E uma outra questão que é dentro dessa proposta da autonomia neh. Acho que 2008 foi o ano que eu comecei efetivamente a trabalhar. Eu já namorava esse projeto, desde o começo neh, mas foi em 2008 que eu comecei a fazer parte a convite da Fabiane. E uma das coisa que também se discutia e pensávamos na questão da autonomia... chegou final de 2008 nós resolvemos então remover drasticamente a questão dos bolsistas que estavam efetivamente dentro dos Pontos, diminuindo a presença destes bolsistas, porque de certa forma a presença dos bolsistas era a presença do administrativo (Ponto Administrativo), era a presença da Universidade lá dentro, esse apoio. Então a medida que tu reduz a presença dos

bolsistas tu também vai fazendo com que eles comecem a procurar alternativas de caminhar com suas próprias pernas.

PABLO> Isso é a fronteira do aporte de recursos humanos e do assistencialismo. Essa linha é tênue então a preocupação era essa?

DANIEL> Exatamente! E como disse a Fabiane: Eles tem uma dúvida... Ah é o projeto que alguém convidou para fazer parte, ele não assumem compromisso. Eles vem aqui para conversar, tirar dúvida, quer dizer, agente conseguiu ter um companheirismo, uma relação muito boa com os dirigentes desses Pontos neh. Isso é o mais gratificante, além de todo o trabalho que foi feito com essas comunidades, então isso é muito bom. Até agora a pouco tempo, o Seu Farias (atual presidente da Banda União Democrata)... problema na Democrata, como que viabiliza pra colocar lá o seu regente, eles vem aqui e das conversam que são travadas aqui, surgem as oportunidades. Ah! Me ajuda a fazer uma carta pra apresentar? Bom! Isso agente também pode fazer. Agente sabe das limitações que eles tem.

FABIANE> Aquilo que o Daniel falou dessa relação que nós temos com os dirigentes, é importante, porque em nenhum momento nós interferimos no dia-a-dia dessas comunidades. Nós elegemos essas comunidades, as comunidades elegeram suas lideranças e nós trabalhávamos com as lideranças dessas comunidades. Em nenhum momento nós interferimos lá no Fica Ahí na forma de fazer deles, das festas que eles faziam, na diretoria ou na presidência. Nós estávamos lá para apoiar ações que eles tinham combinado conosco, mas em nenhum momento nós interferimos na gerência e na administração do Fica Ahí. Assim foi na Democrata, muita gente falava: Ah, tu conhece fulano? Gosta do beltrano? Não gosta do ciclano? Nós nunca nos metemos nessas relações internas, assim com na Z3 (Ponto de Cultura da Colônia Z-3) mudou a direção e agente ainda tá em namoro, como diz o Daniel, com essa nova direção, porque nós entendíamos muito bem com a Leoni, não que nós não... não nós entendamos com essas outras moças que estão na direção... foi dois anos trabalhando direto com a Leoni que era... é uma pessoa maravilhosa, eu acho, eu acredito. Tem que começar tudo de novo, essa questão do namoro, e do cuidado com o espaço. Agente tá sempre ressaltando isso: olha pra fazer isso aqui é muito dinheiro, é muito trabalho, é muito relatório. Tem que cuidar do espaço onde se vive, onde se está, tem que valorizar neh e eles cuidam de fato. Tivemos problemas com

algumas comunidades, e a Z-3 foi uma que nós tivemos problemas em função do pó que também ao mesmo tempo eles estão lá no meio da praia, no meio da areia. E falando da Z-3, outra coisa legal que nós conseguimos pra Z-3, e o ponto que conseguiu, contato direto com o SERPRO, que foi o Telecentro. Foi nós que conseguimos, nós que enviamos a carta, nós é que falamos com o Gelsomar, tudo articulado pelo Ponto de Cultura que também agente descobriu pela internet. Então agente entrou em contato com aqueles parceiros ali e foi articulado um telecentro pra eles. Que é bom ressaltar, porque as vezes o esquema do telecentro é atribuído a outras pessoas. Não! Foi o Ponto de Cultura que estabeleceu todos os contatos.

PABLO> E como é que foi o primeiro contato pra estabelecer o projeto da Rede de Pontos de Cultura? Porque eu tenho percebido na minha pesquisa que no Brasil não tem muito esse formato de Rede que faz esses tentáculos, essas articulações de locais bem diferentes, ou no caso de vocês o ponto administrativo aqui católica (Universidade Católica), a banda democrata que tem a sua sede, a colônia Z-3 que fica lá na Z-3.

FABIANE> No início do projeto não tínhamos esse esquema de redes sociais, nós tínhamos os wiki. Daí nós conversamos aqui e dissemos: como pode ser o nome do projeto? Nós queríamos colocar essas três comunidades em rede. A democrata vem porque a Carla já trabalhava com a Democrata, nós queríamos... o Fica Ahí foi um contato direto com a universidade bem na época que nós estávamos trabalhando no ponto de cultura, eles fizeram o contato com a Universidade e nós nos interessamos e a Z-3 porque nós tínhamos que escolher alguma comunidade na zona rural e a Z-3 é considerada zona rural. Então foi as três comunidades que nós trabalhamos efetivamente... Aí nós queríamos colocar essas três comunidades em rede pelo wiki.. ta então agora vamos colocar, agora agente tem internet, isso lá em 2004 nós pensando nisso neh, daí de repente eles podem bater papo com o pessoal daqui trocar informações com o pessoal da z-3, 2004! Não se falava em orkut, não se falava em facebook, não se falava em msn, não se falava em nada. E como é que agente pode estar trabalhando nas comunidades? Bom! Pela rede e instalando pontos nessas comunidades. Bom e o nome como pode ser? Bom que sabe "Rede de Pontos"? Que aí tem duplo sentido. A Rede digital mesmo, eles conectados entre si, isso lá em 2004, e a Rede enquanto rede de relações mesmo, relações deles

trocando experiências com pessoal da Z-3, o pessoal da Z-3 trocando experiência com o pessoal do Fica Ahí e nós conseguimos isso. De fato, mas nas reuniões eles estão sempre presentes. Até a época da Leoni (ex-diretora da Escola Rafael Brusque onde está instalado o Ponto de Cultura da Z-3) porque depois ficou mais complicado, depois agente não conseguiu essa integração ainda com a Z-3. Nós fizemos um jantar... O Fica Ahí precisava de grades por causa da segurança em função dos roubos, o kit multimídia estava lá, e a Z-3 pra colocar os troféus, daí nós fizemos um jantar dançante. A Z-3 entrou com o artesanato, a Banda Democrata tocou, e o Fica Ahí cedeu o espaço, então nós fizemos e conseguimos na época mil e setecentos reais (R\$ 1.700,00) eu acho, de lucro, uma coisa assim. Então cada um fez a sua parte, cada um teve o seu esquema... conseguimos alguns patrocínios, fomos atrás de patrocínio e tudo, vendemos os ingressos aqui na católica então agente começou a articular. Claro que isso não é sempre. Tem momentos que, quando agente chama, eles vem e vem com boa vontade. É impressionante. Porque é isso que eu te disse: agente sempre teve uma relação de respeito, então até hoje eles nos respeitam muito.

DANIEL> Essa ideia de rede também, ela não se dá somente nessa rede digital, mas também na rede física, como na tarde da diversidade cultural, que nós fizemos no Fica Ahí que participavam as manifestações culturais de cada comunidade. Fizemos uma tarde aberta ao público onde cada comunidade levou aquilo que estava produzindo. E com nós temos agora, se associando, o quiosque no Nelson Nobre, que é quase que um Ponto de distribuição de todas essas informações, acabamos fazendo algumas atividades culturais no quiosque também levando essas comunidades, como uma forma de integrar esses pontos a comunidade em geral. Isso eu acho muito rico porque tem essa troca de experiências...

PABLO> E na questão de digitalização de acervos, que é o foco da presente dissertação? E o uso do software livre? Já utilizavam antes do Ponto de Cultura ou foi uma novidade?

FABIANE> Nós já trabalhávamos com o software livre antes, mas não tínhamos esse ponto de distribuição e aqui na escola de informática da UCPel, nós tínhamos uma parceria de professores que trabalhavam só com software livre. No meu caso, não sou programadora, pois fico mais com a parte digital, mas tínhamos o Rocha

Costa que trabalhava em zope na época e o Mário Domenech Goulart trabalhava em skin. Então quando nós fizemos o projeto, nossa proposta era trabalhar com skin que é software livre, uma linguagem de programação. Mas o Mário, que era o coordenador técnico do Projeto Rede de Pontos de Cultura, saiu da Universidade e parou essa parte de desenvolvimento de gerenciamento de acervos, porque skin é uma coisa maluca, mas só ele sabia, porque skin é uma linguagem super fechada que poucos fazem no Brasil. E agora com a chegada de outros bolsistas, que nós teremos, é passar toda linguagem de programação de skin para php que também é uma linguagem livre, para finalizarmos o sistema de gerenciamento de acervos. O Iverton foi um dos bolsistas que pegou essa parte de skin e trabalhou no site. Para digitalizar, para tratar imagem, para dar oficina, para incluir digitalmente e socialmente é tudo software livre. O GIMP, o staroffice, writer, o impress. O Inkscape é muito duro e eu faço uma crítica ferrenha ao programa. Para mim o melhor software livre que nós temos nessa parte gráfica é o “GIMP” e eu não abro mão dele. A melhor forma de explicar para as pessoas o que é um programa livre é chama-los de “genéricos” pela associação com os remédios vendidos em farmácia (risos). E uma outra questão a ser ressaltada é trabalhar o software livre, não enquanto uma ferramenta gratuita, mas como um software livre, porque nem sempre é de graça.

PABLO> E como funciona a digitalização dos acervos de cada instituição?

FABIANE> Pelo Fica Ahí foi dado o norte por eles mesmos. O fica Ahí já tinha uma organização do acervo que foi feita pela professoras Beatriz Loner e Lorena Gill, até porque nós não trabalhamos com acervo físico. Então eles já tinham o acervo organizado e o interesse maior deles era o de digitalizar as fichas dos sócios porque lá não tem muito acervo fotográfico. É mais ficha de sócio e ata, e isso está tudo digitalizado. Tem aqui no Ponto Administrativo e lá no Ponto do Fica Ahí. Já a banda Democrata, a dona Marilí, esposa do seu Farias (presidente), ficou responsável pelo acervo deles. Ela e o seu Farias ficaram responsáveis pela acervo a pedido deles próprios, então tem uma parte digitalizada e outra não. Os bolsistas ensinavam a digitalizar mas não tinham o domínio direto dos acervos, eles (Banda Democrata) é que gerenciavam. Tudo bem, isso é questão de respeito, não podemos invadir. Uma parte digitalizadas está lá, e a Z-3 não tinha a acervo constituído, então a Ana Paula

fez várias atividades com as crianças e com a comunidade para constituir um acervo, mais para despertar esse interesse sobre a história da comunidade, para que eles pudessem valorizar a sua história e guardarem. O seu fulano de tal tem uma foto de 1900 e alguma coisa.... e a Ana Paula nessas atividades conseguiu resgatar alguma coisa. Nós chegamos lá e eles não tinham acervo

PABLO> Onde está o acervo digital e onde está o acervo físico?

FABIANE> Do acervo digital a grande parte está aqui, e do acervo físico cada ponto era responsável pelo seu, em nenhum momento nós gerenciamos acervo físico. Nós nunca disponibilizamos na internet, no site, porque nós temos uma grande preocupação com os direitos autorais, isso é o propósito maior, até porque é um trabalho imenso digitalizar imagem. Tu digitaliza, tu corta, nós não tratamos, tu grava, as vezes tu scanneia em alta resolução, também tem a demanda do pessoal que vem pesquisar, daí tu atende. Se nós tivessemos uma equipe de trabalho de umas cinco ou seis pessoas, dedicadas só a isso, o nosso ritmo seria bem maior, mas é um trabalho super lento em função das pessoas que trabalham e da quantidade de acervos que nós temos. O das comunidades está ok, dentro das propostas das comunidades, mas o acervo no Nelson Nobre que chegou depois, nós temos 20% do acervo digitalizado.

O objetivo do projeto da Rede de Pontos de Cultura foi de digitalização de acervos, porque nós já trabalhavamos com o projeto “Pelotas Memória”.

DANIEL> O objetivo era de digitalização e não de conservação de acervos.

FABIANE> Físico não!

DANIEL> Até fizemos algumas oficinas de conservação, de organização de acervos, foram realizadas com as comunidades para eles organizarem os seus acervos mas não temos essa obrigatoriedade no projeto de trabalhar a conservação dos acervos físicos e sim a digitalização e daí depois então, nós temos esse sistema de gerenciamento de acervos que ficou para ajustar, que são o Sistema de Gerenciamento de Pontos de Cultura (SGPC) e o Sistema de Gerenciamento de Acervos (SGA).

FABIANE> Quanto a questão que o Daniel falava, com respeito a não responsabilidade com os acervos físicos, porque nós não somos restauradores, nós não somos arquivistas, então nós tínhamos que trabalhar dentro das nossas competências, mas isso não excluiu uma organização inicial do acervo deles. A Carla no início dava oficina de organização de acervos e de restauração e foi aí que nós entramos no Fica Ahí. Estava tudo numa sala e daí a Carla conseguiu organizar tudo aquilo e disponibilizar ao Ponto de Cultura.

PABLO> E qual era a postura das entidades e seus representantes, quanto ao acervo físico depois de vocês terem feito a digitalização? Com é que foi a pós-digitalização?

DANIEL> Além da digitalização dos acervos que nós fizemos, e da organização e higienização dos acervos que a Carla fez, algumas oficinas de educação patrimonial também serviram para que eles tivessem um outro olhar sobre esses acervos. Esse cuidado maior, esse carinho com aquilo que vem a ser patrimônio e que é o acervo deles. Uma das coisas que mais me chamou a atenção, foi lá na Z-3, o orgulho das crianças com as atividades de educação patrimonial que a Ana Paula fazia, os desenhos que eles faziam, que é o acervo produzido por eles, a cultura deles, a igreja, as embarcações. Quando a TV Brasil veio aqui fazer um documentários sobre os Pontos foi emocionante. O depoimento das crianças quanto a proposta do projeto demonstrava um maior entendimento sobre o patrimônio deles. Foi o somatório das oficinas de educação patrimonial, as de organização de acervos e as oficinas de fotografias migraram para um mesmo objetivo, é esse somatório que faz ela perceber o acervo diferente. Não como um papel velho, uma fotografia velha, mas sim como um documento que tem que ter cuidado.

FABIANE> Eles tem orgulho dos Pontos, e um dos objetivos do projeto quando foi elaborado era de resgatar a auto-estima e nós conseguimos isso. A Z-3 não tinha acesso a internet e nós conseguimos a partir desse projeto levar até a Z-3 acesso a internet rápida por satélite. Até hoje todos na escola tem acesso a internet, porque o telecentro é para todos. Está aí o aspecto de cidadania, de inclusão, então mudou o perfil deles porque não tinha internet. Então é muito melhor para eles terem uma antena de satélite com internet, porque ficam a 25km de distância da cidade, para que eles possam sanar alguma necessidade como para pagamento de algum

documento, ou para o sindicato regularizar alguma situação junto aos ministérios X, Y ou Z, foi uma facilidade e tanto. Então, inclui digitalmente e inclui socialmente. Eu tenho certeza, que no aspecto da Z-3 , o ponto positivo, mais que a digitalização dos acervos, foi a questão da inclusão digital e do acesso rápido a internet.

O Fica Ahí foi a questão da auto-estima. O Fica Ahí era um clube praticamente fechado. Hoje tu podes ler nos jornais todos os dias. Eles tem um orgulho desse clube deles, eles estão trabalhando num centro cultural, eles agilizam uma série de programações, eles estão valorizando o espaço deles e isso é muito importante. É claro que o acervo é referência e eles mostram para todos que chegam lá, mas o Ponto de Cultura serviu como espaço diferenciado para o pessoal do Haiti... O grupo “San Goma”, daí o “San Goma” viabilizou no Fica Ahí a biblioteca negra. Quando nós ganhamos o prêmio Cultura Viva, nós dividimos o prêmio. Para o Fica Ahí nos subsidiamos livros.

PABLO> Como vocês ganharam o Cultura Viva e outros prêmios?

FABIANE> O Cultura Viva é um projeto do Ponto de Cultura, em que nós mandamos um relatório para concorrer. Além desse prêmio, ganhamos o telecentro da Z-3, a antena GESAC via satélite para o ponto de cultura para a Z-3. Para ter um telecentro tu precisa ter um espaço com internet rápida, acesso rápido a internet e nós tínhamos acesso rápido a internet pelo nosso Ponto de Cultura. Nosso Ponto de Cultura tinha que ter cinco computadores para que eles então disponibilizassem a antena GESAC via satélite. Na época nós não tínhamos condições, era um kit multimídia para cada instituição (cada ponto) e aí nesse jantar aqui (convite digitalizado em anexo)nós colocamos em cima das mesas um programa de meta-reciclagem, então em cada mesa tinha um cartazinho dizendo: “se você tiver um computador usado entre em contato com o Ponto de Cultura”... E nós ganhamos um monte de computadores. Claro que não eram computadores... Hoje eles são sucata, estão até pedindo para fazer um trabalho social... Mas para nós termos a antena GESAC lá (Ponto de Cultura da Z-3) nós tínhamos que ter pelo menos cinco computadores, então nós conseguimos esses computadores a partir desse programa de meta-reciclagem que foi num sábado aqui num jantar dançante aqui dos Pontos de Cultura. Daí nós conseguimos quatro (computadores) e paramos, porque a gente queria era isso, porque até hoje chega sucata pra nós. O pessoal tem

como referência, principalmente esses que participaram mais ativamente dessa época, então mandam monitor, mandam isso, mandam aquilo. É uma coisa que não é nossa característica, mas nós precisávamos naquela hora então nós viramos desse jeito.

Como nós tínhamos acesso a internet lá na Z-3 o telecentro deu certo. Ele só foi instalado em função da antena, era interesse deles por ser uma zona rural, e nós precisávamos nos expandir para a zona rural, nós tínhamos uma base lá, com o apoio do software livre e nós tínhamos acesso a internet rápida via satélite.

PABLO> Quem eram os estagiários que trabalharam no projeto? Como que foram selecionados?

FABIANE> Os Pontos de Cultura tiveram umas bolsas mas nós não tivemos acesso a isso. Mas os bolsistas, foram, a Ana Paula Santos na Z-3, a Marcela no Fica Ahí, o Murian Ribeiro, o Iverton Santos que trabalhava como suporte. No início era o Fabrício Boerk, o Juliano Menezes, a Gabriela Pinho Lima, o Marcel Ávila, o Willian Ribeiro, a Gabriele Veleda. Também tivemos os pesquisadores de nível superior que foi a Carla Gastaud, que agora é professora da Museologia, a Ana Paula Dameto que trabalhou com sistema de educação patrimonial, o Mário Goulart que foi o nosso coordenador técnico, o Guilherme Tomachevsky que foi o nosso coordenador executivo antes do Daniel Botelho em 2008, e mais a Milene Sanguiné que trabalhou prestando serviço e o Sandro Duzeck que fez os documentários. Quem trabalhou direto com a comunidade foram os bolsistas, todos, a Carla Gastauld, a Ana Paula Dameto e o Mário Goulart, e o Guilherme Tomachevsky.

PABLO> Como vocês veem hoje o projeto? Qual a perspectiva que vocês veem a partir desse projeto para as comunidades, tendo em vista a autonomia deles?

FABIANE> Eu particularmente, acho que nós só podemos trabalhar com a questão da autonomia, em função daquilo que eu falei lá no início, para que nada se torne ou fique só no assistencialismo. Porque se trabalharmos na direção do assistencialismo, nós não formamos. Na universidade temos que pensar nessa questão da formação. Nós enquanto educadores estamos preocupados que a questão do resgate da auto-estima e da formação desses cidadãos que estão nessas comunidades, dar um mínimo de apoio a essas comunidades. Também

temos que caracterizar que nós somos um projeto de extensão da universidade, porque as vezes tu vai na comunidade e tu acha que tu tens um saber maior do que o da comunidade, e na verdade o saber que está na comunidade faz com que o teu saber seja reestruturado, e isso Paulo Freire coloca o tempo todo nos trabalhos dele. Aprendemos muito nas comunidades e eles tem muito a ensinar mesmo pensando que não. Isso é importante pra nós enquanto, professores, formadores, é importante para os nossos alunos, pela questão do respeito, pela questão da profissionalização, da sua própria formação.

PABLO> E na questão do acervo? Como organizaram o acervo digital e quais as possibilidades que vocês veem no sentido de investigar essas instituições a partir desse acervo digital?

FABIANE> Nós não pensamos nisso. Pensamos em organizar e nós organizamos tudo de uma forma muito simples, até porque nós não tínhamos dinheiro para armários climatizados, para super sistemas de gerenciamento, tudo foi pensado de uma forma muito simples, até porque os profissionais que iriam trabalhar eram das próprias comunidades. Tu não pode pensar num mega/super/hiper processo de digitalização, num mega/super/hiper scanner, temos que trabalhar com as ferramentas que nós temos à disposição. Esse sistema de gerenciamento de acervos ficou parado mas tudo está organizado de forma muito dura e simples para eles. Qualquer um que chegar lá no Fica Ahí, tem a pastinha dos sócios, tu consegue ter acesso aquele material. Não temos um sistema mais sofisticado ainda, que acho que é um ponto negativo, ainda não conseguimos desenvolver na íntegra esse sistema até em função disso que eu falei anteriormente, da saída do nosso coordenador técnico (Mário Goulart) que teve que sair. É difícil tu contar só com bolsistas pra isso. Nós adoramos o projeto, eu adoro o projeto, o Daniel adora o projeto, mas é com muita dificuldade que tocamos isso. As vezes os bolsistas nós perguntavam: "o que iremos fazer agora?" e o Daniel era o primeiro que respondia: "olha! vocês estão aqui a templos, vocês vão ter que agilizar isso junto conosco. A orientação está dada e nós estamos aqui sempre orientação", mas essa dificuldade enfrentamos o tempo todo, ou seja, a de gerenciar muitas pessoas, de estar atendendo e orientando também os alunos, porque não podemos simplesmente soltá-los... chega um ponto que não conseguimos dar conta em determinados

momentos, mas conseguimos superar isso de uma outra forma. Eu vejo que forma muitos aspectos negativos nessa nossa trajetória. Em 2010 nós ainda não retornamos as atividades, porque estamos esperando a questão dos bolsistas, mas o fato de não ter retornado as atividades não significa que nós não tenhamos o contato com as comunidades, nós já fizemos duas reuniões e toda hora toca o telefone, eles vêm aqui falar com o Daniel, ligam... e agora na Z-3 eles querem fazer um trabalho de arte com os computadores antigos que estão lá, eles pedem permissão...

DANIEL> Essa questão do contato e na questão dos acervos. No Fica Ahí por exemplo, o seu Raul simplesmente ignorou a organização dos acervos e nós dissemos a ele: "o acervo é de vocês". Ele ainda tem essa questão de que alguém vai lá e encaminha pra nós. Tanto que o que nós temos lá... como é gigante esse acervo, então nós levamos algumas coisas que são importantes para a comunidade, outras coisas que estão no nosso servidor, então quando chega um pesquisador, chega lá, ele mostra mas ninguém toca naquilo. (risos)

PABLO> Eu fui lá sexta-feira passada e ele me encaminhou para vocês

DANIEL> Então chegam aqui e nós temos um sistema que o pessoal faz a solicitação, até pra sabermos. E o que nós temos notado: O ano passado, o ano de 2009, foi um ano de muita procura sobre acervo, alunos do mestrado, alunos de graduação, então começamos a ter um olhar diferente para esse público também. Porque tem aquelas pessoas também: "Ah! Eu queria umas fotos e tal" e aí nós temos que saber até que ponto, como doar, pra quem doar, o que essa pessoa quer. Então sempre deixamos muito claro: "Olha! O acervo está aqui para pesquisar", então damos esse olhar mais voltado para o pesquisador.

FABIANE> Conhece a sala ao lado? (perguntou a mim se conhecia a sala onde ficam os acervos físicos. Localizada ao lado da sala de digitalização de acervos)

PABLO> Sim quero conhecer. Se você me permitirem eu quero tirar algumas fotos também.

FABIANE> Depois eu te mostro então.

PABLO> Me parece bastante importante o trabalho que vocês realizam no sentido de possibilitar uma matriz para futuras pesquisas, quer não tenham só a finalidade do digital, mas sim trabalhar o conteúdo das fotos. Acho que esse trabalho vai possibilitar que as futuras pesquisas tenham mais potencialidade, do que teriam sem o trabalho de vocês de digitalização de imagens. Mas com relação a democratização, distribuição desse acervo? Qual é o critério? Qual foi o critério? Esse critério se modificou no decorrer do projeto?

FABIANE> Antes de te responder isso quero mencionar uma coisa antes. As vezes as pessoas chegam aqui e dizem “eu quero todo o acervo do Fica Ahí”. Não é assim! Aí as pessoas dizem que não estamos disponibilizando o acervo, ou ainda “eu quero todas as fotos e todos os postais” Não é assim! Nós perguntamos para que querem? Qual o objetivo? Tem que fazer a solicitação. Uma vez uma moça esteve aqui e tinha 500 imagens sobre determinado assunto e ela disse que queria todas. Esse é um espaço de pesquisa... As pessoas também tem que ter esse olhar mais civilizado. Não vou chegar no Louvre, na parte de acervo e dizer: “digitaliza aí e me vê toda imagens que vocês tem aí sobre o Degas”. Não é assim e não funciona assim em nenhum acervo. As pessoas as vezes vem aqui e exigem isso de nós, mas em qualquer museu ou em qualquer acervo tem critérios. Outra questão é a dos direitos autorais, que tem coisas aqui do acervo do Fica Ahí que são fichas de sócios, tem fotografia e aquilo é muito pessoal e particular. Não é bem assim pegar 100 fichas de sócios e levar para casa. Fulano pode não gostar, a filha do ciclano pode reclamar, tem que ter uma seriedade na questão do acervo, e as pessoas chegam como se fosse um monte de papel, entre aspas, que depois a pessoa vai selecionar. As pessoas chegam sem critério. Não é nós que não temos critérios, são as pessoas que chegam sem critério... então tem todo um procedimento de solicitação e de respeito pela história deles e tem que chegar aos poucos e não invadindo o espaço deles, mas aos poucos conquistando.

DANIEL> Eu acredito que essa democratização dos acervos se dá através exatamente das pesquisas que são feitas com os acervos. Então nós abrimos espaço aqui no Ponto Administrativo. É claro que esses alunos que nos temos contato direto, que são os alunos da universidade, de diferentes áreas, pra citar um deles o Turismo, vieram aqui para fazer trabalho com os acervos e isso produziu

uma mídia digital e isso automaticamente vai ser disponibilizado no quiosque Nelson Nobre onde as pessoas podem ter acesso a esse material. Ele tem um viés, ele tem uma proposta. Várias pessoas chegam aqui, como disse a Fabiane... Tu tem que ter uma conversa muito franca com a pessoa, dizendo: "olha esse acervo que é público, mas tem critério como qual é o objetivo.

PABLO> Então os instrumentos que vocês usam como critério é uma pequena argumentação à respeito da finalidade do acervo e um protocolo de pedido?

FABIANE> O acervo público é um acervo gratuito mas tem uma finalidade educativa, para que sirva como referência para vários projetos, não é assim chegar e invadir. O fato dele ser público não quer dizer que eu possa pegar tudo e levar.

DANIEL> As imagens que nós disponibilizamos, até tenho uma pasta com tudo: para quem foi e quais são as imagens... em cada imagem temos que colocar o selinho, que identifica de onde saiu, se é do acervo do Nobre, se é do acervo do Fica Ahí, e esse cuidado nós temos que ter, até por isso tem a solicitação, para que entendamos qual é o objetivo. Se é pesquisa nós sempre priorizamos, porque isso aí vai gerar produção e isso é que importa. Mesmo sabendo, ser for uma produção acadêmica, que muitas vezes ela não é democratizada, digamos assim, para a comunidade como um todo, mas sabemos que ela pode ser uma referência para outros trabalhos chegarem até a comunidade.

PABLO> Aliás, me desculpem ter utilizado a palavra "democratizar" os acervos, até porque eu não sei se essa é a palavra a ser empregada. Mas eu gostaria de fazer menção aos outros acervos (que não aos do Pontos de Cultura do Fica Ahí, Democrata e Z-3), porque vocês tiveram a chegada e doação de outros acervos e eu gostaria que vocês fizessem um pequeno panorama do que foi isso?

FABIANE> O primeiro acervo que nós ganhamos foi da Echenique, então ela é sobrinha de uma senhora tradicional, Echenique aqui de Pelotas, do teatro Sete de Abril, da livraria Universal. Então a Dona Felicidade Echenique, se não me engano o nome dela, faleceu, isso a uns 4 anos atrás, e ela tinha um acervo da Ilustração Pelotense, alguns Almanaques de Pelotas e algumas fotografias da Livraria Universal. Ela sabia do Ponto de Cultura, que nós trabalhávamos com acervos e ela entrou em contato comigo e perguntou se eu tinha interesse nesse acervo, porque

ela queria doar ao Ponto de Cultura, então nós pegamos esse acervo, mas só esse. Na época o Daniel ainda não estava aqui. Eu disse: “É só esse. Não vamos aceitar mais”, até porque o nosso “negócio” não é físico (acervo). Nós aceitamos esse que estava super bem conservado. Aí depois, um pai de um professor aqui da universidade faleceu e esse professor doou aqui para o Ponto de Cultura, aí nós ficamos com algumas peças que era até 1940, e outras mais recentes da década de 1970, 1980 e 1990, nós doamos para a biblioteca do Fica Ahí e para a biblioteca da universidade. Então nós ficamos com o que nos interessava mesmo. Outro acervo que chegou para nós foi o do Arriada, que disponibilizou todo o acervo físico para a digitalização dos postais e de fotografias. O Eduardo Arriada é um dos caras que eu mais admiro, porque ele disponibiliza todo o acervo dele a qualquer momento para qualquer pessoas que esteja interessada na história de Pelotas. O Arriada entregou todo o material dele e nós digitalizamos todo esse material e ele está aqui no Ponto em função desse empréstimo do acervo físico. Tem o maior valor e eu tenho a maior admiração pelo Eduardo Arriada.

PABLO> O acervo do Nelson Nobre é o maior acervo que vocês tem aqui?

FABIANE> O acervo do Nelson Nobre é gigante!

DANIEL> Existem outros acervos como o do José Emanuel, Maria José Talavera Campos, o acervo da Vera Abuchain, Antônio Mazza Leite, do seu Celso Rodrigues Gonçalves e o acervo da dupla Ramil. Esse acervo, a primeira etapa veio, fizemos o processo de higienizar, catalogar e digitalizar, agora estamos na segunda etapa, que em função da falta de bolsistas, está parada.

FABIANE> Mas quem está digitalizando o acervo do Ramil é uma sobrinha dele, a Cris Ramil, que está realizando esse trabalho de forma voluntária e nós disponibilizamos o espaço.

PABLO> Em termos da questão virtual e da utilização da internet. Até que ponto vocês usam a internet como meio de divulgação, tanto de acervo quanto de informações do projeto e se no futuro, tanto vocês quanto outras instituições, possam utilizar a internet, tendo em vista que a base digital facilitaria esse processo?

DANIEL> Essa é uma das questões que nós já discutimos esse ano, retomar a nossa página, atualizar e disponibilizar um número maior de imagens no site, mas, é o que a Fabiane falou, nós temos que tomar um cuidado muito grande com relação aos direitos autorais. Quais imagens nós vamos priorizar? Agora nós vamos passar por um processo de “penerar” essas imagens para disponibilizar elas publicamente, digamos assim.

FABIANE> E nós tivemos aquele problema com o skin, porque nós estávamos disponibilizando da plataforma skin e agora vamos ter que passar para a plataforma php, então nós tivemos esse problema, porque nós não pensávamos em perder o Mário para um outro trabalho. Um excelente programador que conhece software livre como ninguém, inclusive para mim ele é referência. Ele até nós encontrou, umas duas semanas atrás e disse: “eu tenho uma baita saudade de trabalhar lá”, porque era um espaço que nós convivíamos muito bem.

PABLO> Poderiam me informar com relação as questões mais técnicas de digitalização das imagens ?

FABIANE> O formato básico das imagens é 300 dpi (pixels de resolução), tiff para o nosso servidor, mas quando nós disponibilizamos é em formato jpeg. Para o nosso servidor, optamos por um arquivo não compactado. A aquisição de um scanner de revista, de periódico, que é um scanner profissional, isso facilitou a nossa vida na questão da digitalização de imagens. Foi como eu te disse. É tudo em cima da simplicidade pra não onerar e não gerar muito desconforto na equipe, até porque nós temos uma boa caminhada em termos de equipamento e tecnologia. Eu acredito que toda e qualquer digitalização de acervos tu podes ir pelo simples. Não precisa trabalhar só com equipamento de ponta. Tu consegue trabalhar bem a digitalização de acervos com equipamento razoável que nós temos aqui, que é um equipamento bom e pra nós não faz falta.

PABLO> O que fica desse projeto, tanto para o Ponto Administrativo quanto para os Pontos de Cultura integrantes?

DANIEL> O que fica é um repreender constate. No momento que tu faz extensão na universidade tu tem que entender que a comunidade acaba te ensinando muito e tu acaba fazendo essas desconstruções todas, para construir quem sabe, uma nova

sociedade nova talvez. O que fica é a vontade de continuar esses laços que nós conseguimos estabelecer, que graças ao trabalho da Fabiane e de toda equipe, eu chego aqui depois de algo consolidado, e recebo isso de presente, porque é um presente tu conseguir trabalhar com uma equipe tão boa e as coisas fluírem e acontecerem. Tu conseguir ter problemas e transpor esses problemas com a simplicidade e sem querer esperar que temos que ter alta tecnologia... E o que ficou mesmo foi um laço muito afetivo com essas comunidades e isso pra mim enquanto professor, tu começa a espalhar isso pra outras relações. Foi, está sendo, e com certeza será, cada vez um aprendizado maior com esse trabalho. A “rede” é um reprocesso contínuo.

FABIANE> Eu sou apaixonada por esse projeto e eu penso nele todos os dias... ele virou uma boa rotina. Tem que agilizar, ligar, e coisas diferentes aparecem. “Podemos utilizar aqueles computadores antigos para uma oficina de arte?”, quer dizer, cada dia tem uma novidade, algo diferente. “Precisamos de um maestro！”, quer dizer, algo que nós jamais imaginamos que iríamos passar como professores em um projeto de extensão. Temos que dar conta dessas pequenas coisas que acontecem, porque apoiamos o projeto enquanto universidade e também enquanto amigos, pois nos tornamos parceiros. Mas acho que o mais interessante disso tudo é a questão da autonomia mesmo e da mobilização que eles tem nas suas próprias comunidades. Valorizar o seu espaço, porque valorizando o seu espaço, porque respeitando as pessoas começam a te olhar diferente.”Respeita-te a ti mesmo que eu te respeitarei”, então eles tem muito mais força hoje e isso que para nós importa. É esse fortalecimento das comunidades. Embora o acervo seja algo prioritário para nós, se pensarmos nesse contexto, acabamos colocando o acervo como um “adjuvante”, não como “coadjuvante”, como um apoiador.

PABLO> Agradeço a vocês a entrevista e queria pedir para que em outra oportunidade eu possa retomar para colher mais algumas informações com vocês e tirar uma fotos.

FABIANE> ok.

ENTREVISTA 04

ENTREVISTADO: Ana Paula da Silva Santos (estagiária do Projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RPCMP, no Ponto de Cultura da Colônia Z-3)

DATA: Dia 31 de maio de 2010 (segunda-feira)

LOCAL: Biblioteca da do Campus I da Universidade Católica de Pelotas (Rua Gonçalves Chaves, nº 373 - primeiro (1º) piso)

ENTREVISTADOR: Pablo Fabião Lisboa

ASSUNTO: Dissertação do mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas intitulada “Digitalização e Virtualização de Acervos na Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas”

DURAÇÃO: 00:21:58 (horas/minutos/segundos)

FORMATO: Gravado no Panasonic RR-US470 (gravador digital) e transformado para o formato “.wav”; digitado em sistema linux, no programa BrOffice.org

CORPO

Pablo> Qual foi o período do teu trabalho no Ponto de Cultura da Colônia Z3 e quais as tarefas que tu executava?

Ana Paula> Eu comecei em 2007 o trabalho diretamente na Z3. Antes eu trabalhava do Ponto Administrativo (UCPEL), já que a estrutura da Z3 ainda não estava completa. Algumas épocas, dependendo da demanda eu ia todos os dias, em outras, eu ia três vezes por semana na Z3 e ficava os outros dias aqui (Ponto Administrativo), quando tinha alguma coisa mais importante pra resolver. Eu comecei lá, tentando chamar a comunidade pra dentro da escola (Raphael Brusque), porque é também um projeto de inclusão digital, então, fazer com que a comunidade aprenda a utilizar o computador, porque até então eles não sabiam, e com isso, constituir o acervo do Ponto de Cultura, porque não tinha nenhum registro, nem escrito, nem foto, nem nada. Daí eu fiz vários projetos, em conjunto com os professores também, que eram para que os alunos trouxessem estórias dos pais dos avos, que eles contavam em casa. Englobar todos os aspectos da colônia, a

praia, a igreja. Eu lembro que agente tem digitalizado, textos deles, de como os avós deles contavam que era a colônia Z3. Da formação de lá, da igreja que primeiro foi de madeira, depois foi construída, essas histórias assim. Eles registravam depois fotos antigas eles trouxeram para mim digitalizar. Como não tinha nada, agente buscava na comunidade e com os alunos, constituir esse acervo.

Nós fizemos entrevistas com os moradores, porque muitos eram fundadores da Colônia Z3, ou filhos dos fundadores. No começo eram sete famílias lá. Nós fizemos entrevista com umas cinco ou seis pessoas, mas agente não conseguiu finalizar. Tem algumas entrevistas que eu degravei. Porque se não são estas pessoas a contar agente não sabe, cada um tem uma visão diferente, os pescadores falam mais de como era a pesca, as donas de casa falam de com eram as casas.

Pablo> Como é que foi a tua inserção no projeto?

Ana Paula> A minha mãe trabalha lá, desde que eu nasci eu conheço as pessoas de lá, então eu fui convidada para participar, como eu sou aluna da UCPEL, apesar do meu curso não ter nada a ver, pois eu faço direito (risos). De uma forma geral não tem nada a ver, mas como formação humanística é muito importante. Apesar de não conhecer todos de lá, quando eu tentava fazer algum projeto as pessoas sempre se mostraram bem acessíveis, a comunidade sempre participou.

Pablo> Como chamavam a tua função? Digitalizadora?

Ana Paula> Não, na verdade eu era bolsista do projeto. Alguns achavam que eu era professora de informática, porque eu ficava na sala dos computadores. Quando não tinham projetos específicos, eu ficava orientando as crianças na indusão informática.

Pablo> O que tinha de estrutura no Ponto de Cultura?

Ana Paula> Tinha um computador que era do Ponto de Cultura e mais quatro computadores que foi do projeto que a Fabiane Marroni fez de reciclagem. Agente pedia peças e conseguimos montar quatro computadores. A partir daí tivemos internet rápida por banda larga, porque até então só tinha internet discada. Então foi um projeto do SERPRO (Serviço Federal de Processamento de Dados), em que foi internet para toda a escola e era muito movimentado pois tinham muita curiosidade.

Pablo> Em termos de acervo, teve alguma ação mais voltada a constituição de um acervo de imagens? E quais os conteúdos que tu trabalhou no projeto?

Ana Paula> Na questão de imagem, desde que o projeto começou, em todos os eventos que a comunidade fazia, nós participávamos tirando fotos para registrar e constituir o acervo através das fotos. Dos acervos antigos, conseguimos muitas fotos das festas dos navegantes que uma festa bem tradicional, dos barcos enfeitados e eram fotos em preto e branco. Conseguimos mais fotos da igreja também e de bailes. As fotos que chegaram até nós, agente fez o processo de digitalização, scanneando as fotos e deixando-as tanto no computador da escola como no Ponto Administrativo da UCPEL.

Pablo> Teve algum treinamento para que tu digitalizasse as imagens?

Ana Paula> Tivemos oficinas onde eu aprendi a usar o sistema operacional Linux e a digitalizar o acervo, a qualidade da imagem, geralmente estabelecendo 700 dpi por imagem na digitalização e salvando em tiff (extensão de arquivo).

Pablo> Quais foram as pessoas que participaram contigo no projeto?

Ana Paula> Honestamente, de uma forma geral todos apoiavam, mas na parte da informática e da digitalização de imagens depois de fazer as atividades com as crianças foi uma professora que já não está mais na escola que foi a Maria de Lourdes. Mas todos apoiavam, participando das reuniões mas não constituindo um acervo.

Pablo> Havia alguma ação antes do Projeto Pontos de Cultura na Z3, na área de informática ou de resgate da memória da comunidade?

Ana Paula> Que eu tenha conhecimento não. É que a comunidade é um pouco esquecida por parte da prefeitura digamos assim. O que eu lembro que era bom era o jornal “O Pescador”, que mexia um pouco com a auto-estima da comunidade.

Pablo> O que tu acha que ficou para a Z3 a partir deste projeto?

Ana Paula> Agente sempre falava nas palestras, que se agente pesquisasse no Google antes, agente não acharia nada da Colônia Z3, nenhum registro, como se

não existisse. E agora se eles pesquisassem, eles podiam achar o site do Ponto de Cultura, ver as fotos deles, as fotos da colônia, uma parte do acervo. Eu não sei se vai ter continuidade, mas antes era como se eles não existissem para o mundo.

Pablo> Como que esse acervo era divulgado?

Ana Paula> A divulgação era feita pelas galerias do site. Isso das mais atuais, porque das mais antigas não teve uma divulgação, pelo menos no período em que eu trabalhei. Agente não chegou a uma conclusão sobre como seria essa divulgação dos acervos mais antigos e históricos, pelo menos na época em que eu trabalhava lá, sobre os direitos de imagem e direitos autorais, coisas destes tipo. Eu trabalhei até 2009, então trabalhei durante dois anos no projeto, ou seja, de 2007 ATÉ 2009.

ENTREVISTA 05

ENTREVISTADO: Marilí Farias (Digitalizadora dos Acervos do Ponto de Cultura da Banda União Democrata no Projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RPCMP; tesoureira da entidade).

DATA: Dia 07 de junho de 2010 (segunda-feira)

LOCAL: Residência de Marilí Farias (Rua Rafael Pinto Bandeira, nº 1149, bairro Areal.)

ENTREVISTADOR: Pablo Fabião Lisboa

ASSUNTO: Dissertação do mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas intitulada “Digitalização e Virtualização de Acervos na Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas”

DURAÇÃO: 20:58 (minutos/segundos)

FORMATO: Gravado no Panasonic RR-US470 (gravador digital) e transformado para o formato “.wav”; digitado em sistema linux, no programa BrOffice.org

CORPO

PABLO> Desde quando tu estás na Banda Democrata e de que forma foi o teu ingresso na entidade?

MARILÍ> Fazem seis (6) anos que eu estou lá. Como no início não tinha uma secretaria, sendo que o Paulo era o primeiro secretário à época, e por estar fazendo a faculdade não tinha muito tempo, eu entrei como secretária. A UCPEL estava procurando os músicos que se interessassem no projeto e eu ficaria dando cobertura para eles, mas como ninguém se interessou. Nós fizemos o curso de capacitação onde meia dúzia foi e mesmo assim depois de dois dias ninguém quis mais, e eu continuei e comecei a me interessar e daí fui me entrosando.

PABLO> Tu trabalhava com o acervo?

MARILÍ> Isso. Eu comecei a trabalhar com o acervo, porque eles começaram a me ensinar a digitalizar. E como já estava organizado o acervo, dentro de envelopes

catalogados, então eu continuei o trabalho. Comecei pelos números seguindo a ordem, mas não está todo o acervo pronto porque é muita coisa.

PABLO> E quem é que organizou este acervo antes do Ponto de Cultura?

MARILÍ> Foi o Paulo Barbosa que era o primeiro secretário da Banda Democrata, junto com a Universidade Federal de Pelotas UFPEL, começou o projeto onde tinham três alunos da UFPEL que organizaram todo o acervo, porque estava tudo muito desorganizado e misturado. Então eles começaram a separar por partes, por focos distintos. Jornais, entrevistas, história, e depois colocaram em envelopes tudo anotado com o conteúdo e depois numeraram. Desta forma ficou mais fácil o outro projeto (digitalização de imagens).

PABLO> Com relação a o curso de digitalização, como é que foi?

MARILÍ> Durou mais ou menos uns trinta dias aproximadamente. Tinha a finalidade de nos instruir a digitalizar e a usar o Linux que nós não sabíamos, porque o projeto eram os computadores, o scanner a impressora e toda a parte de informática para nós digitalizarmos as imagens, mas nós não sabíamos usar o Linux. Então agente fez o curso para aprender. Tinham também umas estudantes que faziam o curso junto porque não sabiam. Eram as bolsistas da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL).

PABLO> Depois deste curso tu ficastes “craque” em digitalizar as imagens? (risos)

MARILÍ> Eu não consegui terminar ainda toda a digitalização, mas cada vez que eu chego lá na Banda Democrata eu digitalizo de três a quatro folhas, porque depois da digitalização, agente tem que gravar em cd e ir colocando em ordem e isso eu ainda não consegui fazer. Eu preciso que eles me dêem mais uns “toques” porque a maneira de colocar em ordem eu não sei porquê tem alguma coisa pra gente esclarecer. Isso tudo pra não ficar tudo no computador. Tem que tirar um pouco.

PABLO> Com relação a este acervo, chegou a ir algum acervo para a UCPEL, seja ele físico ou digital?

MARILÍ> Eles deixaram para agente trabalhar a vontade. Então depois que agente fizer e colocar no cd, eu vou fazer uma cópia e dar pra eles. O comprometimento é nosso de fazer a digitalização. Mas eles foram na sede da Banda e fizeram um estudo tirando fotos, então tem muita coisa registrado lá com eles.

PABLO> Tu te lembras quais os conteúdos do acervo da Banda Democrata?

MARILÍ> Tem muito mesmo é fotos. Fotos antigas com a Banda, do tempo que eles tocavam na rua, como festa de papai Noel, mas não me lembro de quando são as fotos, porque vamos fazer em setembro 1014 anos de entidade. Então tem fotos, livros, partituras, livros ata, estatuto, entrevistas de jornais que guardamos. Até poderia ter mais coisa, mas infelizmente foi jogado fora. Eu acho que jogaram fora porque as pessoas não se interessavam e não levaram a sério que aquilo ali era uma coisa cultural. Não se davam conta. Foram poucos que se interessaram. Tem muitos retratos na parede que são antigos, de presidentes, de maestros. É muito legal.

PABLO> Como tu acha que o pessoal da Banda Democrata enxergou o projeto do Ponto de Cultura?

MARILÍ> Pra eles a parte que eles viram mais o projeto foi quando a UCPEL fez uma reforma no prédio que ficou muito bom, colocaram ventiladores, luzes, chão, pintura, porta, forro, telhado, deram uma geral. Então aquilo ali, pra eles (os músicos da banda) apareceu mais do que simplesmente eu chegasse e dissesse: “nós estamos digitalizando o acervo”, começando pelo fato de que eles nem chegaram perto do computador, só me perguntam assim: “tu colocou alguma música aí? Tu não vai me dar as fotos daquela apresentação que tu colocou aí?”. Então é só isso que eles perguntam. Até mesmo os meninos que estão chegando não se dão conta disso, porque eles estão naquela ânsia de aprender a música, aprender a partitura, eles querem aprender a tocar. Então não pegam muito a questão do patrimônio e nem sabem. Depois com o tempo eles vão aprendendo que aquilo ali já é uma coisa mais antiga. Na banda nós temos gente de 15 anos e de 78 anos, então é bem diversificado em termos de idade.

PABLO> Quais são os planos de vocês a partir do trabalho do Ponto de Cultura?

MARILÍ> Eu acho que o Ponto de Cultura vai ser muito legal. Porque tu vai pesquisar em precisar mexer naquele monte de folha com aquele cheiro de coisa velha que às vezes nos deixa até ruim! Então para o futuro, os meninos com a música conquistem faculdade vai ser uma coisa mais moderna. É só ir ao computador que acha tudo. E pra nós está sendo muito bom. Eu faço os termos de ingresso dos alunos tudo no computador. E ainda que muitas pessoas vão passar pela banda e vão embora, então vai ficar alguma coisa bem guardadinha e bem estruturada para que as próximas gerações possam usar.

PABLO> O que tu acha que fica deste projeto para o futuro?

MARILÍ> Eu participava muito das reuniões do projeto, mas as reuniões lá na UCPEL são a tarde e eu comecei a trabalhar, mas eu sei que eles estão recomeçando devagar. E devagar eles nos conseguiram uniformes e estantes. A banda está toda uniformizada. Sacolas para carregar os uniformes. Então, eu não estou muito a par do que eles estão fazendo lá na UCPEL, mas quando agente precisa de alguma coisa agente vai lá e eles nos dão o suporte. Mas os planos deles eu não sei, mas pra nós está tudo caminhando tranquilo.

PABLO> Teria como a senhora me conseguir algum exemplar do acervo para que eu possa colocar na minha dissertação de mestrado? Alguma foto que faça alusão ao acervo?

MARILÍ> Pode sim. Tu vais lá comigo, se quiser levar uma máquina para fotografar alguma coisa. Ou então tu pega num cd as imagens digitalizadas. Só a internet que não está funcionando, mas pega as fotos num cd, leva um cd.

PABLO> Tem outras pessoas que buscam este tipo de informação do acervo, ou tu já disponibilizasse alguma informação ou imagem para outras pessoas?

MARILÍ> Sim. Nestes seis anos que eu estou lá, acho que uns três alunos de faculdade já foram lá fazer trabalho de conclusão de curso com a banda. Principalmente quem está fazendo música. Então eles vão lá e procuram bastante no acervo, a história, cada pesquisa é de um jeito. Inclusive nós temos um quadro que uma menina (pesquisadora) deixou lá na Banda.

PABLO> Como tu acha que foi o resultado deste projeto?

MARILÍ> Eu acho que em 114 anos estava muito parado. Então agora ele se modernizou, ficou muito bom pra nós, agora com o computador se faz tudo, é tudo mais fácil, é tudo mais rápido. Às vezes eu quero saber o que nós tocamos no repertório da FENADOCE de 2008, e encontramos no computador porque está tudo registrado. E eu gostei de fazer. No começo eu dizia: "Aí eu não gosto de lidar com coisa muito antiga", mas depois eu não sei por que eu fui gostando e me apaixonando, sei lá! E se um dia eu tiver que deixar para outros, eu vou ensinar tudo pra ver se todo mundo consegue preservar com mais tempo aquilo ali. Que não jogue fora que nem antigamente, que faça as coisas como tem que ser.

PABLO> A senhora me autoriza a colocar trechos desta nossa conversa na minha dissertação?

MARILÍ> Claro pode colocar.

ENTREVISTA 06

ENTREVISTADO: Marcela Pereira de Ávila (Bolsista do Projeto Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas – RCMP do Ponto de Cultura do Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo).

DATA: Dia 8 de julho de 2010 (terça-feira)

LOCAL: Biblioteca do Campus II da Universidade Católica de Pelotas (Rua Almirante Barroso, nº 1.202)

ENTREVISTADOR: Pablo Fabião Lisboa

ASSUNTO: Dissertação do mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas intitulada “Digitalização e Virtualização de Acervos na Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas”

DURAÇÃO: 07:12 (minutos/segundos)

FORMATO: Gravado no Panasonic RR-US470 (gravador digital) e transformado para o formato “.wav”; digitado em sistema linux, no programa BrOffice.org

CORPO

PABLO> Qual foi a tua tarefa no projeto Ponto de Cultura (Rede de Pontos de Cultura do Município de Pelotas?)

MARCELA> A minha tarefa era cuidar de todo o Ponto de Cultura do Clube Fica Ahí. O material estava todo organizado e a minha função então seria digitalizar todo o acervo do Fica Ahí, organizar isso depois no Ponto Administrativo, para esse material ficar disponível lá e cuidar das atividades que o Ponto de Cultura fosse desenvolver. O meu trabalho era bem focado no Ponto de Cultura do Fica Ahí, na digitalização das imagens e na organização das atividades como um todo.

PABLO> Qual o período que tu fizestes esse trabalho?

MARCELA> Eu ficava todas as tardes lá, eu tinha que cumprir 4 horas no projeto, então eu ficava das 14h às 18hs no clube. Aí depois que eu terminei de digitalizar

todo o material do Fica Ahí, eu fui trabalhar no Ponto Administrativo para editar esse material, porque agente digitalizou e deu um tratamento à este acervo.

PABLO> Tu te lembras das datas de quando tu trabalhaste?

MARCELA> Eu entrei no final de 2006 e fiquei até o final de 2008, fiquei dois anos trabalhando no projeto. Eu entrei no início do projeto.

PABLO> Tu podes falar um pouco mais a respeito do acervo que tu digitalizaste? Quais eram os conteúdos das imagens?

MARCELA> Quando eu fui pra lá o material estava anotado tudo em pastas e já estava catalogado. Eu lembro que a maioria dos materiais eram livros de ata do clube, de 1953, de 1962. Então como estava tudo organizado a minha tarefa foi a de separar e digitalizar todo esse material. Lembro que eu também peguei o jornal "Alvorada". Fotografei todo ele, porque ele era muito grande e não cabia no scanner, então eu fotografei. Também está lá disponível.

PABLO> Tem alguma coisa em termos de acervo no Ponto Administrativo?

MARCELA> Na verdade do acervo físico não tem nada na UCPEL (Ponto Administrativo), está tudo no Fica Ahí, está tudo num arquivo separado em pastas. Porque eu fiz toda a digitalização no Fica Ahí e depois eu levei em cd para o Ponto Administrativo.

PABLO> E os arquivos digitais?

MARCELA> Está todo o acervo digitalizado do Fica Ahí no Ponto Administrativo, porque o computador do Fica Ahí não tinha memória suficiente para armazenar todo o acervo digitalizado. Até porque está em uma qualidade de resolução alta, então não tinha como armazenar no Fica Ahí. Então algumas imagens mais importantes ficaram no clube, mas a totalidade de acervo digitalizado está no Ponto Administrativo.

PABLO> Para fazer as digitalizações, tu recebestes algum tipo de treinamento ou tu já sabia?

MARCELA> Na verdade a idéia do projeto era de trabalhar com software livre (Linux), antes eles fizeram oficinas para todo mundo que iria estar envolvido com o trabalho. Então eles fizeram curso de GIMP, que era o programa que agente utilizava para digitalizar os acervos, eu acho que foram duas ou três semanas de curso em software livre para depois começar o trabalho.

PABLO> Antes de trabalhar no Ponto de Cultura, tu já conhecia o Fica Ahí?

MARCELA> Sim, porque o seu Raul, que é o presidente do Fica Ahí é casado com uma tia minha, mas eu não participava tanto dos eventos como depois de ter entrado no projeto.

PABLO> Qual a tua opinião com relação ao trabalho desenvolvido, no que se refere a digitalização e quanto a generalidade do projeto?

MARCELA> Como o Fica Ahí tem uma história muito grande, eu acho que se não tivesse a digitalização, essa história iria ficar bem perdida, porque ninguém se interessa em pegar um livro antigo e ler e eu acho que com a digitalização, as pessoas vão ter mais facilidade em realizar um trabalho com é esse que tu estas fazendo. Podem se dirigir até o clube e encontrar tudo organizado, pra isso é super importante.

PABLO> Como que tu achas que o pessoal do Fica Ahí via o projeto? Qual era a receptividade deles?

MARCELA> Eles estavam bem empolgados, receberam agente super bem, qualquer evento lá no Ponto, eles estavam sempre dispostos a ajudar. Para eles foi um resgate da história deles de coisas que estavam perdidas e o Ponto resgatou.

PABLO> Tu autoriza que eu transcreva esta entrevista e colocar em minha dissertação?

MARCELA> Claro.

ANEXO IV**Música *Cordel de Banda Larga* de Gilberto Gil (lançamento: 2008)**

Pôs na boca, provou, cuspiu
É amargo, não sabe o que perdeu
Tem um gosto de fel, raiz amarga
Quem não vem no cordel da banda larga
Vai viver sem saber que mundo é o seu

Mundo todo na ampla discussão
O neuro-cientista, o economista
Opinião de alguém que esta na pista
Opinião de alguém fora da lista
Opinião de alguém que diz que não

Uma banda da banda é umbanda
Outra banda da banda é cristã
Outra banda da banda é kabala
Outra banda da banda é alcorão
E então, e então, são quantas bandas?
Tantas quantas pedir meu coração

E o meu coração pediu assim, só
Bim-bom, bim-bom, bim-bom, bim-bom

Ou se alarga essa banda e a banda anda
Mais ligeiro pras bandas do sertão
Ou então não, não adianta nada
Banda vai, banda fica abandonada
Deixada para outra encarnação

Rio Grande do Sul, Germania
Africano-ameríndio Maranhão

Banda larga mais demografizada
Ou então não, não adianta nada
Os problemas não terão solução

Piraí, Piraí, Piraí
Piraí bandalargou-se um pouquinho
Piraí infoviabilizou
Os ares do município inteirinho
Com certeza a medida provocou
Um certo vento de redemoinho

Diabo de menino agora quer
Um i pod e um computador novinho
Certo é que o sertão quer virar mar
Certo é que o sertão quer navegar
No micro do menino internetinho

O Netinho, baiano e bom cantor
Ja faz tempo tornou-se um provedor - provedor de acesso
À grande rede www
Esse menino ainda vira um sábio
Contratado do Google, sim sinho

Diabo de menino internetinho
Sozinho vai descobrindo o caminho
O rádio fez assim com seu avô

Rodovia, hidrovia, ferrovia
E agora chegando a infovia
Pra alegria de todo o interior

Meu Brasil, meu Brasil bem brasileiro
O You Tube chegando aos seus grotões
Veredas do sertão, Guimarães Rosa,

Ilíadas, Lusíadas, Camões,
Rei Salomão no Alto Solimões,
O pé da planta, a baba da babosa.

Pôs na boca, provou, cuspiu
É amargo, não sabe o que perdeu
É amarga a missão, raiz amarga
Quem vai soltar balão na banda larga
É alguém que ainda não nasceu